

**HELENA SANTOS, PAULA ABREU,
AUGUSTO SANTOS SILVA, FELÍCIA LUVUMBA,
CARLOS FORTUNA, CLAUDINO FERREIRA,
PAULO PEIXOTO**

**CONSUMOS CULTURAIS EM CINCO CIDADES:
AVEIRO, BRAGA, COIMBRA, GUIMARÃES E PORTO**

nº 146
Novembro 1999

OFICINA DO CES

Publicação Seriada do

Centro de Estudos Sociais

Praça de D. Dinis

Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

Correspondência:

Apartado 3087, 3001 - 401 Coimbra

***CONSUMOS CULTURAIS EM CINCO CIDADES: AVEIRO, BRAGA, COIMBRA,
GUIMARÃES E PORTO.***

RELATÓRIO DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ADMINISTRADO EM 1997.

Resultado do Projecto de Investigação "Culturas Urbanas e Imagens das Cidades: Recursos, Práticas e Acontecimentos Culturais em Algumas Cidades Portuguesas", financiado pela JNICT e co-financiado pelas Câmaras Municipais de Aveiro e do Porto.

Coordenação geral do projecto: Augusto Santos Silva e Carlos Fortuna.

Equipa do projecto:

Augusto Santos Silva, Helena Santos (Faculdade de Economia da Universidade do Porto); Carlos Fortuna, Claudino Ferreira, Paula Abreu e Paulo Peixoto (Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra); Margarida Lima de Faria (Centro de Estudos Ultramarinos, Instituto de Investigação Científica e Tropical); Felícia Luvumba, Graça Bandeira.

Instituições:

Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
Faculdade de Economia da Universidade do Porto

Autores do relatório:

Helena Santos, Paula Abreu, Augusto Santos Silva, Felícia Luvumba, Carlos Fortuna, Claudino Ferreira, Paulo Peixoto.

ÍNDICE

I. Introdução.....	5
II. A composição social das cidades.....	9
III. Cultura, informação e lazer.....	29
IV. Excluídos, ocasionais e habitados.....	51
V. Síntese dos resultados.....	83
Anexo I: delimitação da amostra.....	89
Anexo II: anexo estatístico.....	93
Referências bibliográficas.....	123

I. INTRODUÇÃO

O que é que sabemos acerca dos públicos culturais das nossas cidades? Sabemos pouco. Temos, porém, consciência de que um conhecimento minimamente aprofundado e actualizado destes públicos é uma condição indispensável para avaliarmos a sustentação do relacionamento entre oferta e procura, no campo da cultura. É-o, qualquer que seja o interesse fundamental que nos mova: intervir como criador, produtor ou intermediário cultural; conduzir políticas públicas ou acções privadas; ou, mais distanciadamente, considerar as potencialidades e os bloqueamentos da dinâmica urbana, incluindo a sua vertente de afirmação e projecção para o exterior.

Há já alguns anos que um certo número de sociólogos portugueses vem procurando realizar os estudos e pesquisas necessários para a elaboração desse conhecimento. Sem esquecer várias investigações de carácter mais pontual ou sectorial e a sistematização ensaiada por Idalina Conde (1997), cumpre lembrar o marco que foi a aplicação de um inquérito por questionário e amostragem aos residentes da Grande Lisboa, em 1994, no quadro da Lisboa-Capital da Cultura e por encomenda da sociedade promotora. O inquérito foi acolhido no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, e dirigido por José Machado Pais. O número de inquiridos ascendeu a 1002 residentes. Os resultados foram rapidamente publicados em livro (J. Machado Pais *et al.*, 1994).

Não há nada de comparável no que importa às nossas restantes cidades. Por isso, no quadro da colaboração entre as Faculdades de Economia de Coimbra e do Porto, reuniu-se uma equipa de investigação, coordenada por Augusto Santos Silva e Carlos Fortuna, e composta, para além deles, por Claudino Ferreira, Helena Santos, Paula Abreu, Paulo Peixoto e Felícia Luvumba, com a finalidade de aprofundar o conhecimento sociológico das dinâmicas culturais urbanas em cidades de média dimensão. E com esta equipa nasceu o projecto de investigação designado "*Culturas Urbanas e Imagens das Cidades: recursos, práticas e acontecimentos culturais em algumas cidades portuguesas*", cujos principais objectivos consistiam no

desenvolvimento de protocolos de observação que permitissem apreender e interpretar sociologicamente algumas das actuais dinâmicas culturais urbanas: a) reconfigurações na estrutura de equipamentos e na rede de oferta de bens e serviços culturais; b) recomposições de públicos e procuras culturais, nomeadamente daqueles que surgem associados à expansão das classes médias urbanas; c) emergência de novas formas de consumo, recepção, criação e produção cultural, protagonizadas por membros dessas classes médias e caracterizadas por aproximações, cruzamentos e contaminações entre expressões da cultura erudita, cultura de massas e cultura popular; d) processos de patrimonialização e sua articulação, quer com práticas de afirmação identitária local, quer com estratégias de promoção turística e projecção da imagem das cidades; e) produção e promoção de acontecimentos e mega-acontecimentos, orientados simultaneamente para a produção e promoção de actividades culturais e representações sobre as cidades.

As cidades seleccionadas para observação foram cinco: Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto. No entanto, por razões distintas, foram também associadas ao projecto as cidades de Lisboa e Évora. A primeira pelo facto de ter sido o local de realização da Expo'98, objecto de um dos estudos de caso sobre a dinâmica de produção de mega-acontecimentos culturais e urbanos. E a segunda por ter sido o objecto empírico privilegiado para um estudo sobre os usos do património e as imagens das cidades.

A pesquisa empírica assentou em quatro grandes procedimentos metodológicos: o registo e a caracterização das instituições e agentes a operar na área da cultura, com recurso a observatórios documentais por cidade e a entrevistas estruturadas a um painel de promotores/produtores culturais locais; o registo sistemático dos eventos, dos bens patrimoniais e das acções de salvaguarda e promoção; a administração de um inquérito por questionário; a realização de 80 entrevistas em profundidade a consumidores culturais regulares. O estudo de caso sobre a produção da Expo'98 envolveu ainda o desenvolvimento de dois dispositivos empíricos complementares: um observatório de imprensa e um painel de entrevistas a responsáveis políticos e técnicos pela organização da Exposição.

A preparação de grande parte dos protocolos de observação ocupou quase todo o primeiro ano do projecto. E a sua aplicação e desenvolvimento absorveu grande parte das tarefas desenvolvidas não só ao longo de 1997, mas também de 1998. O projecto

termina com um volume de informação empírica produzida que não seria possível obter sem um esforço de maximização dos recursos disponibilizados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelas Câmaras Municipais de Aveiro e Porto. O *terminus* do projecto representa, fundamentalmente, o fim das tarefas de investigação e pesquisa no terreno. Grande parte das tarefas de análise dos dados e apuramento dos resultados encontra-se ainda em curso, prevendo-se para o próximo ano a publicação de diferentes textos de apresentação de resultados.

Uma das peças centrais no desenvolvimento da pesquisa empírica deste projecto consistiu na aplicação de um inquérito por questionário sobre representações e práticas culturais, a uma amostra representativa dos residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto. Com o objectivo de encontrar recursos que permitissem aumentar a dimensão da amostra inicialmente prevista no projecto (1.000 inquéritos), foram feitos contactos junto das Câmaras Municipais destas cinco cidades. Mercê do interesse e do apoio financeiro das Câmaras de Aveiro e do Porto, foi possível alargar o número de inquéritos aplicados nestas duas cidades e, conseqüentemente, reajustar a dimensão global da amostra. No caso particular de Aveiro, o acordo estabelecido com o Executivo Municipal passou mesmo pela extensão do estudo a todas as freguesias do concelho, incluindo as rurais, não integradas no nosso projecto de investigação. Assim, para cumprir o acordo, foi constituída uma amostra autónoma dos residentes no concelho que incluiu a aplicação de 500 questionários, distribuídos proporcionalmente por freguesias rurais e urbanas. No entanto, para efeitos do presente relatório, apenas são considerados, em Aveiro, os 250 questionários previstos na definição da amostra global das cinco cidades¹. Neste âmbito, foram elaborados e entregues às respectivas Câmaras Municipais dois relatórios autónomos sobre os concelhos de Aveiro e Porto (cfr. Helena Santos *et al.*, 1998 e A Santos Silva *et al.*, 1998b). O leitor que os conhecer não deixará de notar, evidentemente, várias repetições, de estrutura e conteúdo, entre este relatório global do inquérito e esses relatórios específicos. A diferença principal reside em que este, destinado a circulação restrita entre a comunidade académica e profissional, apresenta sistematicamente a informação construída sobre e só sobre os consumos de cultura, para todas as cidades. Ao passo que o estudo sobre Aveiro incide

¹ No caso do Porto, o protocolo estabelecido com a Câmara Municipal permitiu alargar o número de inquéritos aplicados na cidade sem introduzir alterações ao plano de amostragem. Sendo urbanas todas as freguesias do concelho, a sua inclusão na amostra estava já prevista no projecto.

sobre todo o concelho, freguesias rurais incluídas; e o do Porto demora-se nas questões da identidade e imagem da cidade, trabalha sobretudo a perspectiva dos públicos e, dirigido a uma Câmara empenhada na preparação de 2001 – Capital Europeia da Cultura, discute linhas de acção para alargamento e qualificação daqueles públicos.

O inquérito por questionário foi aplicado, entre 2 de Maio e 15 de Agosto de 1997, a uma amostra de 1500 residentes das cinco cidades, tendo sido realizados 500 questionários na cidade do Porto e 250 em cada uma das restantes cidades. Este texto procura sintetizar os principais resultados obtidos. A análise destacará as tendências mais directamente ligadas à questão dos públicos da cultura e da sua relação com a oferta local, seja ela constituída pelos equipamentos de base ou pelas actividades dos criadores e produtores.

A informação produzida pelo projecto é particularmente abundante e não diz apenas respeito ao inquérito aplicado nas cinco cidades. Para além dos estudos de caso acima referenciados, foram ainda completados em 1998 o painel de entrevistas a consumidores culturais regulares e o observatório relativo à oferta cultural das cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto. Todavia, o objectivo imediato deste relatório é disponibilizar os resultados globais, avançando, posteriormente, em textos parcelares, para trabalhos de sistematização e interpretação sectorial dos resultados do projecto.

II. A COMPOSIÇÃO SOCIAL DAS CIDADES

1.

O universo do estudo agora reportado é, então, constituído pelos habitantes das cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto, com 15 e mais anos de idade. De acordo com o Recenseamento de 1991, trata-se de 493.737 pessoas: 36.962 em Aveiro, 74.330 em Braga, 81.800 em Coimbra, 49.445 em Guimarães e 251.200 no Porto. A amostra de 1500 indivíduos foi composta por aplicação das seguintes quotas, não cruzadas entre si: quanto à residência, separaram-se as cinco cidades e, dentro destas, as freguesias de residência mais próximas dos centros históricos e as restantes; quanto ao género, separaram-se homens e mulheres; quanto à idade, dividiram-se os elementos entre os grupos de 15 a 24 anos, 25 a 44 anos e 45 e mais anos; quanto ao nível de instrução, apartaram-se as habilitações equivalentes ou inferiores ao segundo ciclo do ensino básico, aquelas correspondentes ao 3º ciclo do básico ou ao secundário, e todos quantos frequentam, frequentaram ou concluíram o ensino superior (politécnico ou universitário); quanto à condição perante o trabalho, distinguiram-se os activos dos não activos e, dentro destes, os estudantes, as domésticas e os restantes não activos².

Numa primeira etapa, elaborou-se uma amostra por quotas “clássica”, respeitando as proporções obtidas pelas quotas na população de cada uma das cidades, de acordo com os dados do Recenseamento de 1991. Esta amostra foi depois equilibrada e ponderada, para corrigir desvios na proporcionalidade das quotas e “elevantar” a amostra à escala da população real. Obteve-se, assim, uma amostra representativa da população das cinco cidades, em relação à qual é possível conhecer os desvios amostrais das diferentes variáveis. Os valores absolutos resultantes e apresentados nos quadros estatísticos deste relatório vêm expressos em centenas: quer dizer, onde se lê, por exemplo, que 441 “inquiridos” declaram visitar regularmente um

² No Anexo I, o Quadro I, apresenta o conjunto das freguesias consideradas em cada uma das cidades e a sua agregação de acordo com a maior ou menor proximidade aos centros históricos. O Quadro II apresenta a distribuição da população residente nas cinco cidades, segundo os critérios considerados na construção das quotas da amostra.

museu de arte, isso significa que, projectados os valores da amostra de 1500 pessoas para o total da população, uns 44.100 habitantes das nossas cinco cidades visitaram regularmente um museu de arte³.

Não ignoramos, evidentemente, que os consumos culturais que se realizam em Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto estão longe de se circunscrever aos residentes nestas cidades. Neste como noutros domínios, as cidades integram redes urbanas cada vez mais latas e cada vez mais marcadas por intensos fluxos. Relembramos, todavia, que é nossa intenção perceber a dinâmica específica das cidades e das populações urbanas.

Ora, como se compõem essas populações? Porque este dado é essencial. Todos os estudos disponíveis confirmam a fortíssima correlação entre condição social e consumo cultural. Mostram, em particular, que este consumo tende a ser mais regular e intenso entre os grupos detentores de mais elevados diplomas escolares; entre os grupos socioprofissionais de actividade técnica, científica e liberal; e entre os jovens, designadamente, os estudantes do ensino superior. Apercebidos numa primeira e grosseira aproximação, os públicos da cultura estão neste universo.

Como é que as populações destas cidades se caracterizam, do ponto de vista da sua composição social? As comparações intercensitárias têm mostrado uma tendência geral de qualificação das populações urbanas, visível no crescimento do número de profissionais liberais, quadros científicos e técnicos e pessoal de enquadramento dos serviços, comércio e administração. Esse crescimento foi anteriormente observado nas cidades de Braga e Porto (A. Santos Silva *et al.*, 1998a: 70) e também na cidade de Aveiro (H. Santos *et al.*, 1998: 15-16), deixando antever um movimento semelhante em Coimbra e em Guimarães.

A distribuição da população activa segundo os grupos sócio-económicos (Quadro I, do Anexo II) nos concelhos das cinco cidades que estamos a analisar esconde o efeito de concentração nas freguesias urbanas dos grupos mais qualificados (com excepção do Porto, em que todas as freguesias do concelho são urbanas). No entanto, permite observar alguma heterogeneidade entre os concelhos e, possivelmente, entre as cidades, que nos parece importante reter desde já. O concelho de Coimbra destacava-se, já em 1991, pela mais elevada proporção do conjunto de profissionais liberais e quadros

³ O trabalho de elaboração e definição da amostra resultou da colaboração entre a equipa de investigação e a *Eurequipa*, empresa responsável pela aplicação do questionário e pela elaboração da base de dados.

dirigentes, intelectuais e científicos, e médios (27%), ultrapassando mesmo a proporção observada para o concelho (e cidade) do Porto: 24%. No extremo oposto, encontramos o concelho de Guimarães, caracterizado não só pela menor proporção daquelas categorias na população activa (7 %), mas também pelo grande peso do grupo dos operários: 54%⁴. Apenas em Braga voltamos a encontrar uma proporção importante de operários (mais de um terço da população activa), já que, mesmo em Aveiro, eles não ultrapassam um quarto dos activos. Nestes dois concelhos, o cálculo que utilizámos para aferir a população mais profissionalmente qualificada soma, respectivamente, 16 e 18%.

Outro dado impressionante, e numa outra ordem de apreciação – porque, justamente, tem em conta a localização da actividade e não da residência – diz respeito ao número de estudantes a frequentar o ensino superior em cada cidade. De acordo com as estatísticas oficiais, e embora os indicadores estatísticos disponíveis sejam pouco sistematizados (cf. Quadros II a IV do Anexo II) o número de alunos matriculados nos estabelecimentos de ensino superior nas áreas geográficas das cinco cidades cresceu muito, verificando-se um aumento, menor mas significativo, quanto ao número de professores e de estabelecimentos de ensino superior. Podemos pressupor que este crescimento terá arrastado consigo a progressiva fixação de quadros intelectuais e científicos e de técnicos intermédios associados ao funcionamento das respectivas instituições.

Que informação acrescenta o nosso inquérito a este panorama? Desde logo, uma confirmação global da recomposição no sentido de maior presença dos grupos qualificados, escolar e profissionalmente.

Dois pequenos exercícios para ilustrá-lo. Comparemos os inquiridos com os respectivos pais, quanto ao capital escolar, fazendo para isso as necessárias equivalências à nomenclatura actual e retendo o nível de instrução, quer dizer, o nível frequentado ou concluído (com a excepção assinalada). O Quadro nº 1 mostra quão substancial é a melhoria, que fica ainda reforçada se isolarmos os inquiridos mais jovens. Embora seja certo que o ponto de partida era muito baixo e o ponto de chegada é, por enquanto, também baixo, por referência aos padrões das sociedades modernas avançadas. Coimbra destaca-se, mais uma vez, no quadro das cidades em estudo, com 24% de inquiridos com instrução de nível superior – para o Porto, essa proporção é de

⁴ Atente-se que a categoria se refere aos operários industriais qualificados e semi-qualificados (os restantes estão incluídos na categoria “trabalhadores não qualificados”, que agrupa todos os sectores).

18%. E, no pólo mais desfavorecido, Guimarães conta apenas com 7 em cada 100 inquiridos naquele nível de escolaridade.

QUADRO Nº 1
NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS INQUIRIDOS E DOS PAIS DOS INQUIRIDOS,
SEGUNDO A CIDADE (% EM COLUNA)

	Inquiridos com menos de 35 anos	Total dos inquiridos	Pais dos inquiridos	Mães dos inquiridos	
AVEIRO	< 1º ciclo	3,7	10,9	26,4	36,3
	1º ciclo (completo)	7,7	24,6	50,1	50,1
	2º ciclo	19,1	19,0	6,7	2,2
	3º ciclo	37,4	20,7	6,2	2,8
	Secundário	10,5	8,5	5,0	4,1
	Politécnico	2,5	3,8	1,3	1,4
	Universitário	19,0	12,5	4,4	3,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
(N. ponderado)	(154)	(370)	(353)	(361)	
BRAGA	< 1º ciclo	8,2	6,9	26,7	35,0
	1º ciclo (completo)	29,1	27,5	46,2	44,5
	2º ciclo	31,5	21,7	6,0	4,7
	3º ciclo	17,8	19,7	8,6	5,3
	Secundário	1,0	9,4	6,5	3,6
	Politécnico	12,5	3,0	2,1	4,5
	Universitário	100,0	11,8	3,8	2,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
(N. ponderado)	(374)	(743)	(697)	(718)	
COIMBRA	< 1º ciclo	1,2	11,4	30,4	39,2
	1º ciclo (completo)	6,2	22,9	40,8	38,5
	2º ciclo	22,2	12,9	3,5	4,6
	3º ciclo	14,9	15,7	8,3	6,9
	Secundário	26,8	13,4	7,9	2,7
	Politécnico	3,7	7,2	1,8	4,2
	Universitário	25,0	16,6	7,3	4,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
(N. ponderado)	(366)	(818)	(774)	(801)	
GUIMARAES	< 1º ciclo	15,3	11,3	41,0	50,2
	1º ciclo (completo)	47,4	33,8	45,2	40,7
	2º ciclo	21,0	26,2	7,2	3,5
	3º ciclo	14,3	14,3	3,5	3,7
	Secundário	2,0	7,2	1,3	,8
	Politécnico	100,0	2,6	,7	1,1
	Universitário	2,0	4,6	1,0	
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
(N. ponderado)	(215)	(494)	(473)	(475)	
PORTO	< 1º ciclo	1,4	8,0	30,4	37,6
	1º ciclo (completo)	9,4	35,4	48,4	47,1
	2º ciclo	14,0	11,6	5,8	4,1
	3º ciclo	31,1	15,5	5,3	5,1
	Secundário	19,3	11,7	3,2	2,1
	Politécnico	6,4	4,6	2,5	1,4
	Universitário	18,3	13,2	4,4	2,6
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
(N. ponderado)	(927)	(2512)	(2476)	(2488)	
TOTAL	< 1º ciclo	1,1	8,9	29,6	37,9
	1º ciclo (completo)	9,1	31,2	45,1	44,0
	2º ciclo	22,2	15,4	5,5	4,0
	3º ciclo	27,6	16,4	5,9	5,0
	Secundário	19,2	10,9	4,3	2,4
	Politécnico	4,0	4,5	2,0	2,2
	Universitário	16,8	12,6	4,3	2,5
	Não responde			3,3	1,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	
(N. ponderado)	(2036)	(4937)	(4937)	(4937)	

O segundo exercício é análogo: comparar a condição das famílias dos inquiridos com a das suas famílias de origem (isto é, dos seus pais). Exercício simples, mas que exige algum esclarecimento sobre o modo de construção das variáveis que dão conta dessa mesma condição.

O conceito de “classe social” que usaremos é operacionalizado a partir das seguintes variáveis: profissão desempenhada, sector de actividade respectivo, situação na profissão, qualificação profissional e posição na hierarquia da organização em que se trabalha⁵. O nível de instrução é, por vezes, retido - e foi-o, no nosso inquérito - para corrigir dúvidas de codificação.

Com base nas respostas dadas, os inquiridos foram distribuídos pelas seguintes oito classes principais:

1) Os empresários e patrões, também chamados, em conjunto, *burguesia empresarial e proprietária* (BEP): são proprietários de empresas, de qualquer sector, empregando pessoal ao seu serviço;

2) Os quadros dirigentes e os profissionais liberais, também chamados, em conjunto, *burguesia dirigente e profissional* (BDP): estão aqui reunidos os gestores e dirigentes de topo de empresas de que não são proprietários; e os profissionais científicos e técnicos que trabalham por conta própria;

3) Os quadros intelectuais e científicos, ou *pequena burguesia intelectual e científica* (PBIC): são professores, engenheiros, jornalistas, economistas, etc., desde que assalariados; também lhes chamaremos, por simplicidade, quadros superiores;

4) Os profissionais técnicos e de enquadramento intermédio, doravante designados por quadros médios ou *pequena burguesia técnica e de enquadramento intermédio* (PBTEI): assalariados que desempenham funções técnicas e de chefia intermédia, como chefes de secções administrativas, gerentes comerciais ou chefes de equipas industriais;

5) Os empregados, ou *pequena burguesia de execução* (PBE): são os trabalhadores assalariados de profissões terciárias, que não exerçam funções de chefia: empregados de escritório, de serviços, do comércio;

6) Os operários industriais ou *operariado industrial* (OI): são os trabalhadores assalariados de profissões industriais, que não exerçam funções de chefia: metalúrgicos, pedreiros, vidreiros, corticeiros, etc.;

7) Os operários agrícolas ou *operariado agrícola* (OA): são os trabalhadores assalariados da agricultura, que não exerçam funções de chefia;

⁵ Seguimos, aqui, o modelo elaborado por João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado (1988), no seu trabalho sobre estudantes do ensino superior.

8) Os artesãos, pequenos industriais e comerciantes ou *pequena burguesia independente e proprietária* (PBIP): são os trabalhadores por conta própria (e os pequenos patrões que realizam também trabalho produtivo) das actividades não-agrícolas;

Esta classificação vale para os que exercem ou exerceram uma actividade económica. No segundo caso (reformados e desempregados), considera-se a última profissão exercida. Os restantes não activos (sobretudo, domésticas e estudantes) são classificados de acordo com a caracterização dos membros activos das respectivas famílias (cônjuges ou pais). Finalmente, da combinação de diferentes condições socioprofissionais podem resultar classificações mistas. É o que acontece, com algum significado, no nosso caso, com as famílias que compreendem pequenos empreendedores independentes e trabalhadores assalariados (e que constituem a *pequena burguesia proprietária e assalariada*, PBPA); ou com as famílias de camponeses e assalariados (que formam a *pequena burguesia agrícola*, PBA, e a *pequena burguesia agrícola pluriactiva*, PBAP); ou ainda com os operários e empregados pluriactivos (que constituem o *operariado pluriativo*, OP ou a *pequena burguesia de execução pluriactiva*, PBEP). O Quadro nº 2 apresenta os resultados obtidos.

Não há motivo para dúvidas, relativamente às tendências gerais: entre a geração dos pais e a geração do inquirido, verificou-se o recuo das posições independentes e o reforço do assalariamento; a diminuição da parte devida ao trabalho agrícola e ao trabalho industrial e a progressão dos “colarinhos brancos” do sector terciário; a expansão dos grupos qualificados, quer do ponto de vista académico, quer do ponto de vista profissional. Isto não significa, evidentemente, que a estrutura vigente esteja reduzida ou seja hegemónizada por estes últimos: bastará notar que se mantém predominante, em termos relativos, o peso das famílias acantonadas nas posições subalternas do assalariamento (empregados e operários). Mas a situação é já bem diversa da geração anterior a cada uma: a população inquirida viveu, em geral, uma translação para cima, no espaço social; serão, pois, provavelmente frequentes trajectórias de mobilidade ascendente.

Este movimento conta com algumas posições específicas nas cidades. Assim, em Guimarães não se verificam alterações entre o peso da pequena burguesia tradicional relativamente às duas gerações. Também as taxas de assalariamento subalterno das

famílias se apresentam extremas no Porto e em Guimarães: superiores a 50%, na primeira, pela terciarização (empregados) e, na segunda, pelo peso das famílias operárias.

QUADRO Nº 2
LUGAR DE CLASSE DA FAMÍLIA ACTUAL E DA FAMÍLIA DE ORIGEM DOS INQUIRIDOS,
SEGUNDO A CIDADE (% EM COLUNA)

	Família Actual	Família de Origem
AVEIRO		
Empresários e patrões (BEP)	2,1	,4
Directores e profissionais liberais (BDP)	4,3	1,8
Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	8,6	3,0
Quadros médios (PBTEI)	6,5	3,3
Empregados (PBE)	18,6	12,5
Pequenos independentes (PBIP)	11,8	16,5
Proprietários independentes e assalariados (PBPA)	13,1	6,8
Operários industriais (OI)	19,8	22,0
Operários agrícolas (OA)		1,3
Empregados + operários (PBEP+OP)	7,5	9,5
Outros, sem informação	7,7	23,0
Total	100,0	100,0
(N. ponderado)	370	370
BRAGA		
Empresários e patrões (BEP)		1,1
Directores e profissionais liberais (BDP)	3,4	1,3
Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	10,9	1,9
Quadros médios (PBTEI)	12,6	6,8
Empregados (PBE)	21,8	11,6
Pequenos independentes (PBIP)	14,0	17,1
Proprietários independentes e assalariados (PBPA)	12,2	12,0
Operários industriais (OI)	15,0	21,9
Operários agrícolas (OA)		3,3
Empregados + operários (PBEP+OP)	6,7	7,8
Outros, sem informação	3,4	15,3
Total	100,0	100,0
(N. ponderado)	743	743
COIMBRA		
Empresários e patrões (BEP)	,7	3,3
Directores e profissionais liberais (BDP)	8,9	,8
Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	14,8	6,8
Quadros médios (PBTEI)	7,7	5,3
Empregados (PBE)	17,0	13,5
Pequenos independentes (PBIP)	7,7	13,6
Proprietários independentes e assalariados (PBPA)	9,7	6,0
Operários industriais (OI)	13,3	19,9
Operários agrícolas (OA)		6,2
Empregados + operários (PBEP+OP)	11,4	7,5
Outros, sem informação	8,8	17,1
Total	100,0	100,0
(N. ponderado)	818	818
GUIMARÃES		
Empresários e patrões (BEP)	1,5	2,1
Directores e profissionais liberais (BDP)	3,0	,7
Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	2,3	,3
Quadros médios (PBTEI)	3,9	3,5
Empregados (PBE)	11,9	7,5
Pequenos independentes (PBIP)	11,6	11,7
Proprietários independentes e assalariados (PBPA)	14,4	9,1
Operários industriais (OI)	35,2	43,6
Operários agrícolas (OA)	,7	,9
Empregados + operários (PBEP+OP)	8,9	6,3
Outros, sem informação	6,7	14,2
Total	100,0	100,0
(N. ponderado)	494	494
PORTO		
Empresários e patrões (BEP)	2,1	,8
Directores e profissionais liberais (BDP)	3,7	1,3
Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	10,9	4,0
Quadros médios (PBTEI)	6,1	3,2
Empregados (PBE)	19,9	12,0
Pequenos independentes (PBIP)	7,8	12,1
Proprietários independentes e assalariados (PBPA)	6,4	5,2
Operários industriais (OI)	19,4	31,2
Operários agrícolas (OA)	1,1	3,0
Empregados + operários (PBEP+OP)	16,0	9,6
Outros, sem informação	6,7	17,8
Total	100,0	100,0
(N. ponderado)	2512	2512
TOTAL		
Empresários e patrões (BEP)	1,5	1,4
Directores e profissionais liberais (BDP)	4,5	1,2
Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	10,5	3,7
Quadros médios (PBTEI)	7,2	4,1
Empregados (PBE)	18,8	11,8
Pequenos independentes (PBIP)	9,4	13,4
Agrícolas independentes (PBA-PBAP)	0,6	6,4
Proprietários independentes + assalariados (PBPA)	9,1	6,9
Operários industriais (OI)	19,3	28,5
Operários agrícolas (OA)	0,6	3,2
Empregados + operários (PBEP, OP)	12,5	8,6
Outros, sem informação	6,1	10,9
Total	100,0	,0
(N. ponderado)	(4937)	(4937)

2.

Para identificar o que poderíamos chamar de públicos culturais potenciais, não basta ficar pela caracterização geral, em termos de instrução e pertença de classe. Porque sabemos duas coisas mais: que a idade e o género são também variáveis causais das práticas e representações culturais; e que idade, género, instrução e profissão entretecem relações de interdependência, cuja omissão pode conduzir a interpretações erradas. O leitor interessado em conhecer estes círculos sociais onde mais facilmente se pode constituir uma procura regular terá, portanto, a paciência de acompanhar-nos numa pequena radiografia à composição da nossa amostra.

Já não valerá a pena insistir na correlação negativa entre idade e instrução: os mais jovens são, em regra, mais instruídos; e, para o conjunto das cidades, 93% dos analfabetos periliterais têm mais de 45 anos. Mas é importante ver como triangulam as variáveis sexo, idade e instrução (Quadro n.º 3)⁶. Verificar-se-á que as diferenças entre os sexos são profundas, apenas atenuadas, no Porto e em Braga, entre os mais velhos, categoria etária na qual a privação em matéria escolar é esmagadora. A tendência global é também no sentido da mais elevada escolarização dos homens em relação às mulheres. E, nos grupos mais jovens e com maior instrução, essa superioridade aparece, nesta amostra, excessivamente acentuada, pois sabemos, por outras fontes, que tal clivagem tem vindo a ser superada. Trata-se, portanto, de uma característica específica da amostra, não extrapolável para a população, mas que deve ser retida na interpretação das subseqüentes ventilações das práticas culturais por sexo e idade⁷.

⁶Um pequeno mas indispensável esclarecimento técnico. Como os valores absolutos ponderados - os tais que são aqui expressos em centenas, e que resultam de uma projecção para o conjunto da população residente, com 15 e mais anos, dos valores observados na amostra de 1500 indivíduos - são obtidos pela aplicação de coeficientes de ponderação, acontecem por vezes desvios de uma ou duas unidades, que o leitor deverá ter em conta, se quiser, como é seu direito, controlar os cálculos.

⁷ Os desequilíbrios observados na distribuição amostral dos níveis de escolaridade, segundo o sexo e a idade, decorrem do processo de amostragem utilizado - quotas não cruzadas entre si - que, apesar da ponderação realizada *a posteriori*, não permitiu controlar, na aplicação do questionário, todos os desvios em relação à distribuição dessas quotas pelas restantes categorias da população. Por essa mesma razão podemos observar no Quadro n.º 3 que em cada uma das cidades consideradas a distribuição amostral destas variáveis é diversa. Ainda assim, poderemos verificar que a tendência geral aponta para uma maior qualificação escolar dos homens, em quase todos os grupos de idade.

QUADRO Nº 3
NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS INQUIRIDOS, SEGUNDO A IDADE E O SEXO,
EM CADA CIDADE (% EM LINHA)

			2º ciclo ou menos	3º ciclo	Secundário	Superior	Total	(N. ponderado)
AVEIRO	15-24	H	30,0	53,1	16,9		100,0	(45)
		M	25,2	61,6	13,2		100,0	(33)
		Total	27,9	56,7	15,3		100,0	(78)
	25-44	H	37,0	12,1	11,1	39,9	100,0	(66)
		M	43,0	21,4	10,1	25,5	100,0	(75)
		Total	40,2	17,1	10,5	32,2	100,0	(141)
	45-64	H	68,8	8,5	5,0	17,7	100,0	(44)
		M	93,8		4,8	1,5	100,0	(49)
		Total	81,9	4,0	4,9	9,2	100,0	(93)
	65+	H	54,7	12,1		33,2	100,0	(19)
		M	93,9	6,1			100,0	(38)
		Total	80,9	8,1		11,0	100,0	(57)
BRAGA	15-24	H	18,6	57,2	24,3		100,0	(122)
		M	40,6	37,8	15,4	6,2	100,0	(59)
		Total	25,7	50,9	21,4	2,0	100,0	(181)
	25-44	H	47,6	8,9	8,1	35,4	100,0	(133)
		M	61,8	14,2	11,7	12,4	100,0	(173)
		Total	55,6	11,9	10,1	22,4	100,0	(306)
	45-64	H	47,9	16,4		35,7	100,0	(70)
		M	89,4	4,0		6,6	100,0	(85)
		Total	70,7	9,6		19,7	100,0	(155)
	65+	H	86,6	13,4			100,0	(22)
		M	90,0			10,0	100,0	(79)
		Total	89,3	2,9		7,8	100,0	(101)
COIMBRA	15-24	H	22,6	20,6	53,6	3,2	100,0	(115)
		M	29,6	12,5	41,9	16,0	100,0	(50)
		Total	24,7	18,1	50,1	7,1	100,0	(165)
	25-44	H	26,4	15,1		57,9	100,0	(174)
		M	49,3	14,6	11,4	24,7	100,0	(125)
		Total	35,9	14,9	5,2	44,0	100,0	(299)
	45-64	H	35,1	18,8	1,2	44,8	100,0	(67)
		M	75,8	12,8	5,7	5,7	100,0	(185)
		Total	65,0	14,4	4,5	16,1	100,0	(252)
	65+	H	50,5	49,5			100,0	(12)
		M	75,2	13,0		11,8	100,0	(89)
		Total	72,2	17,5		10,4	100,0	(102)
GUIMARAES	15-24	H	66,6	21,8	11,6		100,0	(80)
		M	55,1	33,9	11,0		100,0	(45)
		Total	62,4	26,2	11,4		100,0	(125)
	25-44	H	60,1	17,8	15,0	7,2	100,0	(80)
		M	78,2	9,7	7,0	5,0	100,0	(116)
		Total	70,8	13,0	10,3	5,9	100,0	(195)
	45-64	H	74,7	12,4	2,4	10,5	100,0	(64)
		M	82,4	2,9		14,6	100,0	(66)
		Total	78,6	7,6	1,2	12,6	100,0	(130)
	65+	H	34,2	21,5		44,3	100,0	(12)
		M	93,3			6,7	100,0	(32)
		Total	76,8	6,0		17,2	100,0	(44)
PORTO	15-24	H	4,0	43,8	30,1	22,1	100,0	(309)
		M	43,1	33,5	21,3	2,1	100,0	(190)
		Total	18,9	39,9	26,7	14,5	100,0	(499)
	25-44	H	14,4	18,5	13,3	53,9	100,0	(500)
		M	67,4	10,6	9,2	12,7	100,0	(359)
		Total	36,5	15,2	11,6	36,7	100,0	(859)
	45-64	H	54,2	18,5	10,2	17,1	100,0	(233)
		M	90,9	1,9	5,0	2,2	100,0	(618)
		Total	80,9	6,4	6,4	6,3	100,0	(851)
	65+	H	81,7	5,5	7,8	5,0	100,0	(75)
		M	98,7			1,3	100,0	(229)
		Total	94,5	1,4	1,9	2,2	100,0	(304)
TOTAL	15-24	H	19,0	40,3	30,0	10,7	100,0	(671)
		M	40,8	33,9	21,2	4,1	100,0	(378)
		Total	26,8	38,0	26,8	8,4	100,0	(1048)
	25-44	H	26,6	16,0	10,2	47,2	100,0	(952)
		M	62,9	12,8	9,8	14,5	100,0	(848)
		Total	43,7	14,5	10,0	31,8	100,0	(1800)
	45-64	H	54,7	16,5	5,9	22,9	100,0	(478)
		M	87,6	4,1	4,3	4,0	100,0	(1003)
		Total	77,0	8,1	4,8	10,1	100,0	(1481)
	65+	H	72,0	12,9	4,1	11,0	100,0	(141)
		M	92,0	3,0		5,0	100,0	(467)
		Total	87,3	5,3	1,0	6,4	100,0	(608)

Vejamos, agora, como a condição socioprofissional se combina com a idade, a instrução e o sexo. Usaremos uma variável a que chamaremos “categoria socioprofissional”, para realizar uma operação singela, mas importante quando se analisam estas práticas. Consiste a dita em acrescentar, aos activos com profissão classificados segundo a pertença de classe, os três grupos de não-activos mais frequentes: estudantes, domésticas, reformados. Os resultados da combinação estão vertidos nos Quadros nº 4, 5 e 6.

Para além das coisas óbvias – a velhice dos reformados e a juventude dos estudantes, ou a fortíssima escolarização de quadros superiores e profissionais liberais – há, a registar, primeiro, tendências de composição social da população inquirida que a amostra corrobora e, depois, uma ou outra singularidade desta.

Entre aquelas encontra-se desde logo o relativo envelhecimento (menos nítido em Braga) e a baixa escolarização média do grupo dos pequenos trabalhadores independentes. Em segundo lugar, o envelhecimento e a baixíssima escolarização das domésticas.

Entre as características da amostra que não podem ser extrapoladas, sem mais, para o conjunto da população, mas que devem ser consideradas na interpretação dos resultados, encontram-se as seguintes.

A heterogeneidade da categoria dos empregados – albergando diversas condições etárias e escolares, com prevalência feminina, tendência geral que outras fontes confirmam – atenua-se em Braga e Guimarães⁸, e, nesta última, verifica-se um ligeiro predomínio dos homens (51%).

Os estudantes são sobretudo rapazes, e tendencialmente alunos do nível básico terminal e secundário. Mas só no Porto e em Aveiro temos estudantes do ensino superior, sendo ainda de notar o seguinte: em Coimbra, 70% dos estudantes concentram-se no ensino secundário; em Braga e Aveiro, mais de dois terços têm o 3º ciclo; em Guimarães, 82% repartem-se entre o segundo e o terceiro ciclos.⁹

⁸ Não foram inquiridos, nessas cidades, empregados com nível de instrução superior.

⁹ Registe-se que, segundo o recenseamento de 1991, as proporções de estudantes com instrução superior, no total de estudantes de cada cidade, são as seguintes: 39% em Coimbra; 33% no Porto e em Aveiro; 27% em Braga; e 22% em Guimarães.

À excepção de Aveiro, em todas as cidades os operários industriais têm maioritariamente idade inferior a 35 anos – tendência pouco vincada em Guimarães (55%), mas superior a dois terços em Braga, Coimbra e Porto. Quanto à instrução desta categoria socioprofissional, no Porto cerca de metade tem habilitações superiores ao 6º ano de escolaridade, o que não se verifica nas restantes cidade: em Coimbra ronda o quinto dos inquiridos, em Guimarães o quarto, e em Aveiro e Braga não chega a um em cada dez a proporção dos que ultrapassam o 2º ciclo (sendo, aí, o nível máximo de escolaridade atingido correspondente à nove anos). Mas os operários industriais, são, em todas as cidades, uma categoria “masculina” – mais acentuadamente no Porto (76% de homens) e menos em Guimarães (56%).

Os quadros intelectuais e científicos surgem, em Guimarães, profundamente feminizados (apenas 12% de homens). Mais masculinos do que femininos nas restantes cidades, é no Porto que encontramos a maior proporção de homens (86%). É também em Guimarães que aquela categoria se concentra no intervalo etário dos 45 aos 64 anos – um envelhecimento relativo, já que nas outras cidades a maioria corresponde aos adultos dos 25 aos 44 anos. Aliás, note-se que, para o conjunto da população com actividade económica determinada nas cinco cidades, os quadros superiores representam 14%, quando em Coimbra quase atingem o quarto (23% - Quadro V, Anexo II)¹⁰.

Quanto aos quadros médios, em Aveiro e Coimbra constituem-se em maioria feminina, o que não acontece nas restantes cidades. Em relação à escolaridade desta categoria, as cidades também não se equivalem. Assim, no Porto, tende a repartir-se entre a instrução de nível secundário (51%) e superior (44%). Em Coimbra e Aveiro mantém-se, *grosso modo*, aquele nível de grandeza quanto à instrução superior, mas dilui-se um pouco pelos níveis de escolaridade mais baixos. E em Braga e Guimarães a sua qualificação escolar denota um perfil menos claro, particularmente heterogéneo em Braga.

¹⁰ Pelas razões já apontadas de preenchimento das quotas, verifica-se uma sobre-representação desta categoria na amostra em todas as cidades, à excepção, justamente, de Guimarães.

QUADRO Nº 4
 IDADE DOS INQUIRIDOS SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL,
 EM CADA CIDADE (% EM LINHA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65 e +	Total	(N. ponderado)
AVEIRO							100,0	(3)
Empresários							100,0	(9)
Dirigentes e liberais			52,6	12,2	35,2		100,0	(30)
Quadros intelectuais e científicos			61,7	23,0	15,3		100,0	(20)
Quadros médios			36,1	49,1	14,8		100,0	(57)
Pequenos independentes		5,2	19,7	23,8	48,6	2,7	100,0	(52)
Empregados	4,5	18,0	26,7	34,8	16,0		100,0	(41)
Operários industriais	6,6	13,8	16,7	30,2	32,7		100,0	(46)
Reformados					28,6	71,4	100,0	(34)
Domésticas			6,7	1,1	49,4	42,8	100,0	(37)
Estudantes	78,7	12,5	8,9				100,0	(39)
Outros, sem informação	24,7	29,7	19,7	6,3	7,2	12,4	100,0	(370)
Total	11,8	9,3	20,6	17,6	25,3	15,5	100,0	
BRAGA								
Empresários							100,0	(15)
Dirigentes e liberais				76,5	23,5		100,0	(71)
Quadros intelectuais e científicos		5,1	55,2	14,1	19,9	5,7	100,0	(55)
Quadros médios		23,8	42,1	20,2	13,9		100,0	(104)
Pequenos independentes		15,2	29,1	30,4	20,0	5,3	100,0	(136)
Empregados	9,8	22,3	40,1	15,8	12,0		100,0	(72)
Operários industriais	7,3	26,0	38,3	18,2	10,3		100,0	(125)
Reformados					36,7	63,3	100,0	(46)
Domésticas			6,3	10,1	55,7	28,0	100,0	(79)
Estudantes	63,6	36,4					100,0	(39)
Outros, sem informação		4,5	37,2	23,6	34,7		100,0	(743)
Total	9,3	15,1	25,9	15,2	20,9	13,6	100,0	
COIMBRA								
Empresários			100,0				100,0	(57)
Dirigentes e liberais			56,0	26,0	8,7	9,3	100,0	(106)
Quadros intelectuais e científicos		11,1	47,5	17,4	24,0		100,0	(42)
Quadros médios			34,8	28,9	36,3		100,0	(77)
Pequenos independentes	5,6	17,2	16,5	9,0	38,1	13,6	100,0	(105)
Empregados	3,6	11,3	31,4	19,6	29,1	5,0	100,0	(60)
Operários industriais	3,1	17,2	48,9	7,0	23,8		100,0	(158)
Reformados					54,1	45,9	100,0	(49)
Domésticas				15,7	67,0	17,3	100,0	(102)
Estudantes	49,0	51,0					100,0	(57)
Outros, sem informação	1,2	9,5	41,4	24,1	23,9		100,0	(818)
Total	7,4	12,8	24,6	12,0	30,8	12,5	100,0	
GUIMARAES								
Empresários			51,9	48,1			100,0	(8)
Dirigentes e liberais			51,7	17,3	15,5	15,5	100,0	(10)
Quadros intelectuais e científicos				28,0	72,0		100,0	(14)
Quadros médios	11,2	12,3	23,5	32,7	10,9	9,4	100,0	(85)
Pequenos independentes		7,3	19,7	33,4	38,0	1,6	100,0	(89)
Empregados	6,8	16,7	32,5	34,9	9,1		100,0	(111)
Operários industriais	14,9	13,2	26,6	28,4	16,9		100,0	(49)
Reformados					22,5	77,5	100,0	(24)
Domésticas					92,4	7,6	100,0	(33)
Estudantes	84,4	9,4	6,2				100,0	(67)
Outros, sem informação	22,7	25,8	5,4	5,0	41,1		100,0	(494)
Total	13,6	11,7	18,3	21,2	26,3	8,9	100,0	
PORTO								
Empresários				66,4	33,6		100,0	(78)
Dirigentes e liberais		12,2	33,4	39,3	15,1		100,0	(192)
Quadros intelectuais e científicos		10,2	42,3	39,0	8,4		100,0	(114)
Quadros médios		26,2	30,6	13,7	29,4		100,0	(186)
Pequenos independentes		1,5	16,6	30,7	44,3	6,9	100,0	(591)
Empregados	4,0	15,2	18,8	27,0	33,5	1,5	100,0	(186)
Operários industriais	7,2	16,9	44,3	13,0	18,6		100,0	(478)
Reformados				2,5	44,5	53,0	100,0	(198)
Domésticas			2,2	4,1	79,6	14,1	100,0	(233)
Estudantes	66,0	34,0					100,0	(220)
Outros, sem informação	9,5	11,7	25,7	11,3	41,8		100,0	(494)
Total	8,4	11,5	17,0	17,2	33,9	12,1	100,0	
TOTAL								
Empresários			14,6	53,4	25,3	6,7	100,0	(167)
Dirigentes e liberais		5,7	39,9	35,7	14,8	3,9	100,0	(410)
Quadros intelectuais e científicos		8,6	46,2	27,7	16,6	1,0	100,0	(245)
Quadros médios	0,6	18,2	34,0	21,8	24,8	0,5	100,0	(510)
Pequenos independentes	0,8	8,0	20,0	27,0	37,9	6,2	100,0	(974)
Empregados	5,0	16,0	24,8	25,8	26,8	1,5	100,0	(471)
Operários industriais	8,5	17,2	37,4	18,2	18,8		100,0	(856)
Reformados				1,4	43,0	55,6	100,0	(351)
Domésticas			2,7	5,9	72,6	18,7	100,0	(483)
Estudantes	64,3	34,6	1,1				100,0	(422)
Outros, sem informação	11,0	14,6	25,1	12,7	35,5	1,1	100,0	(4937)
Total	9,1	12,1	20,0	16,5	30,0	12,3	100,0	

QUADRO Nº 5
NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS INQUIRIDOS SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL,
EM CADA CIDADE (% EM LINHA)

	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total	(N. ponderado)
AVEIRO								
Empresários						100,0	100,0	(3)
Dirigentes e liberais						100,0	100,0	(9)
Quadros intelectuais e científicos						100,0	100,0	(30)
Quadros médios				21,3	30,6	48,1	100,0	(20)
Pequenos independentes	10,0	35,6	24,4	18,1	10,7	1,4	100,0	(57)
Empregados	5,6	22,9	23,1	34,6	11,7	2,1	100,0	(52)
Operários industriais		47,6	43,5	9,0			100,0	(41)
Reformados	32,6	41,5	21,1	4,9			100,0	(46)
Domésticas	34,3	39,2	7,2	12,4	6,9		100,0	(34)
Estudantes			1,8	69,3	24,2	4,7	100,0	(37)
Outros, sem informação	12,4	16,1	34,7	21,0	4,2	11,6	100,0	(39)
Total	10,9	24,6	19,0	20,7	8,5	16,3	100,0	(370)
BRAGA								
Empresários						100,0	100,0	(15)
Dirigentes e liberais						100,0	100,0	(71)
Quadros intelectuais e científicos						100,0	100,0	(55)
Quadros médios		5,5	22,8	26,4	27,8	17,5	100,0	(104)
Pequenos independentes	2,4	34,4	24,1	19,0	13,0	7,1	100,0	(136)
Empregados	1,9	16,0	37,9	32,8	11,5		100,0	(72)
Operários industriais	3,9	34,3	53,6	8,2			100,0	(125)
Reformados	29,0	55,2	11,3	1,4		3,1	100,0	(46)
Domésticas	9,3	75,3	15,4				100,0	(79)
Estudantes				68,3	31,7		100,0	(39)
Outros, sem informação	7,3	39,0	30,6	14,0		9,0	100,0	(743)
Total	6,9	27,5	21,7	19,7	9,4	14,9	100,0	
COIMBRA								
Empresários				82,3		17,7	100,0	(5)
Dirigentes e liberais				8,1		91,9	100,0	(57)
Quadros intelectuais e científicos					3,6	96,4	100,0	(106)
Quadros médios			19,2	10,8	23,8	46,2	100,0	(42)
Pequenos independentes	7,6	23,4	40,7	14,6	1,4	12,3	100,0	(77)
Empregados	4,3	44,0	13,6	15,3	17,8	5,0	100,0	(105)
Operários industriais	1,4	47,9	26,9	17,9	5,8		100,0	(60)
Reformados	40,8	39,0		19,7	,5		100,0	(158)
Domésticas	26,0	55,4	10,8	7,8			100,0	(49)
Estudantes			6,6	23,0	70,4		100,0	(102)
Outros, sem informação	8,1	9,4	40,9	33,0		8,6	100,0	(57)
Total	11,4	22,9	12,9	15,7	13,4	23,8	100,0	(818)
GUIMARAES								
Empresários		48,1			51,9		100,0	(3)
Dirigentes e liberais						100,0	100,0	(8)
Quadros intelectuais e científicos						100,0	100,0	(10)
Quadros médios		11,0	33,8	33,9	10,9	10,4	100,0	(14)
Pequenos independentes	4,9	48,0	21,5	17,0	5,4	3,3	100,0	(85)
Empregados	3,1	36,8	26,5	18,0	15,7		100,0	(89)
Operários industriais		39,0	41,6	16,7	2,7		100,0	(111)
Reformados	57,6	25,3				17,0	100,0	(49)
Domésticas	41,5	58,5					100,0	(24)
Estudantes			43,6	38,1	18,3		100,0	(33)
Outros, sem informação	16,2	30,7	33,0	6,6	7,3	6,2	100,0	(67)
Total	11,3	33,8	26,2	14,3	7,2	7,2	100,0	(494)
PORTO								
Empresários					25,2	74,8	100,0	(35)
Dirigentes e liberais						100,0	100,0	(78)
Quadros intelectuais e científicos						100,0	100,0	(192)
Quadros médios				5,0	50,9	44,1	100,0	(114)
Pequenos independentes	2,4	32,5	20,2	14,2	16,4	14,3	100,0	(186)
Empregados	8,4	42,4	13,8	16,7	15,8	2,9	100,0	(591)
Operários industriais	2,4	22,9	22,0	50,0		2,6	100,0	(186)
Reformados	19,5	64,6	8,1	1,7	2,5	3,5	100,0	(478)
Domésticas	14,1	63,5	14,1	6,3	2,0		100,0	(198)
Estudantes			4,1	52,2	34,8	8,9	100,0	(233)
Outros, sem informação	9,1	46,2	25,3	10,1	2,5	6,7	100,0	(220)
Total	8,0	35,4	11,6	15,5	11,7	17,8	100,0	(2512)
TOTAL								
Empresários		3,4		9,0	22,6	64,9	100,0	(47)
Dirigentes e liberais				2,7		97,3	100,0	(167)
Quadros intelectuais e científicos					0,9	99,1	100,0	(410)
Quadros médios		1,9	10,4	13,8	37,1	36,9	100,0	(245)
Pequenos independentes	4,5	34,4	24,8	16,1	11,0	9,3	100,0	(510)
Empregados	6,4	37,3	18,8	19,9	15,2	2,4	100,0	(974)
Operários industriais	1,7	33,8	34,0	28,0	1,4	1,0	100,0	(471)
Reformados	27,7	55,0	7,3	5,1	1,5	3,4	100,0	(856)
Domésticas	18,9	61,2	12,2	5,8	1,8		100,0	(351)
Estudantes			6,5	49,0	39,9	4,6	100,0	(483)
Outros, sem informação	10,2	35,4	30,0	14,0	2,9	7,6	100,0	(422)
Total	8,9	31,2	15,4	16,4	10,9	17,2	100,0	(4937)

QUADRO Nº 6
SEXO DOS INQUIRIDOS SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL,
EM CADA CIDADE (% EM LINHA)

	Masculino	Feminino	Total	(N, ponderado)	
AVEIRO	Empresários	100,0	100,0	(3)	
	Dirigentes e liberais	100,0	100,0	(9)	
	Quadros intelectuais e científicos	62,3	37,7	100,0	(30)
	Quadros médios	48,3	51,7	100,0	(20)
	Pequenos independentes	47,3	52,7	100,0	(57)
	Empregados	26,0	74,0	100,0	(52)
	Operários industriais	66,6	33,4	100,0	(41)
	Reformados	28,5	71,5	100,0	(46)
	Domésticas		100,0	100,0	(34)
	Estudantes	74,4	25,6	100,0	(37)
	Outros, sem informação	60,9	39,1	100,0	(39)
	Total	46,9	53,1	100,0	(370)
BRAGA	Empresários				
	Dirigentes e liberais	100,0		100,0	(15)
	Quadros intelectuais e científicos	56,7	43,3	100,0	(71)
	Quadros médios	58,8	41,2	100,0	(55)
	Pequenos independentes	47,0	53,0	100,0	(104)
	Empregados	28,6	71,4	100,0	(136)
	Operários industriais	67,6	32,4	100,0	(72)
	Reformados	24,2	75,8	100,0	(125)
	Domésticas		100,0	100,0	(46)
	Estudantes	93,6	6,4	100,0	(79)
	Outros, sem informação	46,0	54,0	100,0	(39)
	Total	46,6	53,4	100,0	(743)
COIMBRA	Empresários	100,0	100,0	(5)	
	Dirigentes e liberais	73,3	26,7	100,0	(57)
	Quadros intelectuais e científicos	65,2	34,8	100,0	(106)
	Quadros médios	21,2	78,8	100,0	(42)
	Pequenos independentes	47,5	52,5	100,0	(77)
	Empregados	28,5	71,5	100,0	(105)
	Operários industriais	65,4	34,6	100,0	(60)
	Reformados	13,5	86,5	100,0	(158)
	Domésticas		100,0	100,0	(49)
	Estudantes	85,8	14,2	100,0	(102)
	Outros, sem informação	51,2	48,8	100,0	(57)
	Total	45,1	54,9	100,0	(818)
GUIMARAES	Empresários	51,9	48,1	100,0	(3)
	Dirigentes e liberais	100,0		100,0	(8)
	Quadros intelectuais e científicos	12,3	87,7	100,0	(10)
	Quadros médios	67,0	33,0	100,0	(14)
	Pequenos independentes	50,8	49,2	100,0	(85)
	Empregados	50,2	49,8	100,0	(89)
	Operários industriais	56,3	43,7	100,0	(111)
	Reformados	16,9	83,1	100,0	(49)
	Domésticas		100,0	100,0	(24)
	Estudantes	78,0	22,0	100,0	(33)
	Outros, sem informação	45,5	54,5	100,0	(67)
	Total	47,7	52,3	100,0	(494)
PORTO	Empresários	88,9	11,1	100,0	(35)
	Dirigentes e liberais	95,0	5,0	100,0	(78)
	Quadros intelectuais e científicos	86,1	13,9	100,0	(192)
	Quadros médios	75,7	24,3	100,0	(114)
	Pequenos independentes	51,5	48,5	100,0	(186)
	Empregados	25,7	74,3	100,0	(591)
	Operários industriais	76,1	23,9	100,0	(186)
	Reformados	33,1	66,9	100,0	(478)
	Domésticas		100,0	100,0	(198)
	Estudantes	66,3	33,7	100,0	(233)
	Outros, sem informação	26,2	73,8	100,0	(220)
	Total	44,5	55,5	100,0	(2512)
TOTAL	Empresários	88,3	11,7	100,0	(47)
	Dirigentes e liberais	88,7	11,3	100,0	(167)
	Quadros intelectuais e científicos	71,9	28,1	100,0	(410)
	Quadros médios	59,8	40,2	100,0	(245)
	Pequenos independentes	49,4	50,6	100,0	(510)
	Empregados	28,7	71,3	100,0	(974)
	Operários industriais	67,9	32,1	100,0	(471)
	Reformados	27,0	73,0	100,0	(856)
	Domésticas		100,0	100,0	(351)
	Estudantes	76,3	23,7	100,0	(483)
	Outros, sem informação	37,7	62,3	100,0	(422)
	Total	45,4	54,6	100,0	(4937)

Eis, portanto, a composição da nossa amostra. O exercício de particularização foi um tanto longo, mas, insistimos, necessário às interpretações ulteriores. Contudo, algumas designações gerais são possíveis, para familiarizar o leitor com o discurso sociológico. Quando falarmos em capital escolar superior, lidaremos sobretudo com activos, que são profissionais liberais e quadros superiores – e ainda, em parte, quadros médios. O envelhecimento e a fraca escolarização aproximam a larga maioria dos reformados e das domésticas, e uma parte considerável da pequena burguesia tradicional. Quando falarmos em jovens, lidaremos com estudantes, uma parte de operários e uma parte de empregados.

3.

A radiografia atrás esboçada permite retirar duas grandes conclusões.

A primeira é que - para o estado actual da composição da população das cinco cidades por nós consideradas, tal como a condensa uma amostra constituída por observância à distribuição da instrução no Censo de 1991 – o capital escolar continua a ser um indicador quase fidedigno da condição social, tão forte é a sua correlação estatística com a categoria socioprofissional¹¹. Ainda não se faz sentir, aqui, com peso incontornável, o efeito da massificação da frequência escolar, por ela ser muito recente e bastante, se podemos dizer assim, “incompleta”. Para o conjunto das cidades, só 17% dos inquiridos – umas 84800 pessoas, pela nossa ponderação – possuem instrução de nível superior; só 28% - umas 135500 pessoas – têm habilitações superiores ao actual ensino básico. Ou, dito o mesmo de forma mais crua, 56% dos inquiridos têm o 2º ciclo de estudos ou ainda menos. Duas cidades, porém, se afastam acentuadamente desta média, e é preciso notá-las: em Coimbra, são 24% os inquiridos com nível de instrução superior, e em Guimarães ficam-se pelos 7 em cada cem (71% não ultrapassando, nesta última, o 6º ano de escolaridade). Não obstante, este panorama representa um avanço considerável face, como vimos no Quadro nº 1, às gerações anteriores às dos inquiridos, melhora radicalmente quando isolamos os inquiridos mais novos e é semelhante, no seu

¹¹ Se considerarmos apenas os inquiridos que exercem ou exerceram uma actividade profissional (isto é, os activos e ex-activos) os valores dessa correlação são, para o conjunto da amostra: correlação de Pearson: ,725**; significância (bicaudal): ,000; N (ponderado): 2543 (** correlação significativa ao nível 0.01 [bicaudal]).

conjunto, ao que é dado a conhecer pelo Censo de 1991¹². A correlação entre nível de instrução e condição social será aproveitada, na sequência da nossa interpretação dos resultados do inquérito: o uso generoso que vamos fazer da primeira variável justifica-se, portanto, duplamente, porque é, em si mesma, uma causa das práticas culturais e porque permite uma aproximação expedita à condição social global dos praticantes.

Segunda grande conclusão: a realidade social das cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto não pode ser pintada a uma só cor – nenhuma delas se reduz a “cidade de classes médias”, e o pendor de cada uma para essa designação está longe de se equivaler.

Olhemos primeiro para a amostra agregada, isto é, para o conjunto das cidades (retomamos o Quadro nº 2). Verifica-se a existência de 32% de famílias operárias e 19% de famílias da pequena burguesia tradicional; e, num outro plano, 19% de famílias de empregados subalternos. Mas encontramos igualmente sinais das tendências de expansão e centralidade das chamadas novas classes médias – o que se verá melhor se se considerar só a categoria socioprofissional dos inquiridos *activos* (cf. Quadro V, no Anexo II). Para uns cerca de 284300 residentes activos cuja categoria pôde ser determinada, há uns 82200 (29%) que são ou profissionais liberais, ou quadros superiores ou quadros médios – o que está bem acima dos 74002 (19%) reportados pelo Censo de 1991. E os empregados – isto é, os trabalhadores subalternos das profissões terciárias – constituem a grande maioria dos actuais activos: 34%, contra 17% dos operários¹³.

A ventilação por cidades complexifica este quadro. De facto, é impressionante a percentagem de famílias operárias em Guimarães – quase metade dos inquiridos nessa cidade – e também bastante elevada em Aveiro e no Porto (cf. Quadro nº 2). Nesta última cidade, assim como em Coimbra, é relativamente baixa a proporção de famílias da pequena burguesia tradicional (14% e 17%, respectivamente) – a qual ronda o quarto de inquiridos em Braga, Aveiro e Guimarães. Quanto às famílias de empregados subalternos, elas escasseiam na amostra de Guimarães (12%), para variarem nas restantes cidades, entre 22 (em Braga) e 17% (em Coimbra). E, do mesmo modo, olhando agora só para os activos em cada cidade (voltamos ao Quadro V, Anexo II),

¹² De acordo com o Recenseamento de 1991, 56% dos residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto tinham no máximo o equivalente ao actual 6º ano de escolaridade e 83% o equivalente ao actual 12º ano (Quadro II, Anexo I).

Guimarães surge com particular rarefacção de profissionais liberais, quadros superiores e quadros médios (10%). É, aliás, em Braga e Coimbra que aquelas categorias preponderam na população activa com profissão determinada (respectivamente, 31 e 45%). A penetração das novas classes médias não corre a ritmos iguais em todas as cidades, portanto. E, mesmo em termos de terciarização subalterna (empregados), ela é especialmente vincada no Porto (43% dos activos), variando entre 23 e 30% (Coimbra e Braga, respectivamente) nas outras cidades.

Poderemos dizer que Guimarães é uma “cidade operária”? É, seguramente, a cidade mais vincada pela condição popular, e, nela, operária. Se definirmos a condição popular pela acumulação da subalternidade no trabalho e da privação escolar, e se nos ativermos aos *actuais activos*, encontraremos dois terços de inquiridos nessa condição – somamos os operários industriais, os empregados e os pequenos empreendedores independentes com escolaridade máxima de 6 anos (66%). E, se lhes juntarmos os reformados e as domésticas no mesmo patamar de instrução, alargando o universo de referência à população inquirida na cidade, ficamos pelos 56%.

Nenhuma das outras cidades está tão próxima desta condição popular – o que não quer dizer que, nelas, não se marque a sua presença. Se aplicarmos os mesmos cálculos às restantes cidades, Coimbra é (não o estranhemos, nesta fase...) a que se demarca mais: trata-se da única onde, entre a população activa que consideramos, aquela subalternidade se apresenta pouco superior a um terço (37%) – ainda assim, não é uma proporção displicente. Para os mesmos cálculos, Aveiro acerca-se da metade, e Braga e Porto rondam os dois quintos (*grosso modo*: 45% para Braga e 41 % para o Porto).

E quanto às marcas da terciarização? Propomos um exercício semelhante ao anterior: falamos agora de terciarização como a tendência à hegemonia das profissões terciárias, e mais propriamente daquilo que a sociologia costuma designar por nova pequena burguesia, os “colarinhos brancos” subalternos (empregados) ou dirigentes (“quadros”). Obtemos, em Coimbra, 40% de quadros superiores, quadros médios e empregados com pelo menos 9 anos de escolaridade – talvez possamos encontrar neste valor efeitos do peso e da inserção da universidade nesta cidade. No Porto e em Braga, aqueles cálculos ficam pelos 37%, e em Aveiro pelos 35. Coimbra vinca esta marca de

¹³ Dados para os concelhos (excepto no caso do Porto, onde o concelho coincide com a cidade) - Quadro I, Anexo II.

cidade *terciária*, com elevado peso de elites qualificadas, quando acrescentamos, nos cálculos, os profissionais liberais: mais de metade dos activos inquiridos com categoria profissional determinada (contra 43% para o Porto, 41 para Braga, 39 para Aveiro).

Neste exercício, deixámos Guimarães de fora. É que, mais uma vez, a cidade se afasta pela negativa: não chegam a um quinto os activos que retemos para o cálculo da marca da terciarização nas cidades (15% sem considerar os profissionais liberais, 17 com eles)...

Esta complexidade na estrutura da população das cidades, tanto quanto a nossa amostra permite tratá-la, matizará a homogeneidade com que por vezes se alinham tendências de recomposição nas cidades de média dimensão.

Estão traçadas, então, as grandes condições objectivas das cinco cidades. E do ponto de vista da percepção subjectiva de enquadramento social? Quando interrogados sobre a sua identidade de classe, numa pergunta fechada – “diria que a sua família pertence: às classes altas/às classes médias/às classes populares?” – os inquiridos manifestam um elevado grau de congruência com aquelas condições, procedendo a uma autoclassificação sociologicamente realista.

O Quadro nº 7 mostra como a percepção subjectiva do lugar ocupado pela família de cada um, numa hierarquia social definida em três grandes patamares, varia em função do lugar ocupado nessa hierarquia, de acordo com as inserções socioprofissionais dos membros activos das diferentes famílias.

Como se verifica, há uma deriva para a zona das “classe médias” – à qual não são alheias nem a hegemonia de que a expressão goza nas representações da estratificação das sociedades contemporâneas, nem a própria natureza de ponto intermédio da escala de apreciação proposta num inquérito. A deriva faz sobre-representar a identificação com a zona média, para cerca de três quartos dos inquiridos de Aveiro, Braga e Coimbra, e mais de 60% dos do Porto e Guimarães. Mas, dentro deste movimento geral, evidenciam-se claramente as diferenciações identitárias e o modo como elas condizem com as diferenças socioprofissionais. Uma importante proporção de inquiridos, em todas as cidades, classifica a sua família como “popular” – entre um quinto em Aveiro e quase um terço em Guimarães.

QUADRO Nº 7
IDENTIFICAÇÃO DA CLASSE DE PERTENÇA SEGUNDO O LUGAR DE CLASSE DA FAMÍLIA,
EM CADA CIDADE (% EM LINHA)

		Classes altas	Classes médias	Classes populares	Não sabe, não responde	Total	(N. ponderado)
AVEIRO	Empresários e profissionais liberais (BEP+BDP)	24,6	48,8	26,6		100,0	(24)
	Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	3,6	92,8	3,6		100,0	(32)
	Quadros médios (PBTEI)		93,2	6,8		100,0	(24)
	Empregados (PBE)		71,7	25,2	3,1	100,0	(69)
	Pequenos independentes (PBIP)	3,8	77,2	19,1		100,0	(43)
	Proprietários independentes e assalariados (PBPA)	6,0	87,6	6,4		100,0	(48)
	Operários industriais (OI)		77,0	23,0		100,0	(73)
	Empregados + operários (PBEP+OP)		63,2	31,3	5,5	100,0	(28)
	Outros, sem informação		61,8	32,0	6,2	100,0	(29)
	Total	3,1	75,8	19,6	1,5	100,0	(370)
BRAGA	Empresários e profissionais liberais (BEP+BDP)	49,4	50,6			100,0	(25)
	Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	2,4	93,2	4,5		100,0	(81)
	Quadros médios (PBTEI)	2,8	89,9	7,3		100,0	(94)
	Empregados (PBE)	1,7	77,8	19,1	1,3	100,0	(162)
	Pequenos independentes (PBIP)		69,8	30,2		100,0	(104)
	Proprietários independentes e assalariados (PBPA)		81,3	18,7		100,0	(91)
	Operários industriais (OI)	2,6	51,2	41,0	5,2	100,0	(111)
	Empregados + operários (PBEP+OP)		67,4	32,6		100,0	(50)
	Outros, sem informação		89,7		10,3	100,0	(25)
	Total	3,0	75,1	20,4	1,4	100,0	(743)
COIMBRA	Empresários e profissionais liberais (BEP+BDP)	5,7	87,6	6,7		100,0	(79)
	Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	4,4	90,8	4,9		100,0	(121)
	Quadros médios (PBTEI)		81,3	18,7		100,0	(63)
	Empregados (PBE)		74,4	24,8	,8	100,0	(139)
	Pequenos independentes (PBIP)		72,5	27,5		100,0	(63)
	Proprietários independentes e assalariados (PBPA)		76,1	23,2	,7	100,0	(79)
	Operários industriais (OI)		63,8	32,7	3,5	100,0	(108)
	Empregados + operários (PBEP+OP)		64,5	31,0	4,6	100,0	(93)
	Outros, sem informação		71,3	20,6	8,1	100,0	(72)
	Total	1,2	75,8	21,1	1,9	100,0	(818)
GUIMARÃES	Empresários e profissionais liberais (BEP+BDP)	21,2	59,7	19,1		100,0	(22)
	Quadros intelectuais e científicos (PBIC)		100,0			100,0	(11)
	Quadros médios (PBTEI)		100,0			100,0	(19)
	Empregados (PBE)		77,3	15,6	7,0	100,0	(59)
	Pequenos independentes (PBIP)	3,0	63,5	33,5		100,0	(57)
	Proprietários independentes e assalariados (PBPA)		66,4	33,6		100,0	(71)
	Operários industriais (OI)		51,1	45,3	3,6	100,0	(174)
	Empregados + operários (PBEP+OP)		71,1	28,9		100,0	(44)
	Outros, sem informação	9,1	59,5	31,4		100,0	(36)
	Total	2,0	63,7	32,3	2,1	100,0	(494)
PORTO	Empresários e profissionais liberais (BEP+BDP)	24,9	70,9	4,1		100,0	(144)
	Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	19,4	73,4	1,7	5,4	100,0	(273)
	Quadros médios (PBTEI)		93,9	6,1		100,0	(153)
	Empregados (PBE)	,9	54,6	39,7	4,8	100,0	(500)
	Pequenos independentes (PBIP)	5,2	84,6	4,6	5,6	100,0	(196)
	Proprietários independentes e assalariados (PBPA)		71,5	25,0	3,5	100,0	(160)
	Operários industriais (OI)		47,3	50,5	2,2	100,0	(487)
	Empregados + operários (PBEP+OP)		44,5	50,9	4,6	100,0	(403)
	Outros, sem informação		69,3	20,8	10,0	100,0	(195)
	Total	4,1	61,5	30,2	4,1	100,0	(2512)
TOTAL	Empresários e profissionais liberais (BEP+BDP)	21,6	71,0	7,4		100,0	(294)
	Quadros intelectuais e científicos (PBIC)	11,8	82,3	3,0	2,9	100,0	(519)
	Quadros médios (PBTEI)	0,8	90,9	8,4		100,0	(354)
	Empregados (PBE)	0,8	64,3	31,3	3,6	100,0	(928)
	Pequenos independentes (PBIP)	2,9	76,3	18,4	2,3	100,0	(463)
	Proprietários independentes + Assalariados (PBPA)	0,6	75,2	22,8	1,4	100,0	(450)
	Operários industriais (OI)	0,3	52,6	44,3	2,8	100,0	(954)
	Empregados + operários (PBEP, OP)		52,1	44,0	3,9	100,0	(618)
	Outros, sem informação	0,9	69,5	21,2	8,3	100,0	(358)
	Total	3,2	67,2	26,6	3,0	100,0	(4937)

É justamente na autopercepção da classe como popular que as cidades mais se distinguem entre si. Assim, vale a pena fazer notar a fortíssima identificação com as classes populares entre as famílias operárias de Guimarães e Porto – aproximando-se as proporções dos 50%, ou ultrapassando-os. Em Braga, dois quintos dos membros de famílias operárias definem-se como populares; e em Coimbra, um terço. Porém, na cidade de Aveiro, é mais vincada a identificação popular entre as famílias de empregados do que entre as exclusivamente operárias (embora a maior proporção surja entre as pluriactivas, que combinam as duas condições) – o que é um dado curioso relativamente ao operariado aveirense (o mais envelhecido das cinco cidades). Já em Braga e Guimarães, os empregados distanciam-se rotundamente da autoclassificação popular (só 19% assim se classificam, em Braga, e 16 em Guimarães). No Porto, são 40%.

Coimbra apresenta uma distribuição interessante na identificação com as classes populares, sobretudo atendendo à composição social da amostra: um quinto dos inquiridos entre as famílias de empregados e (esta é a excepção) 19% entre as famílias de quadros médios. Impressiva é, no pólo oposto, a declaração de metade dos inquiridos das famílias de empresários e profissionais liberais em Braga como pertencendo às classes altas – uma ênfase que não se encontra em mais nenhuma cidade.

III. CULTURA, INFORMAÇÃO E LAZER

1.

A informação disponível na sociologia dos consumos culturais, e corroborada, entre nós, pelos dois inquéritos panorâmicos realizados na Grande Lisboa (J. Machado Pais *et al.*, 1994) e na Área Metropolitana do Porto (A. Santos Silva e H. Santos, 1995), mostra umas quantas regularidades pesadas. Primeira: mau grado os esforços políticos e as transformações na estrutura da oferta, o acesso aos bens culturais mais bem situados na hierarquia dos sistemas culturais (os bens “legítimos”, “nobres” ou de “alta cultura”) não se democratizou, no sentido em que não foram superadas as barreiras de posição social que têm impedido a sua generalização. Segunda, e decisiva: a maior instrução média das populações, derivada ela própria da dinâmica de massificação da frequência escolar, não representou nem representa uma condição *suficiente* para o acréscimo de consumo daquele tipo de bens culturais. Terceira: as mudanças no lado da oferta – isto é, no campo da produção, consagração e circulação de bens culturais – associadas ao desenvolvimento das indústrias culturais e da cultura de massas, à renovação da cultura erudita, à maior interpenetração da cultura, do lazer e da vida quotidiana, e à expansão de formas híbridas ou interpeladoras da tripartição convencional dos níveis de cultura (erudita, de massas, popular); essas mudanças, dizíamos, repercutem sobre o lado da procura e induzem a afirmação e desenvolvimento de novas combinações de consumos e atitudes dos públicos: precisamos, assim, de distinguir, na chamada “cultura cultivada”, o pólo tradicional ou clássico e o pólo moderno (ou *branché*), precisamos de atender às formas da “cultura média”, precisamos de considerar os jogos, na cultura popular, entre o *pop* e o *folk*. Todavia – quarta regularidade pesada – não se altera por aqui a forte e rígida estrutura hierárquica, vertical, das formas culturais, que faz valer constantemente o maior trunfo dos mais “competentes” ou “cultivados”, que é a cumulatividade dos seus recursos: quem está no topo da hierarquia virtualmente domina todas as formas que lhe estão abaixo, e esse é o segredo fundamental da capacidade de renovação, dentro da distinção, de que dá mostras a cultura cultivada moderna (quer

dizer, e por exemplo: quem domina a ópera tende a dominar também o *jazz* e a música *world*). Quinta: a recepção das formas culturais de elite e as saídas do universo doméstico para consumo cultural desenham as principais barreiras, no acesso e fruição dos públicos, penalizando sobretudo os menos instruídos, as mulheres de condição popular, os mais idosos, e as classes populares, em geral. Sexta: em todos os segmentos da estratificação social, e qualquer que seja o indicador usado para medi-la, o consumo regular de cultura erudita tende a ser a uma prática minoritária e, por conseguinte, os consumidores regulares tendem a constituir uma elite (e a comportar-se como tal).

Ora, os resultados do nosso inquérito aos residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto, em 1997, não infirmam nenhuma destas regularidades. Não se pense, pois, que, por qualquer acontecimento inesperado, a situação global da relação dos públicos com as obras da cultura se tenha revolucionado. O Quadros nº 8 e 9 propõem uma síntese da frequência, respectivamente, de práticas e de posse de equipamentos e bens domésticos, a qual evidencia suficientemente bem, quer a natureza cada vez mais selectiva dos consumos, à medida que se sobe na hierarquia cultural estabelecida, quer a grande difusão e, portanto, hegemonia dos suportes e produtos de lazer e entretenimento, na configuração dos hábitos maioritários.

A televisão reina, portanto, sem rival, no universo dos lazeres, do entretenimento e da informação. A grande maioria dos inquiridos declara vê-la todos os dias, embora as mulheres representem a maioria do seu público assíduo (no conjunto das cinco cidades, 57% dos inquiridos que declararam ver televisão todos os dias ou quase todos os dias são mulheres). Os telejornais são o género de programas que concita maior apreciação, logo seguidos pelos filmes, pelas telenovelas (mais apreciadas pelas mulheres), e os programas desportivos (principalmente referidos pelos homens). Estas regularidades apresentam-se tão fortes que nenhuma cidade foge significativamente aos valores médios para o total de inquiridos da amostra – cf. Quadro nº 10; o Quadro VI, em anexo, apresenta a variação por sexo e instrução).

QUADRO Nº 8
TAXAS DE PRÁTICAS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA
(% SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS)

Aveiro	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	84	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez a:	
	Ouve rádio regularmente	73	Ao cinema	Um museu de arte	
	Costuma ler um/vários:	Jornais diários	59	A uma discoteca	Um concerto de música moderna
		Jornais semanários	31	A um bar com música ao vivo	Um concerto de música clássica
		Jornais desportivos	29	A um café/esplanada	Um concerto de jazz
		Revistas	68	Passar num centro comercial	Um concerto de música ligeira
		Leu um/vários livros, no último mês	28	Passar no centro da cidade	Um festival de folclore
	Compra regularmente discos	40	Passar no campo	Uma exposição de pintura	
	Pratica regularmente uma actividade física	25	Passar num parque	Uma exposição de fotografia	
	Tira fotografias	53	Jantar/almoçar em grupo	Um espectáculo de teatro	
	Pratica uma actividade cultural amadora	10	A casa de familiares	Uma feira de artesanato	
			A casa de amigos		
			A um jogo de futebol		
Braga	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	85	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez a:	
	Ouve rádio regularmente	74	Ao cinema	Um museu de arte	
	Costuma ler um/vários:	Jornais diários	63	A uma discoteca	Um concerto de música moderna
		Jornais semanários	20	A um bar com música ao vivo	Um concerto de música clássica
		Jornais desportivos	31	A um café/esplanada	Um concerto de jazz
		Revistas	61	Passar num centro comercial	Um concerto de música ligeira
		Leu um/vários livros, no último mês	21	Passar no centro da cidade	Um festival de folclore
	Compra regularmente discos	28	Passar no campo	Uma exposição de pintura	
	Pratica regularmente uma actividade física	26	Passar num parque	Uma exposição de fotografia	
	Tira fotografias	41	Jantar/almoçar em grupo	Um espectáculo de teatro	
	Pratica uma actividade cultural amadora	9	A casa de familiares	Uma feira de artesanato	
			A casa de amigos		
			A um jogo de futebol		
Coimbra	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	86	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez a:	
	Ouve rádio regularmente	65	Ao cinema	Um museu de arte	
	Costuma ler um/vários:	Jornais diários	69	A uma discoteca	Um concerto de música moderna
		Jornais semanários	31	A um bar com música ao vivo	Um concerto de música clássica
		Jornais desportivos	34	A um café/esplanada	Um concerto de jazz
		Revistas	63	Passar num centro comercial	Um concerto de música ligeira
		Leu um/vários livros, no último mês	27	Passar no centro da cidade	Um festival de folclore
	Compra regularmente discos	31	Passar no campo	Uma exposição de pintura	
	Pratica regularmente uma actividade física	24	Passar num parque	Uma exposição de fotografia	
	Tira fotografias	43	Jantar/almoçar em grupo	Um espectáculo de teatro	
	Pratica uma actividade cultural amadora	4	A casa de familiares	Uma feira de artesanato	
			A casa de amigos		
			A um jogo de futebol		
Guimarães	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	90	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez a:	
	Ouve rádio regularmente	79	Ao cinema	Um museu de arte	
	Costuma ler um/vários:	Jornais diários	49	A uma discoteca	Um concerto de música moderna
		Jornais semanários	26	A um bar com música ao vivo	Um concerto de música clássica
		Jornais desportivos	37	A um café/esplanada	Um concerto de jazz
		Revistas	54	Passar num centro comercial	Um concerto de música ligeira
		Leu um/vários livros, no último mês	21	Passar no centro da cidade	Um festival de folclore
	Compra regularmente discos	28	Passar no campo	Uma exposição de pintura	
	Pratica regularmente uma actividade física	31	Passar num parque	Uma exposição de fotografia	
	Tira fotografias	45	Jantar/almoçar em grupo	Um espectáculo de teatro	
	Pratica uma actividade cultural amadora	8	A casa de familiares	Uma feira de artesanato	
			A casa de amigos		
			A um jogo de futebol		
Porto	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	89	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez a:	
	Ouve rádio regularmente	70	Ao cinema	Um museu de arte	
	Costuma ler um/vários:	Jornais diários	63	A uma discoteca	Um concerto de música moderna
		Jornais semanários	18	A um bar com música ao vivo	Um concerto de música clássica
		Jornais desportivos	30	A um café/esplanada	Um concerto de jazz
		Revistas	51	Passar num centro comercial	Um concerto de música ligeira
		Leu um/vários livros, no último mês	17	Passar no centro da cidade	Um festival de folclore
	Compra regularmente discos	27	Passar no campo	Uma exposição de pintura	
	Pratica regularmente uma actividade física	17	Passar num parque	Uma exposição de fotografia	
	Tira fotografias	50	Jantar/almoçar em grupo	Um espectáculo de teatro	
	Pratica uma actividade cultural amadora	5	A casa de familiares	Uma feira de artesanato	
			A casa de amigos		
			A um jogo de futebol		
Total	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	88	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez a:	
	Ouve rádio regularmente	71	Ao cinema	Um museu de arte	
	Costuma ler um/vários:	Jornais diários	62	A uma discoteca	Um concerto de música moderna
		Jornais semanários	22	A um bar com música ao vivo	Um concerto de música clássica
		Jornais desportivos	31	A um café/esplanada	Um concerto de jazz
		Revistas	56	Passar num centro comercial	Um concerto de música ligeira
		Leu um/vários livros, no último mês	20	Passar no centro da cidade	Um festival de folclore
	Compra regularmente discos	29	Passar no campo	Uma exposição de pintura	
	Pratica regularmente uma actividade física	22	Passar num parque	Uma exposição de fotografia	
	Tira fotografias	47	Jantar/almoçar em grupo	Um espectáculo de teatro	
	Pratica uma actividade cultural amadora	6	A casa de familiares	Uma feira de artesanato	
			A casa de amigos		
			A um jogo de futebol		

QUADRO Nº 9
TAXAS DE POSSE DE BENS DOMÉSTICOS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA
(% SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS)

AVEIRO	TV	96
	Video	67
	TV Cabo	20
	Satélite	14
	Leitor de CD	63
	Computador pessoal	30
	Computador, com CD-ROM*	66
	Ligação à Internet*	20
	Automóvel	73
	Mota	26
BRAGA	TV	95
	Video	58
	TV Cabo	14
	Satélite	14
	Leitor de CD	47
	Computador pessoal	23
	Computador, com CD-ROM*	47
	Ligação à Internet*	4
	Automóvel	66
	Mota	8
COIMBRA	TV	96
	Video	69
	TV Cabo	8
	Satélite	10
	Leitor de CD	57
	Computador pessoal	33
	Computador, com CD-ROM*	64
	Ligação à Internet*	12
	Automóvel	67
	Mota	22
GUILMARÃES	TV	98
	Video	67
	TV Cabo	6
	Satélite	14
	Leitor de CD	55
	Computador pessoal	18
	Computador, com CD-ROM*	53
	Ligação à Internet*	16
	Automóvel	65
	Mota	15
PORTO	TV	99
	Video	76
	TV Cabo	9
	Satélite	9
	Leitor de CD	58
	Computador pessoal	29
	Computador, com CD-ROM*	57
	Ligação à Internet*	13
	Automóvel	57
	Mota	6
TOTAL	TV	97
	Video	70
	TV Cabo	10
	Satélite	11
	Leitor de CD	56
	Computador pessoal	28
	Computador, com CD-ROM*	16
	Ligação à Internet*	3
	Automóvel	62
	Mota	12

* % sobre os inquiridos que declararam possuir computador pessoal

QUADRO Nº 10

GÉNEROS DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO MAIS APRECIADOS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM LINHA SOBRE OS INQUIRIDOS QUE DECLARAM VER TELEVISÃO)

	Desportivos	Filmes	Telenovelas	Infantis e juvenis	Telejornais, informação diária	Séries	Concursos	Reportagens	Entrevistas, debates	Falk-shows	Falcativos, científicos	Outros	(N, ponderado)
Aveiro	32,6	43,6	32,5	3,8	70,6	10,1	18,4	19,5	14,2	16,8	17,8	7,0	(363)
Braga	28,2	45,6	28,9	6,7	78,8	3,8	19,0	16,3	17,5	12,5	13,8	11,4	(735)
Coimbra	39,3	47,0	30,1	2,0	74,9	8,4	16,8	16,8	23,9	10,9	17,9		(811)
Guimarães	37,2	33,0	37,5	5,5	78,9	5,8	20,0	13,3	17,0	14,6	15,8	5,7	(489)
Porto	30,8	49,2	39,2	1,7	86,9	4,2	14,2	16,5	24,5	13,8	12,5	0,8	(2473)
Total	32,6	46,2	35,5	3,0	81,7	5,5	16,2	16,4	21,8	13,4	14,3	3,2	(4871)

QUADRO Nº 11

NÍVEIS E AMBIENTES DE AUDIÇÃO DA RÁDIO, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM LINHA)

	Na lida da casa	A andar de carro	A estudar	A trabalhar	Ao deitar ou ao acordar	Só a ouvir rádio	Outras situações	Não responde	(N, ponderado)
Aveiro	31,1	42,3	8,0	20,5	19,0	7,3	2,4	0,5	(271)
Braga	29,1	34,6	2,0	27,7	25,2	11,4	2,8		(550)
Coimbra	26,8	42,3	8,0	17,4	30,7	12,8		1,4	(532)
Guimarães	30,9	23,0	2,3	35,9	13,0	15,6	0,4	0,4	(389)
Porto	40,0	38,1	6,7	18,7	15,1	12,6	1,4	0,2	(1751)
Total	34,5	36,8	5,8	22,0	19,2	12,4	1,4	0,4	(3493)

Os níveis de audição estão calculados segundo o total de inquiridos (N=4937). Os ambientes dizem naturalmente respeito aos ouvintes regulares

A rádio surge, a seguir, como o *medium* mais disseminado. No conjunto, 71% dos inquiridos declararam ouvir regularmente rádio; e a lida da casa e a deslocação de automóvel surgem como os ambientes mais frequentes de audição. O Quadro nº 11 (usamos também o Quadro VII, em anexo) sugere essa multifuncionalidade da rádio: é um objecto sobretudo de procura juvenil, mas também companhia das mulheres domésticas e, em menor grau, do tempo de trabalho (principalmente em Guimarães), elemento ao mesmo tempo de informação e distração no trajecto, às vezes infindável, entre casa e emprego.

O acesso à informação escrita é, em comparação, mais reduzido – e já bastante marcado pela hierarquização social. Para o conjunto das cidades, verifica-se uma forte relação entre a leitura de jornais diários e semanários e o nível de instrução dos inquiridos – que apenas se atenua pela presença do efeito género no consumo de desportivos (tipicamente masculino) e das revistas (mais femininas).¹⁴

Mas vale a pena destacar algumas especificidades, que os Quadros nº 12 a 14 sugerem, na segmentação por cidade. A primeira é a leitura de semanários, que no Porto se apresenta bastante inferior à média, por oposição à posição dominante de Coimbra e Aveiro¹⁵. A segunda especificidade prende-se com a forte penetração do *Jornal de Notícias* em todas as cidades, menos Coimbra. Aliás, o *Jornal de Notícias* aproxima-se dos jornais regionais no que eles apresentam de leitura transclassista. Registe-se, ainda, a importância da leitura do jornal *Público* entre os inquiridos com instrução superior, e em particular em Coimbra, onde a taxa de leitores declarados é de pouco menos de dois terços.

¹⁴ Utilizamos, em complemento dos quadros apresentados ao longo das páginas de texto, os Quadros VIII a XII do Anexo II.

¹⁵ E é de destacar, em nota, que a penetração do jornal *Expresso*, em Coimbra e Braga, é extremamente elevada entre os leitores regulares: respectivamente 77 e 74% – enquanto, em Aveiro, encontramos uma taxa semelhante à dos leitores do semanário do Porto (51%; em Guimarães, fica-se pelos 24%).

QUADRO Nº 12
LEITURA DE IMPRENSA, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA
(% EM LINHA DOS QUE DECLARAM LER, EM CADA CIDADE)

	Jornais diários	Jornais semanários	Jornais desportivos	Revistas	(N, ponderado)
Aveiro	58,8	30,7	29,4	68,1	(370)
Braga	63,2	20,2	31,0	60,7	(743)
Coimbra	69,5	31,0	34,5	63,3	(818)
Guimarães	49,4	26,1	36,9	53,9	(494)
Porto	62,6	18,2	29,8	50,9	(2512)
Total	62,2	22,4	31,4	56,0	(4937)

QUADRO Nº 13
REVISTAS LIDAS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% DOS QUE DECLARAM LER,
EM CADA CATEGORIA DE LEITORES)

	Maria	TV Guia	Nova Gente	Visão	Caras	TV Mais	Exame	Outras	Não responde	(N, ponderado)
Aveiro	26,4	14,0	22,1	4,5	11,7	2,1	4,4	47,8	3,0	(252)
Braga	30,4	11,3	14,9	6,7	18,3	7,9	0,5	42,1	1,9	(451)
Coimbra	19,4	22,4	18,0	18,5	13,6	6,8	2,6	42,9	0,6	(518)
Guimarães	42,1	12,7	25,7	5,7	10,9	1,8	2,5	36,4		(266)
Porto	37,4	28,8	17,0	4,3	19,4	7,1	4,5	32,4	1,5	(1280)
Total	32,4	21,9	18,2	7,5	16,6	6,2	3,3	37,8	1,4	(2766)

QUADRO Nº 14
LEITORES DOS JORNAIS DIÁRIOS, SEGUNDO A INSTRUÇÃO, EM CADA CIDADE
(% EM LINHA DOS QUE DECLARARAM LER EM CADA CATEGORIA E EM CADA CIDADE)

	J de Notícias	Publico	D. de Notícias	C. de Manhã	Capital	C. do Porto	D. do Minho	C. do Minho	D. de Coimbra	D. das Beiras	D. de Aveiro	Outros	NR	(N. ponderado)
AVEIRO														
< 1º ciclo											80,0	20,0		8
1º ciclo (complementar)	31,6		11,3	8,7		11,8					55,3	15,8		45
2º ciclo	29,8	14,2	6,8	5,7		19,2		1,1			46,7	4,6		44
3º ciclo	22,0	14,5	3,2	1,3		9,7					67,5	8,6		51
Secundário	22,5	25,3	23,8		4,1	6,6		6,1			38,7	4,1	3,7	27
Superior	34,2	48,4	7,2		3,0	7,4					53,7			42
Total	27,2	18,8	8,8	3,3	1,1	10,8		1,0			55,0	7,5	,5	217
BRAGA														
< 1º ciclo	46,5		10,5				67,7	30,8						18
1º ciclo (complementar)	18,4	10,1	8,7	2,5		2,9	60,7	17,0						111
2º ciclo	26,5	5,6	8,7	2,5			65,2	24,1				6,1		103
3º ciclo	28,3	13,7	13,6	9,2			52,7	23,9						99
Secundário	32,0	35,3					55,3	23,0				3,9		48
Superior	23,7	40,0	14,9				44,6	36,8				3,9		91
Total	25,7	17,9	10,1	2,5		,7	56,6	25,0				2,5		470
COIMBRA														
< 1º ciclo			21,7						74,8	39,0				31
1º ciclo (complementar)	5,9	7,2	2,0	8,1	1,3				91,1	33,2				124
2º ciclo	14,6	14,6		7,0					99,0	26,4				71
3º ciclo	6,7	5,8	4,2	5,4					97,4	27,3				100
Secundário	1,3	39,0	9,5		9,5				63,7	34,9				65
Superior	5,1	64,1	8,0	5,5	2,5				63,9	26,1				177
Total	3,6	28,8	5,9	5,3	3,3				80,7	29,6				568
GUIMARÃES														
< 1º ciclo	45,5		7,3	3,1		54,5								5
1º ciclo (complementar)	63,0	7,7	6,6			12,0	5,8							72
2º ciclo	82,8	3,2	3,0	2,3		2,1								65
3º ciclo	77,3	2,3	3,0	2,3		14,3	3,9	3,9						45
Secundário	76,0	23,5	4,8	7,2										24
Superior	67,0	35,8				10,3								33
Total	72,4	10,6	5,0	2,0		9,3	2,4	,7				9,5	1,5	244
PORTO														
< 1º ciclo	100,0	8,1				8,1								56
1º ciclo (complementar)	98,2	1,0				,8								453
2º ciclo	83,5	12,5										7,6		188
3º ciclo	96,6	1,8				5,0								251
Secundário	93,8	5,1	4,1											228
Superior	66,4	40,6	1,4	1,2		1,0					1,2	1,2		397
Total	87,6	13,3	1,0	,3		1,6					,3	1,2		1573
TOTAL														
< 1º ciclo	56,2	3,8	5,6	2,0		6,2	10,3	4,7	19,4	10,1	5,6	5,0		118
1º ciclo (complementar)	65,2	3,8	3,0	2,0	,2	2,6	8,9	2,3	14,0	5,1	3,1	1,9	,2	804
2º ciclo	54,1	10,2	3,4	2,1		2,1	14,2	5,3	15,1	4,0	4,3	7,2		473
3º ciclo	59,2	5,9	3,8	3,0	1,2	4,4	9,8	4,6	17,9	5,0	6,3	1,6	,2	547
Secundário	64,9	17,0	5,9	,4	1,9	,4	6,7	2,8	11,1	5,8	2,6	1,7	,3	392
Superior	44,7	46,4	4,9	2,0	,8	1,4	5,5	4,5	15,3	6,2	3,7	1,8		739
Total	57,1	17,1	4,2	1,9	,7	2,4	8,8	3,9	15,0	5,5	4,0	2,7	,2	3072

2.

Se, a partir dos quadros já apresentados, notarmos as práticas estatisticamente maioritárias, no conjunto da nossa amostra – quer dizer, aquelas que mais de 50% dos inquiridos declaram realizar regularmente –, encontraremos, para além dos meios de comunicação social analisados na secção anterior (televisão, rádio, jornais diários e revistas), uma pequena série de actividades lúdicas e conviviais: visitar amigos e familiares, almoçar ou jantar fora de casa, frequentar um café ou esplanada, passear pelo centro da cidade ou num centro comercial (o “ver montras” dos tempos contemporâneos) e, muito próximo do limite dos 50%, passear no parque ou no campo; e podemos acrescentar, menos generalizada, mas com proporções significativas, a prática de fotografia.

O que articula todas estas actividades é o par família e tempos livres. Em todas as cidades, sai-se mais frequentemente às tardes de domingo, e entre os que declaram sair, a maioria fá-lo com familiares. A idade, o sexo e o estado civil são factores de diferenciação: sair, em geral, e sair às noites de fim-de-semana e com amigos, é mais provável entre os jovens, nomeadamente rapazes, e os solteiros (Quadros XIII a XVIII, em Anexo Estatístico). Mas, no conjunto, é bastante baixa: só 27% dos inquiridos indicam as noites do fim de semana como o período de maior frequência de saídas, e só 31% se referem aos amigos como companhias mais frequentes; e as percentagens descem em todas as outras hipóteses de resposta. Em Coimbra, aquelas saídas são um pouco mais frequentes (um terço declara sair mais frequentemente às noites de fim de semana, e dois quintos com os amigos), o que não deixará de estar ligado ao peso do ensino superior na cidade e à sua estreita correlação com as categorias socioprofissionais mais qualificadas (que são, justamente, as que mais declararam aquele tempo de saída e aquele tipo de sociabilidade).

Os resultados relativos à prática de fotografia requerem alguma atenção. A relativa generalização explica-se sobretudo pela sua função rememorativa, como meio para documentar e conservar momentos extra-ordinários, como viagens, festas e convívios, ou rituais familiares (Quadros 15 e 16). Mas constitui uma prática globalmente diferenciada pela posição social, com valores significativos já em níveis médios de capital social (Quadros XIX e XX, em Anexo). Quando considerada como actividade artística amadora, atente-se que apenas no Porto não tem quase expressão (Quadro nº 16): em Braga e Guimarães, a proporção dos que declaram tirar fotografias nesse

contexto é muito elevada (29 e 35%, respectivamente), o que poderá ter alguma relação com a regularidade dos *Encontros da Imagem* de Braga, desde há dois anos com extensões a Guimarães (mas note-se que, em Coimbra, realizam-se os *Encontros de Fotografia* desde 1982, e não se verifica a mesma expressão, embora ronde os 10%, como em Aveiro...). Uma prática minoritária e culturalmente específica, como esta, torna-se mais vulnerável às técnicas de inquirição e análise rígidas – exigirá, portanto, instrumentos de análise mais finos que permitam explicar, contextualizadamente, os resultados do inquérito.

QUADRO Nº 15

PRÁTICA DE FOTOGRAFIA, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA
(% DOS QUE DECLARAM TIRAR FOTOGRAFIAS, EM CADA CIDADE)

	%	(N, ponderado)
Aveiro	52,7	(370)
Braga	41,2	(743)
Coimbra	43,1	(818)
Guimarães	45,2	(494)
Porto	50,3	(2512)
Total	47,4	(4937)

QUADRO Nº 16

CONTEXTOS E OBJECTIVOS DA PRÁTICA DE FOTOGRAFIA, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA
(% EM LINHA, SOBRE OS PRATICANTES DE FOTOGRAFIA)

	Momentos familiares	Viagens e turismo	Festas e convívios	Actividade artística	(N, ponderado)
Aveiro	58,6	71,8	55,1	9,2	(195)
Braga	55,8	70,9	55,1	29,3	(306)
Coimbra	62,2	69,7	43,5	9,8	(352)
Guimarães	55,4	71,0	58,6	35,4	(223)
Porto	65,6	75,5	67,2	5,2	(1263)
Total	62,3	73,3	60,2	12,3	(2340)

Convém, contudo, tentar perceber quem são aqueles que se colocam à margem mesmo destas actividades de informação, lazer e convivialidade que tocam o grosso da população urbana. Os que dizem quase nunca ou nunca ver televisão representam 4% da nossa amostra; os que declaram não ouvir regularmente rádio representam 29%; e são 38% os que não lêem nenhum jornal diário, 13% os que nunca saem de casa para repouso ou divertimento, 21% os que nunca foram, no último mês, a um centro

comercial, 21% os que nunca, nesse mês, almoçaram ou jantaram em grupo, 19% os que nunca foram a casa de amigos, 17% os que nunca foram passear ao centro da cidade, 15% os que nunca foram a um café ou esplanada, 11% os que nunca foram a casa de familiares.

Quem são eles? Os Quadros nº 17 a 21 procuram responder a esta pergunta, comparando a estrutura da amostra e a estrutura do grupo dos que não praticam cada uma das actividades, segundo as variáveis de caracterização sociográfica que a teoria sustenta serem, aqui, mais pertinentes: a instrução, a categoria socioprofissional, a idade, o sexo e o estado civil. O Quadro nº 22 procede a um exercício análogo, segundo a cidade de residência.

Repare-se, então, na composição deste universo de *não-praticantes*, comparando-a com a composição geral da amostra. Nota-se bem que há, aqui, dois grupos, e eles percorrem, com poucas variações, o conjunto das cidades, sinal de uma fortíssima regularidade social (veja-se o Quadro nº 22, para uma comparação genérica entre as cidades).

O primeiro grupo é constituído pelas pessoas em situação de maior isolamento relacional, fechadas sobre si mesmas e com um espaço de mobilidade física e intercâmbio social extremamente reduzido. Não saem de casa por outras razões que não seja a necessidade (do trabalho, ou, mais provavelmente, do contacto com a administração e os serviços, para por exemplo receber a pensão de reforma ou procurar cuidados médicos). Não lêem a imprensa diária. O que os liga ao mundo são a televisão e, menos, a rádio; e a sociabilidade familiar, quando a haja. Ainda assim, uma parte relativamente considerável nem esses três laços possui ou activa.

Como seria de esperar, falamos sobretudo de idosos, muito pouco escolarizados, sem actividade económica; a condição de mulher acentua geralmente a marginalidade relacional e cultural, gerando um efeito análogo (e, tudo leva a crer, cumulativo) ao da viuvez.

Tome-se o Quadro nº 17, que mostra a estrutura deste não-público absoluto segundo a instrução: o peso dos que têm habilitações inferiores ao actual 7º ano de escolaridade é sempre superior à média geral, em todas as saídas e na exposição à rádio e à imprensa. Representam 56% do total de inquiridos; mas representam 75% dos que declaram, no último mês, nunca terem passeado num centro comercial, 84% dos que declaram nunca ter jantado ou almoçado em grupo, 86% dos que declaram nunca ter ido

a um café ou esplanada, 79% dos que declaram nunca ter ido a casa de amigos. E constituem 84% dos que negaram liminarmente ter o hábito de sair de casa para repouso ou divertimento. Ventile-se, depois, pela categoria socioprofissional (Quadro nº 18): trata-se sobretudo de reformados e de domésticas; se deixarmos, por agora, de lado a televisão, eles contrastam tipicamente com quadros intelectuais, profissionais liberais e estudantes, porque estes constituem as categorias sempre subrepresentadas, ao passo que eles constituem as categorias sempre sobrerepresentadas¹⁶. Queremos olhar para a idade (Quadro nº 19)? É nas classes de 45 anos para cima que encontramos as sobrerepresentações estatísticas, em todas as actividades menos ver televisão; e, se isolarmos os mais velhos (65 e mais anos), verificaremos que até na não-relação com a televisão têm eles maior peso (21% dos que nunca ou quase nunca vêem) do que lhes daria a sua proporção no conjunto da amostra (12% do total de inquiridos). Se passarmos ao género, fica evidente que as mulheres estão sobrerepresentadas entre os que *não* praticam cada uma das actividades recenseadas, com a forte excepção da televisão (Quadro nº 20). E, se finalmente rumarmos ao estado civil, fácil é observar que a condição de solteiro induz maior mobilidade, favorecendo uma relação menos dependente ou mais à vontade face à televisão; enquanto, no extremo oposto, o peso dos viúvos, no universo dos não-praticantes, é sempre superior ao seu próprio peso demográfico (Quadro nº 21).

QUADRO Nº 17
CARACTERIZAÇÃO DOS NÃO-PRATICANTES,
SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO(% EM LINHA)

	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secun- dário	Superior	Total	(N, ponderado)
Nunca ou quase nunca vê TV	12,4	26,0	12,7	7,9	19,2	21,9	100,0	(173)
Não ouve regularmente rádio	12,2	40,2	13,9	11,6	9,0	13,0	100,0	(1414)
Não lê jornais diários	17,4	39,7	15,2	14,2	7,6	5,9	100,0	(1854)
Nunca sai de casa p/ repouso ou divertimento	19,5	56,9	7,9	7,0	4,4	4,3	100,0	(639)
Nunca foi, no último mês:								
Passear num centro comercial	22,0	41,4	11,9	8,5	6,6	9,7	100,0	(1017)
Jantar ou almoçar em grupo	18,3	52,1	14,0	10,4	1,4	3,8	100,0	(1027)
A um café ou esplanada	22,8	51,6	11,3	10,7	1,3	2,4	100,0	(718)
Passear no centro da cidade	15,4	40,6	14,6	11,8	6,9	10,8	100,0	(814)
A casa de familiares	9,9	37,9	12,7	17,7	14,6	7,2	100,0	(556)
A casa de amigos	16,1	48,7	13,9	9,4	6,1	5,7	100,0	(933)
Total dos inquiridos	8,9	31,2	15,4	16,4	10,9	17,2	100,0	(4937)

¹⁶ À excepção da (fraca) sobrerepresentação dos estudantes nos casos da visita a casa de familiares e da leitura de jornais diários.

QUADRO Nº 18
CARACTERIZAÇÃO DOS NÃO-PRACTICANTES, SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL (% EM LINHA)

	Dirigentes e liberais	Quadros intelectuais e científicos	Quadros médios	Pequenos independentes	Empregados industriais	Operários industriais	Reformados	Domésticas	Estudantes	Outros, sem informação	Total	(N, ponderado)
Nunca ou quase nunca vê TV	3,4	15,8	8,1	28,5	18,2	2,5	18,1	0,6	2,4	2,4	100,0	(173)
Não ouve regularmente rádio	1,9	7,3	4,1	8,2	17,4	8,3	30,7	9,2	4,9	8,0	100,0	(1414)
Não lê jornais diários	0,8	2,6	2,3	7,0	19,2	9,4	23,6	12,5	11,0	11,6	100,0	(1854)
Nunca sai de casa para repouso ou divertimento	1,9	1,0		13,5	18,0	3,1	41,5	9,6	2,4	9,0	100,0	(639)
Nunca foi, no último mês:												
Passear num centro comercial	2,6	5,2	3,2	13,9	15,9	5,3	35,4	7,6	2,0	9,0	100,0	(1017)
Jantar ou almoçar em grupo	0,6	0,7	1,3	11,2	16,9	8,7	31,8	12,8	3,3	12,7	100,0	(1027)
A um café ou esplanada	1,2	0,8	0,3	8,9	20,0	5,4	37,9	16,7	1,5	7,3	100,0	(718)
Passear no centro da cidade	3,4	5,0	4,0	15,1	18,6	7,3	25,8	10,2	2,7	7,8	100,0	(814)
A casa de familiares	1,7	4,2	1,4	9,5	20,0	7,2	28,3	8,0	11,3	8,4	100,0	(556)
A casa de amigos	1,7	1,2	3,0	11,7	23,0	6,8	30,6	8,8	2,3	10,9	100,0	(933)
Total dos inquiridos	3,4	8,3	5,0	10,3	19,7	9,5	17,3	7,1	9,8	9,5	100,0	(4937)

QUADRO Nº 19
CARACTERIZAÇÃO DOS NÃO-PRACTICANTES, SEGUNDO A IDADE (% EM LINHA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total	(N, ponderado)
Nunca ou quase nunca vê TV	3,4	8,1	25,4	19,0	22,8	21,3	100,0	(173)
Não ouve regularmente rádio	3,6	7,8	13,1	14,8	40,1	20,6	100,0	(1414)
Não lê jornais diários	10,9	12,5	15,1	9,3	33,8	18,4	100,0	(1854)
Nunca sai de casa para repouso ou divertimento	1,3	4,5	6,4	15,4	43,7	28,7	100,0	(639)
Nunca foi, no último mês:								
Passear num centro comercial	1,6	4,7	11,9	16,1	35,5	30,2	100,0	(1017)
Jantar ou almoçar em grupo	6,1	5,9	10,9	13,0	40,4	23,7	100,0	(1027)
A um café ou esplanada	2,8	4,0	6,5	12,6	39,8	34,3	100,0	(718)
Passear no centro da cidade	3,7	7,3	19,1	15,9	34,8	19,2	100,0	(814)
A casa de familiares	8,3	13,1	18,6	10,9	30,2	18,8	100,0	(556)
A casa de amigos	2,1	5,3	12,1	17,6	42,2	20,6	100,0	(933)
Total dos inquiridos	9,1	12,1	20,0	16,5	30,0	12,3	100,0	(4937)

QUADRO Nº 20
 CARACTERIZAÇÃO DOS NÃO-PRATICANTES, SEGUNDO O SEXO (% EM LINHA)

	H	M	Total	(N, ponderado)
Nunca ou quase nunca vê TV	58,4	41,6	100,0	(173)
Não ouve regularmente rádio	33,4	66,6	100,0	(1414)
Não lê jornais diários	27,0	73,0	100,0	(1854)
Nunca sai de casa para repouso ou divertimento	23,6	76,4	100,0	(639)
Nunca foi, no último mês:				
Passear num centro comercial	35,6	64,4	100,0	(1017)
Jantar ou almoçar em grupo	26,6	73,4	100,0	(1027)
A um café ou esplanada	16,9	83,1	100,0	(718)
Passear no centro da cidade	37,7	62,3	100,0	(814)
A casa de familiares	39,2	60,8	100,0	(556)
A casa de amigos	28,9	71,1	100,0	(933)
Total dos inquiridos	45,4	54,6	100,0	(4937)

QUADRO Nº 21
 CARACTERIZAÇÃO DOS NÃO-PRATICANTES, SEGUNDO O ESTADO CIVIL (% EM LINHA)

	Casado(a)	Solteiro(a)	Divorciado(a)	Viúvo(a)	Não responde	Total	(N, ponderado)
Nunca ou quase nunca vê TV	44,6	38,1	9,0	8,3		100,0	(173)
Não ouve regularmente rádio	58,3	22,9	6,2	11,7	0,9	100,0	(1414)
Não lê jornais diários	51,1	32,3	4,8	11,8		100,0	(1854)
Nunca sai de casa p/ repouso ou divertimento	61,3	16,9	5,6	14,9	1,2	100,0	(639)
Nunca foi, no último mês:							
Passear num centro comercial	61,8	19,5	5,5	12,7	0,4	100,0	(1017)
Jantar ou almoçar em grupo	54,6	25,1	5,7	13,6	0,9	100,0	(1027)
A um café ou esplanada	58,9	16,3	6,1	18,7		100,0	(718)
Passear no centro da cidade	61,4	21,8	5,0	11,2	0,6	100,0	(814)
A casa de familiares	44,8	39,9	6,2	8,2	0,9	100,0	(556)
A casa de amigos	62,5	17,6	7,2	12,2	0,5	100,0	(933)
Total dos inquiridos	55,1	33,7	4,3	6,7	0,3	100,0	(4937)

QUADRO Nº 22
 TAXAS DE NÃO-PRATICANTES, POR CIDADE DE RESIDÊNCIA
 (% SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS, EM CADA CIDADE)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Nunca ou quase nunca vê TV	3,2	4,2	3,4	3,6	3,4	3,5
Não ouve regularmente rádio	26,1	25,5	35,0	20,9	29,4	28,6
Não lê jornais diários	41,2	36,8	29,2	50,6	37,4	37,6
Nunca sai de casa para repouso ou divertimento	9,1	13,9	15,9	14,4	12,0	12,9
Nunca foi, no último mês:						
Passear no centro da cidade	13,8	13,1	21,7	12,2	17,0	16,5
Passear num centro comercial	22,8	21,0	25,3	17,3	19,3	20,6
Jantar ou almoçar em grupo	21,0	28,6	24,3	27,0	16,1	20,8
A um café ou esplanada	9,7	9,7	18,7	11,6	15,9	14,5
A casa de amigos	14,1	23,9	18,2	20,9	18,0	18,9
A casa de familiares	10,4	14,3	17,7	8,7	8,9	11,3

Porquê a excepção da televisão? Por duas razões complementares. Porque, como já tantas vezes dissemos, ela constitui praticamente o único elemento da cultura de massas que penetra em quase todo o espectro das condições sociais. Não se esqueça de que só 4% dos inquiridos diz nunca ou quase nunca vê-la. E o que é analiticamente

interessante é notar como o outro grande meio de penetração, a rádio, ainda se encontra longe da intensidade e abrangência da televisão. A segunda razão está, precisamente, na diferença que a qualificação social pode introduzir, face aos comportamentos modais. Não ver televisão pode ser um acto militante ou resultar simplesmente de uma maior gama de interesses culturais e sociais na vida de cada um. Pode ser até ideologicamente exagerado, em contexto de entrevista, numa pequena deriva que a lógica da distinção face ao vulgar permite compreender sem mais demoras. É, em todos os casos, uma marca incontornável de desenvoltura social; e, portanto, em vez de constituir indicador de isolamento e reclusão, sugere mobilidade e mestria. Ainda para o conjunto das cidades, 41% dos que não vêem televisão têm mais do que o 9º ano de escolaridade; os quadros intelectuais e científicos, que representam 8% do total de inquiridos, respondem por 16% dos que não vêem televisão; os jovens-adultos de 25 a 34 anos, que representam 20% do total de inquiridos, respondem por 25% dos que não vêem televisão; as mulheres representam 55% dos inquiridos, mas apenas 42% dos que não vêem televisão; mas 38% são solteiras ou solteiros (Quadros nº 17 a 21). A relação é, pois, quase inversa: descontada parte dos idosos, para os quais nem a televisão constitui elo de ligação ao mundo, e o caso dos jovens, que apresenta algumas especificidades (um dos mais altos níveis de saídas mas também de consumo televisivo e radiofónico, além de uma natural menor exposição às rotinas da sociabilidade familiar), quanto mais variados os recursos sociais detidos, menor é a dependência da “caixa mágica”.

Para o propósito fundamental deste relatório, que é fornecer algumas indicações sobre as características e dinâmicas dos consumos culturais, o ponto principal reside, sem dúvida, no primeiro dos grupos identificados: esse *não-público absoluto*, à margem da própria cultura de massas e do lazer, arredado até, em grande parte, dos mais simples círculos de sociabilidade e relação, e cujo, aliás ténue, cordão de ligação se reduz à televisão. Se queremos chegar a este não-público, é preciso ir pela televisão dita generalista e popular. A sua fraquíssima dotação em capital cultural e o seu isolamento social não autorizam, porém, grandes esperanças.

3.

Abandonemos, agora, a análise das práticas mais disseminadas de natureza lúdica ou convivial e de recepção de informação – aquelas práticas, insistimos, que obtêm taxas superiores a metade do total dos inquiridos, significando isso, sociologicamente, que são transversais às diferenciações do espaço social, porque, à excepção de um *não-público absoluto*, fechado sobre si próprio e colocado à margem de qualquer actividade ou rede relacional, tocam as várias gerações, os dois géneros, os diversos níveis de capital escolar e as múltiplas inserções de raiz socioprofissional. Não podemos passar, contudo, sem transição, para o pólo contrário das práticas mais restritas da cultura erudita, pólo comandado pela relação com o livro, as artes do espectáculo, as instituições artísticas. É preciso demorarmo-nos por essa espécie de círculo interior da cultura de massas, cujas ilustrações, na trama do questionário que utilizámos e para organização da nossa exposição, podem bem ser as que motivam taxas de frequência entre os 25 e os 50% da população inquirida. Tomando os valores agregados das cinco cidades como referência (Quadro nº 8), obtemos um leque de práticas em que as cidades nem sempre se equivalem: a leitura de desportivos (31% do total de inquiridos) e a compra de discos (29%); as idas, pelo menos uma vez no mês imediatamente anterior à administração do questionário, ao cinema (30%), a bares com música ao vivo (31%), à discoteca (25%) e a jogos de futebol (26%) – e podíamos juntar aqui o passeio no parque (51%) e no campo (49%); e as idas, pelo menos uma vez no ano anterior à administração, a um festival de foclclore (26%) e a uma feira de artesanato (44%).

O modo como cada cidade se posiciona face a estes valores médios deixa antever que estes tipos de práticas se apresentam mais permeáveis a contextos e dinâmicas particulares do que aquelas que, num e noutro extremo, estão sobretudo condicionadas por características sociológicas estruturais dos inquiridos. Entre outros factores (que veremos a propósito do desporto e das indústrias culturais), estão aqueles que decorrem dos processos de inserção, percepção e relacionamento com o tipo (em volume e modelos de organização) da oferta e dos espaços de cada cidade. Porque em cada uma se cruzam aqueles dois princípios de estruturação de práticas e praticantes, de acordo com as especificidades históricas e as dinâmicas sociais e identitárias locais. O aprofundamento destas redes não cabe neste relatório. Mas devemos tê-las em fundo, se queremos produzir interpretações fundamentadas. Regressando ao Quadro nº 8, ensaiemos uma aproximação.

Há, desde logo, quatro daqueles indicadores agora retidos cujo valor médio (para o conjunto das cidades) resulta diminuído pela menor taxa de prática verificada na cidade do Porto – e em dois deles reforçada a diminuição pelos inquiridos em Coimbra. São eles o passeio no parque e o passeio no campo; a frequência de um festival de folclore e a ida a uma feira de artesanato. Nos dois primeiros – sociabilidades de lazer exterior, de generalizada dimensão convivial – Coimbra e Porto apresentam taxas inferiores à metade dos inquiridos (embora próximas). As percepções sobre este tipo de práticas actualizam representações mais amplas sobre o espaço urbano e as suas descontinuidades relativamente ao não urbano (mais especificamente, ao rural), deixando antever a possibilidade de as declarações sobre este tipo de práticas manifestarem diferentes relações com o urbano, nas nossas cidades. Aliás, o modo como por nós foi delimitado o espaço físico de cada cidade, que descrevemos na introdução a este texto, dá alguma ideia da fluidez que caracteriza o perímetro urbano de algumas das cidades (nomeadamente, Aveiro, Braga e Guimarães). Essa delimitação implicou a integração de uma “malha larga” de freguesias, algumas das quais poderiam ter sido excluídas se tivéssemos usado critérios mais estritos. A única excepção foi, naturalmente, a cidade do Porto, cuja malha urbana integra, e ultrapassa, todas as freguesias que constituem o concelho. Nas restantes cidades, o concelho como unidade territorial (e portanto unidade cultural e social) permanece muitas vezes relativamente indistinto face à “cidade”, ou, mais precisamente, ao “centro urbano”. É cedo para o testarmos, porque implica o recurso a outros protocolos de observação nas cidades, mas é possível que, em Braga, Guimarães, e mesmo Aveiro, as relações com as respectivas cidades se estabeleçam em modos diversos dos que caracterizam o Porto e Coimbra.

Vejamos os outros dois indicadores que agrupámos num primeiro círculo. O Porto regista uma taxa de 17% sobre a declaração de ida, no ano de referência, a um festival de folclore, e de 32% sobre a ida a uma feira de artesanato. Comparem-se estes valores com os das restantes cidades e perceber-se-á a sua excentricidade. Uma via a testar referencia-se, não apenas às questões avançadas atrás, mas sobretudo aos contextos da oferta cultural em cada cidade, que, por exemplo, no caso de Aveiro, podem justificar a forte atracção pela feira de artesanato (67% dos inquiridos). Sabemos que, nesta cidade, se realiza anualmente uma importante feira, a FARAV, e 57% dos inquiridos declararam tê-la visitado no ano de referência. Mas, para além de situações específicas como esta, há a registar que não é clara a ideia de “feira de artesanato”, do

ponto de vista da identificação, fora dos centros urbanos, de características específicas em relação às feiras/mercados locais. E, por outro lado, no Porto existem várias iniciativas com aquela designação, não definidas pelo eixo tradicional local, mas pela dimensão de um nicho de mercado mais específico. O que está em causa é, provavelmente, a diferente organização e os diversos conteúdos da oferta cultural, ao mesmo tempo que se compõe, em cada cidade, um *ambiente urbano* distinto. Assim se podem, também, pensar os lugares, as expressões, e as dimensões simbólicas de um festival de folclore neste leque de cidades. Já o cinema é um exemplo de sinal contrário, pois no Porto regista-se uma taxa de frequência mais elevada – em Guimarães, o pólo oposto, é de 18%. Podemos, mais simplificada, relacioná-lo com a rarefacção da oferta, na lógica própria de penetração dessa indústria (o “fenómeno dos *multiplexes*” não se tinha alargado a todas as cidades, à altura do nosso inquérito).

Avancemos nas restantes práticas que seleccionámos. E comecemos pelo fenómeno desportivo. Muito polarizado no futebol, não só constitui o único espectáculo ao vivo a suscitar a adesão de múltiplas condições sociais, como alimenta uma relação regular com a leitura, através da imprensa desportiva, e marca também as modalidades de recepção televisiva.

Em termos globais, tem-se verificado que os consumos associados ao desporto não se organizam predominantemente segundo as lógicas de hierarquização pelo capital escolar e profissional que estruturam as práticas culturais enobrecidas. A relação com o fenómeno desportivo continua a ser, porém, claramente limitada por duas barreiras fundamentais: a reserva do género e a incomunicabilidade entre assistência e prática. O Quadro nº 23 apresenta as diversas modalidades de relacionamento com o desporto em cada cidade; e os Quadros XXI a XXIV, em Anexo, cruzam, para o conjunto das cidades, essas modalidades pelas variáveis de classificação social que temos utilizado: a instrução, a idade, o sexo e a categoria socioprofissional.

QUADRO Nº 23
 MODALIDADES DE RELAÇÃO COM O DESPORTO,
 SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM COLUNA)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Assistiu pelo menos uma vez a jogos de futebol no último mês	23,4	23,7	33,2	25,5	25,8	26,5
Costuma ler um ou mais jornais desportivos	29,4	31,0	34,5	36,9	29,8	31,4
Os programas desportivos estão entre os três tipos de programas televisivos que mais aprecia	32,6	28,2	39,3	37,2	30,8	32,6
Pratica regularmente uma actividade física ou desportiva	24,9	25,7	24,3	31,2	17,1	21,6
(N, ponderado)	(370)	(743)	(818)	(494)	(2512)	(4937)

Este quadro e o seguinte (Quadro nº 24) devem ser lidos em coluna: 23,4% dos (370) inquiridos residentes na cidade de Aveiro assistiram pelo menos uma vez a jogos de futebol no último mês, etc.

Consumos mais juvenis, mas plasmando-se pelos grupos etários intermédios; e, quanto ao capital escolar, afiguram-se mais associados aos níveis também intermédios (último ciclo do ensino básico e ensino secundário). A fractura por excelência é, sem dúvida, o género: o relacionamento com o desporto continua a ser um sinal de diferenciação sexual, e é a combinação deste facto com a sua natureza transclassista que explica que, quando o ventilamos pela categoria socioprofissional, sejam os trabalhadores independentes, o operariado e os estudantes os grupos com maior taxas de actividade, ao contrário das domésticas e dos empregados, categorias fortemente feminizadas.

O mesmo não se verifica quando observamos, não já o consumo de eventos mas a prática de actividade, isto é, o exercício físico regular. O padrão, agora, configura-se pelo atenuar do efeito género, pelo reforço do efeito idade e pela maior dependência do nível de instrução – modulado, em cada cidade, pela relação que assume o desporto (e nele o futebol) no quadro das actividades de cultura, sobretudo entre os jovens (o que poderá explicar a maior observância da prática de actividade na cidade de Guimarães, correspondendo a uma maior presença de praticantes populares).

Passemos agora a duas indústrias culturais por excelência: o cinema e o disco. O cinema, na forma aqui retida (sem levar, portanto, em conta o consumo doméstico cujos suportes são a televisão e o vídeo) combina consumo e saída. E o nível de relação com a música que daqui fica arredado, por enquanto, é a assistência ao (grande) espectáculo. Vale a pena, cremos, olhar ao mesmo tempo para outras três modalidades: a compra regular de discos; a frequência de discotecas; e a frequência de bares com ambiente

musical (tendo o nosso questionário especificado o ambiente proporcionado por actuações ao vivo de pequenos agrupamentos ou solistas).

O Quadro nº 24 apresenta a distribuição em cada cidade, e, no Anexo II, os Quadros XXV a XXVIII tornam a ventilar estas quatro actividades pelas variáveis clássicas da instrução, da idade, do sexo e da categoria socioprofissional. Comparando os resultados, torna-se clara a prevalência destas variáveis sobre o meio de residência, quanto à determinação dos consumos culturais.

QUADRO Nº 24
IDA AO CINEMA, À DISCOTECA, A BARES COM MÚSICA, E COMPRA DE DISCOS,
SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM COLUNA)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Foi pelo menos uma vez ao cinema no último mês	24,0	28,0	26,9	17,8	35,4	30,3
Foi pelo menos uma vez à discoteca no último mês	19,6	28,3	34,8	22,8	22,9	25,4
Foi pelo menos uma vez a um bar com música ao vivo no último mês	29,8	24,1	33,8	28,1	32,0	30,6
Compra regularmente discos	40,4	28,0	31,0	28,2	27,4	29,1
(N, ponderado)	(370)	(743)	(818)	(494)	(2512)	(4937)

A barreira do género continua a ser determinante. Aqui como, geralmente, sempre que se trata de práticas que implicam saída para o exterior do espaço doméstico, a condição de mulher acrescenta uma limitação própria às limitações que decorrem, desde logo, da desigual distribuição dos bens escolares e dos recursos profissionais e que, como bem se sabe, na população actual¹⁷, penalizam fortemente as mulheres (pesem todas as mudanças recentes no sentido de maior equilíbrio, entre as gerações mais jovens).

Mas é o jogo entre idade e capital escolar a inter-relação decisiva. Há um peso específico da idade: de um lado, a disponibilidade física e social para o entretenimento no exterior e a maior mobilidade pessoal; do outro, a sucessão das correntes de gosto e a transformação dos padrões de consumo cultural, com uma polarização reforçada na música e no audiovisual. Este peso específico evita que a ventilação pela instrução se faça só naquele sentido único e vertical que tão presente, como se verá no capítulo

¹⁷ E mais ainda na nossa amostra, porque, como já ficou suficientemente esclarecido na primeira parte do relatório, a distribuição do nível de instrução pelo género é nela profundamente desigual. Cf. Quadros nº 3 e 6.

seguinte, se encontra nas práticas culturais eruditas, tornando quase mecanicamente os mais educados nos praticantes “naturais”. Acresce que o cinema, o disco e a música ambiente são produtos de indústria, para consumo de massas.

Repare-se: a cultura de massas tende a instaurar uma cesura irreversível entre os mais desapossados de capital escolar. No nosso caso empírico, abaixo dos cinco anos de escolaridade, a frequência de cinema, discotecas ou bares é mínima e improvável a aquisição regular de *LP's* e *CD's*. Mas acima deste limiar de integração no universo *pop*, a acumulação de capital escolar não significa automaticamente maior frequência. O efeito de escolaridade passa então a combinar-se com o efeito de idade, dando particular relevo às elevadas taxas de frequência de cinemas, discotecas e bares com música ao vivo e à compra regular de discos dos grupos mais jovens e mais escolarizados (como se pode ver, para o conjunto das cidades, no Quadro XXIX, em Anexo II, pelo menos 90% dos inquiridos com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos e escolaridade de nível superior frequentaram, no último mês, o cinema, a discoteca ou um bar com música ao vivo; e 59% compraram discos).

Se olharmos para a variação segundo a categoria socioprofissional, no conjunto das cidades (Quadro XXVIII, Anexo), perceberemos melhor a influência cruzada entre juvenilidade e qualificação académica, no quadro destas práticas de cultura de massas – os estudantes, por um lado, e os profissionais liberais e quadros superiores, por outro, rivalizam na posição de consumidores mais intensivos.

Não passemos, porém, por cima de um facto elementar a que haveremos de retornar: a limitação sociológica da nossa cultura “de massas”. De massas? 70% dos inquiridos nas cinco cidades – dois em cada três, portanto – não foi nenhuma vez ao cinema, no mês imediatamente anterior à entrevista. E, ainda mais importante do que isto é notar que esta é uma ausência que toca 45% dos titulares de instrução superior, 44% dos quadros intelectuais e científicos, 52% dos directores e profissionais liberais, 68% dos quadros médios. Para a população destas cidades, como para a população portuguesa, enquanto tais, a televisão e a rádio quase monopolizam o universo da cultura de massas.

IV. EXCLUÍDOS, OCASIONAIS E HABITUADOS

1.

Prossigamos a análise sobre a relação dos vários grupos sociais com a cultura e o lazer, considerando agora o universo de bens e práticas culturais mais fechado à generalidade das populações. Como tem sido notado, em estudos sociológicos nacionais e internacionais, a leitura, a assistência a espectáculos e a frequência de instituições artísticas configuram esse universo, duplamente caracterizado por ocupar as mais altas posições na hierarquização social dos produtos e actividades culturais e por ser o mais reservado e menos aberto dos campos culturais. A *distinção* que assim se determina tende a hegemonizar a relação social.

Como bem notou, por exemplo, Olivier Donnat (1994: 182), não basta, entretanto, ficarmo-nos pela dicotomia simples entre o público e o não-público, para dar conta dessa relação, em si mesma bastante mais complexa. Por um lado, importa diferenciar o primeiro elemento, porque o público de que falamos são, de facto, públicos: uma coisa são os praticantes regulares, outra são os visitantes esporádicos dos equipamentos culturais ou os espectadores ocasionais dos eventos, e percebê-lo é determinante para, nomeadamente, compreender a relação com os museus, demarcando o que é visita turística, visita escolar e fruição conhecedora e habitual. Por outro lado, as pessoas orientam-se por valores e objectivos que são múltiplos e concretizam as suas acções de modos muito diferenciados, activando por aí maneiras de consumir e praticar, cujas regularidades podem ser apreendidas e restituídas em padrões sociológicos de prática cultural.

Não exploramos por ora a segunda vertente analítica, que exigirá uma abordagem mais fina, a empreender futuramente. Mas avancemos um pouco na primeira. Nos seus termos, procuraremos distinguir os praticantes regulares do universo mais impreciso do total de praticantes, sejam eles ocasionais ou habituais.

Comecemos, pois, por abordar a globalidade dos inquiridos que declaram qualquer ponto de contacto com o universo da leitura “literária” (quer dizer, a leitura

que não é motivada apenas por razões de estudo ou profissão), dos espectáculos e das instituições artísticas. Os nove *itens* escolhidos, na construção do questionário, como indicadores desse contacto são a ida, num intervalo temporal de um ano, a um museu de arte, a uma exposição de pintura ou escultura, a uma exposição de fotografia, a um concerto de música clássica, a um concerto de *jazz*, a um concerto de música moderna (*rock* ou *pop*), a um espectáculo de música ligeira (*fado*, *cançonetistas*) e a um espectáculo de teatro; e a leitura de um livro, no mês anterior à data de administração do inquérito.

Continuaremos a proceder em duas etapas, tentando identificar a estrutura do público (isto é, o modo como, no total de inquiridos que manifestaram qualquer ponto de contacto, a composição do público reflecte os vários níveis de instrução, categorias socioprofissionais, grupos de idade, géneros e cidades de residência); para, depois, perceber quanto valem os consumidores no conjunto das respectivas categorias (quantos, dos homens, declararam ter ido, pelo menos uma vez, a um museu, quantos dos adolescentes o declararam, quantos dos bracarenses e por aí adiante).

Os Quadros nº 25 a 29 sistematizam a informação relativa à estrutura do público cultural na nossa amostra, na sua definição mais larga e imprecisa. Salta claramente à vista a intensidade das diferenciações segundo o capital escolar e a posição social, mas também se evidenciam as diferenças introduzidas quando temos em conta a cidade de residência.

Tomemos, em primeiro lugar, a ventilação por nível de instrução para o conjunto das cidades (Quadro nº 25).

QUADRO Nº 25
 ESTRUTURA DO PÚBLICO DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM LINHA)

	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total	(N, ponderado)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte	3,6	16,6	12,1	14,9	15,5	37,3	100,0	(1156)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	1,8	10,8	11,6	17,2	15,1	43,5	100,0	(1269)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	2,6	8,5	12,3	20,0	14,9	41,5	100,0	(917)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	3,3	7,0	10,2	14,6	14,6	50,2	100,0	(527)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	6,0	9,0	3,9	14,4	23,8	42,9	100,0	(247)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	2,4	9,2	16,7	25,9	19,9	26,0	100,0	(1079)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	4,4	23,9	19,7	15,8	13,5	22,7	100,0	(1152)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	3,4	18,9	11,4	16,5	16,2	33,5	100,0	(1083)
No último mês, leu algum livro que não fosse por razões de estudo ou profissão	1,6	13,2	15,1	16,8	16,3	37,0	100,0	(1009)
Total	8,9	31,2	15,4	16,4	10,9	17,2	100,0	(4937)

Os inquiridos com instrução secundária e superior estão sempre sobrerrepresentados, na estrutura do público, qualquer que seja a actividade considerada: quer dizer, o seu peso nela é superior ao seu peso no total da população inquirida, tal como o recorda e regista a última linha do quadro. No outro extremo, os inquiridos com o primeiro ciclo do ensino básico, ou menos, estão sempre subrepresentados.

A instrução superior – que “vale” apenas 17%, na nossa amostra – constitui, por si mesma, cerca de metade do público de música clássica, 43% do público dos concertos de *jazz* e 44% do público das exposições de artes plásticas; e, se lhe acrescentarmos o ensino secundário – valendo, então, a soma parcelar 28% dos inquiridos – os dois significam 67% do público de *jazz*, 65% do de música clássica, 59% do de pintura e escultura, 56% do das mostras de fotografia, 53% do dos museus, 50% do do teatro e, ainda, 53% dos leitores.

Só no *rock* e na música ligeira a sua influência é menos esmagadora, continuando a ser, porém, não se esqueça, estatisticamente “excessiva”. No *rock*, sobressaem as qualificações intermédias: 46% do seu público tem o terceiro ciclo ou o ensino secundário. Nas restantes, a estrutura da distribuição segundo a escolaridade é menos desigualitária.

Se rumarmos ao tipo de inserção (ou ausência de inserção) no mercado de emprego, a lógica destas regularidades torna-se ainda mais clara (Quadro nº 26). Quais são as categorias sobrerrepresentadas, na estrutura do público urbano com algum contacto com a cultura? Os quadros intelectuais e científicos, em todas as actividades; os profissionais liberais e dirigentes, em todas excepto na música ligeira; os estudantes, excepto na música clássica; os quadros médios, excepto no teatro. Quais são as categorias subrepresentadas, em todas as actividades? Os reformados e as domésticas. E podemos referir, ainda, os empregados, com excepção da música ligeira, e os operários, com excepção do *rock*. Depois, os quadros intelectuais e os estudantes respondem por 42% do público do *jazz*; os estudantes respondem por 27% do de *rock*; e os quadros intelectuais por 21% da música clássica.

QUADRO Nº 26

ESTRUTURA DO PÚBLICO DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL (% EM LINHA)

	Dirigen- tes e liberais	Quadros intelectuais e científicos	Quadros médios	Pequenos independen- tes	Empre- gados	Operários industriais	Reforma- dos	Domésti- cas	Estudan- tes	Outros, sem infor- mação	Total	(N, ponderado)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte	8,3	16,5	6,7	8,3	15,3	4,7	12,2	5,0	15,5	7,3	100,0	(1156)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	8,5	22,0	8,9	9,6	12,3	4,2	9,1	4,1	13,5	7,8	100,0	(1269)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	7,9	19,4	8,2	6,8	15,9	4,4	8,9	2,1	17,9	8,4	100,0	(917)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	10,4	20,5	6,0	10,1	8,9	6,2	15,6	2,9	8,2	11,2	100,0	(527)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	8,7	21,2	6,9	9,7	11,5		12,2	2,1	20,6	7,1	100,0	(247)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	5,0	13,0	6,4	8,6	14,8	11,4	3,4	1,3	26,9	9,0	100,0	(1079)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	3,3	12,2	6,2	12,1	20,3	9,4	10,7	5,5	10,7	9,6	100,0	(1152)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	6,6	14,3	4,8	9,7	17,8	4,7	12,0	4,6	17,1	8,4	100,0	(1083)
No último mês, leu algum livro que não fosse por razões de estudo ou profissão	6,0	20,2	5,8	11,0	15,6	5,8	7,8	3,3	15,2	9,3	100,0	(1009)
Total	3,4	8,3	5,0	10,3	19,7	9,5	17,3	7,1	9,8	9,5	100,0	(4937)

QUADRO Nº 27

ESTRUTURA DO PÚBLICO DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A IDADE (% EM LINHA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total	(N, ponderado)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte	11,7	15,3	20,6	22,0	20,7	9,8	100,0	(1156)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	10,5	13,5	24,3	22,0	21,0	8,7	100,0	(1269)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	15,2	15,2	27,0	19,0	16,1	7,5	100,0	(917)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	5,9	11,7	21,8	21,4	23,7	15,6	100,0	(527)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	9,1	25,5	28,9	13,5	12,9	10,1	100,0	(247)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	23,0	27,9	27,8	11,1	7,6	2,7	100,0	(1079)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	10,5	13,5	23,0	19,2	25,3	8,5	100,0	(1152)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	13,0	12,7	26,6	16,0	22,8	9,0	100,0	(1083)
No último mês, leu algum livro que não fosse por razões de estudo ou profissão	14,6	13,4	23,0	19,5	23,0	6,5	100,0	(1009)
Total	9,1	12,1	20,0	16,5	30,0	12,3	100,0	(4937)

Congruentemente, o grupo etário mais desapossado de qualificações académicas e profissionais há-de ser aquele que se encontra sistematicamente afastado do público, com a interessante excepção do da música clássica (Quadro nº 27). Falamos dos idosos, dos que não puderam beneficiar das transformações da estrutura social portuguesa, porque elas são extremamente recentes; mas também do grupo dos adultos com idades compreendidas entre os 45 e os 64 anos, que, aliás, é o que se encontra subrepresentado em *todos* os indicadores.

Entretanto, temo-lo dito, a idade, se repercute as consequências de diferentes combinações de capital escolar e oportunidades sócio-económicas, não deixa de introduzir um efeito que lhe é específico. O qual não se organiza necessariamente numa lógica de intensidade do consumo cultural inversa à progressão na idade. Todos os grupos de idades inferiores ao patamar dos 45 anos estão sobrerrepresentados na larga maioria dos indicadores usados: o único, porém, que *não* se encontra *subrepresentado* em nenhum é o daqueles que têm entre 25 e 34 anos.

O *rock*, esse, é um caso à parte. Porque o *rock* é uma prática juvenil. A prática juvenil, de entre as que seleccionámos: 23% dos que declaram ter ido pelo menos a um concerto têm menos de 20 anos, 51% têm menos de 25 anos, 79% têm menos de 35 anos, 90% têm menos de 45 anos. Por aí se contrapõe ao público da música clássica, 61% do qual têm idades acima dos 34 anos – um público mais envelhecido, portanto; mas contrapõe-se também, noutro sentido, ao público do *jazz*, 54% do qual têm entre 20 e 34 anos (mas o público do *jazz* é muito diminuto, cautela, por isso, na extrapolação!).

Se olharmos ainda com um pouco mais de finura, daremos conta de que o público da música ligeira é o menos discriminante, aglutinando os diferentes grupos de idade em proporções não muito distantes das que encontramos na amostra: 24% com idades entre os 15 e os 24 anos, para uma proporção na amostra de 21%; 42% com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos, quando no conjunto da amostra a proporção equivalente é de 37%; ou, ainda, 34% com idades iguais ou superiores a 45 anos, para uma proporção na amostra de 42%. O que é congruente com a sua caracterização segundo a instrução, menos verticalizada, como a seu tempo anotámos. A “canção” é, sem dúvida, o menos selectivo dos espectáculos aqui retidos.

Por outro lado, os adolescentes e os jovens estão relativamente bem representados na estrutura do público leitor e consumidor de teatro – e é, talvez, isso que explica que o peso da instrução seja menos esmagador na determinação de tais

consumos. Não é difícil adivinhar aqui uma extensão quase natural da escola e da cultura escolar.

E quanto ao género? O Quadro nº 28 não deixa margem a qualquer ambiguidade interpretativa. O público é avassaladoramente masculino e, em especial, nos espectáculos de *jazz* (onde significa 75% do total) e de *rock* (onde representa 67% do total). As mulheres, maioritárias na amostra e na população a que esta se refere, são minoritárias em todos os consumos, com duas quase-excepções bem reveladoras: a saída menos selectiva, para ouvir e ver o ou a cançonetista em voga, e a prática doméstica da leitura.

QUADRO Nº 28
ESTRUTURA DO PÚBLICO DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO O SEXO (% EM LINHA)

	H	M	Total	(N, ponderado)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte	58,8	41,2	100,0	(1156)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	58,5	41,5	100,0	(1269)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	62,6	37,4	100,0	(917)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	62,0	38,0	100,0	(527)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de <i>jazz</i>	74,7	25,3	100,0	(247)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (<i>rock/pop</i>)	67,0	33,0	100,0	(1079)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetistas)	52,3	47,7	100,0	(1152)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	58,7	41,3	100,0	(1083)
No último mês, leu algum livro que não fosse por razões de estudo ou profissão	51,4	48,6	100,0	(1009)
Total	45,4	54,6	100,0	(4937)

O Quadro nº 29 permite-nos, agora, dar conta da estrutura dos públicos culturais tendo em atenção a cidade de residência. Procuramos, assim, equacionar os impactos que as diferenças de composição social das cinco cidades possam ter sobre a formação dos públicos locais.

O dado imediatamente mais visível neste quadro dá conta da sobrerrepresentação dos públicos residentes na cidade de Coimbra, qualquer que seja a actividade considerada. A proporção de conimbricenses entre os públicos destas actividades culturais é sempre superior à sua proporção no conjunto da amostra; isto é, acima dos 17%. Essa sobrerrepresentação dá ainda conta do peso das cidades de Aveiro e Braga na estrutura global dos públicos, exceptuando neste caso três tipos de actividades: os públicos de teatro, em ambas as cidades; os públicos da música ligeira, em Aveiro; e os públicos da música clássica, em Braga.

O contraponto a estas cidades encontramos-lo nós na subrepresentação, face ao peso relativo na amostra, dos inquiridos residentes na cidade do Porto entre os frequentadores das actividades aqui consideradas. Exceptuar-se-á o teatro – não por acusar “sobrepeso”, mas porque parece mobilizar uma proporção de portuenses análoga à expressão da cidade na amostra. É mais híbrido o perfil dos públicos na cidade de Guimarães: nas actividades ligadas à música – excepto a música clássica –, o peso dos públicos é ligeiramente superior ao peso relativo da cidade; na frequência de espectáculos de teatro e nas visitas a museus é menor; e nas restantes actividades está muito próximo da sua proporção na amostra.

A compreensão destas diferenças exige que tenhamos presentes alguns dos traços caracterizadores da composição social de cada uma das cidades (e que foram já analisados na primeira parte deste texto). Poderemos, assim, perceber que à sobrerepresentação de Coimbra na estrutura dos públicos culturais da nossa amostra não será alheia a composição interna da sua população, em que os grupos mais qualificados, escolar e profissionalmente, assumem proporções superiores às que encontramos em qualquer uma das restantes cidades. Coimbra é a cidade onde reside não só um maior número de inquiridos com um nível de escolaridade superior (e a menor proporção de inquiridos com escolaridade inferior ao 6º ano de escolaridade), como também um maior número de quadros intelectuais e científicos e de dirigentes e profissionais liberais. E, se o Porto segue de perto a cidade do Mondego no que diz respeito à expressão estatística destes segmentos, acumula, simultaneamente, o ónus de ser a cidade que, a seguir a Guimarães, tem uma maior proporção de inquiridos com escolaridade igual ou inferior ao segundo ciclo e uma maior proporção de assalariados (operários e empregados).

As referências aos efeitos de composição social esclarecem as grandes tendências da distribuição dos públicos da cultura segundo as cidades de residência dos inquiridos, embora possam ser insuficientes para explicar todas as diferenças de contributos das cidades para a composição dos públicos da nossa amostra. Mas deixaremos, por enquanto, de lado a análise das especificidades locais, que teremos oportunidade de abordar quando olharmos para a composição interna dos públicos de cada cidade.

QUADRO N.º 29
 ESTRUTURA DO PÚBLICO DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM LINHA)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total	(N, ponderado)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte	9,2	17,1	18,8	9,4	45,5	100	(1156)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	10,7	18,2	23,2	10,2	37,8	100	(1269)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	9,2	18,9	27,2	10,9	33,8	100	(917)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	10,5	12,6	17,9	10,1	48,9	100	(527)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	9,9	18,8	25,7	11,3	34,2	100	(247)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	9,3	17,7	25,6	11,4	36,0	100	(1079)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	7,4	16,7	17,7	12,6	45,6	100	(1152)
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	6,9	11,1	24,7	6,6	50,6	100	(1083)
No último mês, leu algum livro que não fosse por razões de estudo ou profissão	10,2	15,3	21,7	10,3	42,5	100	(1009)
Total	7,5	15,1	16,6	10,0	50,9	100	(4937)

2.

Quando tentamos perceber quem é o público que mantém algum contacto com as actividades culturais que menos praticantes motivam, no âmbito de uma dada população, e quando o fazemos recorrendo às variáveis que a teoria sociológica indica serem mais influentes, como a instrução, a condição socioprofissional, a idade e o género, o retrato obtido é bastante claro. Esse público é masculino; é muito limitado aos titulares de habilitações académicas de nível superior, quando muito alargando-se um pouco para o patamar do ensino secundário; está circunscrito aos dois conjuntos, aliás, em parte intersecantes, dos activos colocados em posições de quadros ou profissões liberais e dos estudantes; e concentra-se nas idades juvenil e jovem-adulta.

Dentro deste cenário geral de determinações, manifestam-se depois modulações que não o colocam globalmente em causa, mas introduzem certas tonalidades específicas. A música moderna é mais juvenil, a assistência à música clássica relativamente mais “madura”, as mulheres são sobretudo penalizadas nas actividades que envolvem saída, os quadros tomam as suas distâncias face às actividades que ocupam, de algum modo, o segmento inferior na área mais nobre (de acordo com a percepção social da cultura), como a canção ligeira, e, nalgumas práticas juvenis, designadamente na relação com a leitura, parece ecoar uma espécie de extensão da escola.

Isto, que se confirma quando olhamos para a agregação das cinco cidades e que nos permite perceber melhor o seu público, não parece, todavia, bastante. A pergunta necessária é: sabemos o que “valem” as diversas categorias sociais, na estrutura do público; mas o que vale o público cultural em cada uma das categorias sociais e em cada uma das cidades? Quer dizer: sabemos que aqueles que dispõem de capital escolar superior dominam os públicos culturais; mas que peso têm os consumidores culturais no conjunto de todos quantos têm capital escolar superior? Sabemos que os públicos, por exemplo, dos concertos *rock* são particularmente relevantes em Coimbra, mas que peso têm eles no conjunto dos residentes desta cidade?

Fiquemos, ainda, pelo entendimento mais largo e vago de “público cultural”, como sendo o conjunto daqueles que mantiveram, num intervalo de tempo amplo, uma dada prática, fosse ela esporádica ou regular, débil ou vertebrada. E vejamos o que representam eles, na população inquirida e nas diferentes categorias que a compõem.

Representam pouco, no total, como a última coluna do Quadro 30 faz questão de recordar. No último ano, uma ou várias vezes, 26% dos entrevistados foram a uma exposição de pintura ou escultura, 23% ao museu, 23% a um espectáculo de música ligeira, 22% ao teatro, 22% a um concerto de *rock* ou *pop*, 19% a uma exposição de fotografia, 11% a um concerto de música clássica, 5% a um concerto de *jazz*. No último mês, 20% leram pelo menos um livro que não fosse por motivos profissionais ou de estudo. Entre as actividades usadas aqui como indicadores, apenas uma (a visita a exposições de artes plásticas) motiva taxas de participação geral ligeiramente acima de um quarto do total. Todas as outras ficam abaixo deste limiar.

O carácter restrito dos públicos de actividades é um dado conhecido. O nosso ponto é, porém, ainda outro: como aparecem as taxas de práticas, quando consideramos apenas os grupos mais qualificados, ou seja, aqueles que mais presentes estão no universo dos consumidores culturais?

Começemos pelos grupos de instrução (Quadro nº 30): entre os inquiridos de instrução superior, as taxas só ultrapassam a metade em dois casos, a frequência de exposições de artes plásticas e a de museus. De resto, toca entre um terço e metade deles, no que respeita às deslocações a exposições de fotografia e ao teatro, assim como à leitura; e não toca sequer um terço, quanto à frequência de concertos *rock*, de música clássica, de espectáculos de música ligeira e (sobretudo) concertos *jazz*.

Em conformidade com a lógica pesada das hierarquizações sociais, estas taxas baixam ainda mais, e radicalmente, logo que passamos a considerar o nível secundário de estudos (e, por maioria de razão, os restantes). Não há nenhuma actividade que motive mais de metade dos respondentes com o ensino secundário. E só a participação em concertos *rock/pop* e a visita a exposições de artes plásticas motiva mais de um terço (respectivamente, 40 e 35% dos respondentes).

Realidade análoga encontrará quem pretender esmiuçar a relação com a condição socioprofissional (Quadro nº 31).

Os profissionais liberais (cujos resultados devem ser assumidos a título meramente indicativo, vista a sua reduzida expressão numérica, na nossa amostra) e os quadros intelectuais e científicos são os dois únicos grupos socioprofissionais que apresentam taxas de actividade acima dos 50% – em ambos os casos, quanto à frequência de exposições de artes plásticas; e no caso dos primeiros, também em relação à visita a museus. Entre um terço e metade dos profissionais liberais e dos quadros intelectuais frequentaram uma exposição de fotografia, um espectáculo de teatro e leram livros; para além destas actividades, ainda entre um terço e metade dos quadros intelectuais frequentaram um museu, um concerto *rock* e o um espectáculo de música ligeira. E, à excepção da exposição de arte, nada surge que cativa ao menos um terço dos quadros médios. Não havendo nenhum outro dos grupos socioprofissionais com taxas acima do terço, em qualquer indicador, se deixarmos de lado os estudantes.

Os estudantes trazem consigo três coisas: qualificação escolar e disponibilidade pessoal superiores às da média da população, e gostos e referências juvenis. Contrastam, assim, com os restantes grupos de consumidores por apresentarem, de longe, a mais alta taxa de frequência de espectáculos *rock*: 60%; e apresentarem baixas taxas de frequência dos espectáculos *jazz* e eruditos (respectivamente, 11 e 9%), os quais, portanto, também por aqui surgem como reserva de grupos já não tão jovens (pelo menos, não-adolescentes), grupos inseridos profissionalmente em posições de topo.

Que o *rock* tende (em Portugal) a ser “juvenil”, a clássica de “meia-idade” e que a leitura tem ainda algo de juvenil, mostra-o o Quadro nº 32. Decifrado por grupos etários, ele confirma a escassez do público cultural. Apenas os dois grupos mais jovens (com idades entre os 15 e os 19 anos e entre os 20 e os 24 anos) revelam taxas acima dos 50% e, uma vez mais, relativas à frequência de concertos *rock*.

Só por uma vez se evidenciam taxas entre o terço e a metade dos inquiridos, correspondentes à frequência de exposições de artes plásticas pelos adolescentes. Mas há taxas que tocam o limiar inferior; e vale a pena especificá-las. Evidenciam o efeito da estrutura de composição da nossa amostra, cujos quadros tendem para “trintões”, associado, julgamos, a um específico efeito de maturidade e geração, com 31% dos inquiridos com idades compreendidas no intervalo 35-44 anos a declarar ter visitado um museu de arte (mas, cuidado, só 4% foram a exposições!). Ou o grupo com idades entre

os 25 e os 34 anos, no qual encontramos também 31% de inquiridos a declarar ter frequentado uma exposição de pintura ou escultura. Estes jovens adultos parecem, contudo, acumular ainda efeitos de juvenildade que se expressam na taxa de 30% de frequência de concertos *rock*. Encontramos também a marca de uma experiência escolar ou uma extensão da experiência escolar, porque 33% dos jovens até aos 20 anos declaram ter lido ao menos um livro, e 31% ter ido ao teatro e a uma exposição de fotografia.

QUADRO Nº 32
PRATICANTES DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte	29,9	29,7	24,1	31,2	16,1	18,6	23,4
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	39,5	28,6	31,3	4,4	8,0	,2	25,7
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	30,8	23,4	25,1	21,4	10,0	11,3	18,6
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto clássica	6,8	10,3	11,6	13,8	8,4	13,5	10,7
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	5,0	10,6	7,2	4,1	2,1	4,1	5,0
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (<i>rock/pop</i>)	54,9	50,5	30,3	14,7	5,5	4,8	21,9
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (<i>fado</i> , <i>cançonetistas</i>)	26,7	26,1	26,9	27,2	19,7	16,1	23,3
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	31,1	23,1	29,1	21,3	16,7	16,0	21,9
No último mês, leu algum livro que não fosse por razões de estudo ou profissão	32,7	22,6	23,5	24,2	15,7	10,8	20,4
(N, ponderado)	(452)	(597)	(987)	(813)	(1481)	(608)	(4937)

A variável “sexo” não dá conta das diferenciações internas a cada um dos grandes universos que a sua dicotomia instaura. As taxas estão, portanto, muito mais próximas dos valores médios globais, não havendo nenhuma taxa masculina superior sequer a um terço dos inquiridos (Quadro nº 33).

QUADRO Nº 33
PRATICANTES DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO O SEXO (% EM COLUNA)

	H	M	Total
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte	30,3	17,7	23,4
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	33,1	19,5	25,7
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	25,6	12,7	18,6
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	14,6	7,4	10,7
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	8,2	2,3	5,0
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (<i>rock/pop</i>)	32,3	13,2	21,9
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (<i>fado</i> , <i>cançonetistas</i>)	26,8	20,4	23,3
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	28,4	16,6	21,9
No último mês, leu algum livro que não fosse por razões de estudo ou profissão	23,1	18,2	20,4
(N, ponderado)	(2242)	(2696)	(4937)

Deve notar-se, não obstante, que as mulheres (especificamente mais desapossadas de capital escolar, no circunstancialismo da nossa amostra) não manifestam nenhuma proporção de consumidoras acima de um quinto do total, em qualquer dos indicadores. Ou seja: mais de quatro quintos das mulheres entrevistadas não leram qualquer livro literário, não foram ao museu, não viram uma exposição, não assistiram a um concerto. Quase não contactaram com o mundo do *jazz* ao vivo, durante um ano inteiro. Só sete em cada cem foram a um concerto de música clássica.¹⁸

Consideremos, agora, o peso dos públicos culturais no interior de cada cidade. O Quadro nº 34 confirma uma vez mais que é na cidade de Coimbra que os públicos de (algumas) actividades culturais assumem maior expressão. Só entre os residentes desta cidade se encontram *várias* actividades cujos públicos assumem expressão superior aos 30%: os visitantes de exposições de pintura ou escultura (36%); os frequentadores de concertos *rock/pop* (34%) e de espectáculos de teatro (33%); e os visitantes de exposições de fotografia (31%). Vale a pena notar que a taxa mais elevada, entre todas as actividades e todas as cidades, é de 37% (o que equivale a menos de dois quintos) – encontramos-la em Aveiro, referenciada às exposições de artes plásticas (um ponto acima da dos inquiridos na cidade de Coimbra, no arredondamento a números inteiros que vimos utilizando). Depois, encontramos algumas ampliações significativas: o teatro e as exposições de fotografia em Coimbra; a leitura nesta última cidade, em Braga, e, já um pouco abaixo, em Aveiro; e a música clássica em Aveiro, na casa do sexto de inquiridos.

Se nos detivermos agora no limiar dos 25%, daremos conta de que o Porto é a *única* cidade em que os públicos de *qualquer* das actividades por nós consideradas se situam *abaixo* deste valor.

¹⁸ Apesar deste registo generalista, em que privilegiamos uma panorâmica larga, importa continuar a não perder de vista a “actualização” que cada cidade faz dela. Anotemos, então, que o quadro geral assenta especialmente à cidade do Porto. Nas restantes cidades, as oscilações mais significativas face à média ficam-se, porém, pelas exposições de artes plásticas, e, apenas em Aveiro e Coimbra, pela leitura. Mas em nenhum caso chegam a corresponder a 30% das inquiridas em cada cidade (cf. Quadro XXX, Anexo II).

QUADRO Nº 34
 PRATICANTES DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM COLUNA)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte	28,6	26,7	26,5	22,0	20,9	23,4
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	36,7	31,0	36,0	26,1	19,1	25,7
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	22,7	23,4	30,5	20,2	12,3	18,6
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	14,9	8,9	11,5	10,7	10,3	10,7
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	6,7	6,3	7,8	5,7	3,4	5,0
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	27,0	25,7	33,8	25,0	15,4	21,9
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetistas)	23,2	25,9	24,9	29,2	20,9	23,3
Foi uma ou várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	20,3	16,2	32,7	14,6	21,8	21,9
No último mês, leu algum livro que não fosse por razões de estudo ou profissão	27,9	20,8	26,7	21,0	17,1	20,4
(N, ponderado)	(370)	(743)	(818)	(494)	(2512)	(4937)

Este quadro deve ser lido em coluna: 28,6% dos (370) inquiridos residentes na cidade de Aveiro foram uma ou várias vezes, no último ano, a um museu de arte, etc.

A referência aos efeitos de composição social das populações residentes nas cinco cidades permite esclarecer algumas tendências gerais da estruturação dos públicos no interior de cada cidade. Mas, mais uma vez, parece não ser suficiente para explicar os resultados observados para a cidade do Porto, ou ainda dar conta da localização de nichos de públicos de algumas actividades, em cidades distintas.

Como referimos anteriormente, parece ser importante considerar na explicação destas diferenças alguns factores relativos às dinâmicas culturais locais, usando para isso a hipótese desenvolvida, em trabalho anterior (A. Santos Silva *et. al.*, 1998a). Segundo esse estudo, os ambientes culturais locais são importantes factores de estruturação de condições para o desenvolvimento das práticas culturais dos indivíduos. Esses ambientes remetem não apenas para disponibilidades locais de equipamentos e serviços culturais de base, mas também para o perfil das dinâmicas de produção e criação cultural dos agentes locais.

Embora não disponhamos, neste momento, de um retrato dos ambientes culturais que caracterizam as cinco cidades em análise¹⁹, a referência a alguns dos seus aspectos mais relevantes poderá ilustrar a importância que eles revestem para a explicação de algumas especificidades na distribuição dos públicos urbanos das actividades culturais. Nomeadamente, ajudarão a perceber por que razão os concertos de música *rock* ou *pop* têm uma proporção muito significativa de públicos, na cidade de Coimbra. De facto, esta cidade é, como sabemos todos, uma cidade universitária por excelência. Não só nela se concentra um número substancial de jovens estudantes (os principais consumidores deste tipo de música), como a sua vida cultural é marcada por eventos académicos que têm nos concertos de música *rock* um ingrediente recorrente.

Ajudar-nos-ão também a compreender por que é que as exposições de fotografia têm, nas cidades de Braga e Coimbra faixas importantes de públicos. De facto, nestas cidades (já o dissemos), ocorrem anualmente os dois maiores eventos de fotografia do país, respectivamente, os *Encontros da Imagem* e os *Encontros de Fotografia*. Permitirão também perceber por que razão nas cidades de Aveiro, Braga e Guimarães encontramos porções de públicos de teatro relativamente reduzidas, por contraposição às cidades de Coimbra e Porto. Nestas duas últimas cidades existem não só mais

¹⁹ O projecto de investigação que permitiu a produção dos dados que temos vindo a analisar neste texto implicou o desenvolvimento de um observatório sobre a oferta cultural das cinco cidades e a realização de um painel de entrevistas aos principais agentes culturais locais. De momento, não dispomos de informação tratada que nos permita avançar na exploração sistemática desta hipótese de trabalho, mas esperamos vir a fazê-la num futuro próximo.

companhias de teatro, como a sua actividade é um traço importante na história cultural respectiva. Em Aveiro, Braga e Guimarães existem companhias importantes, mas são em menor número e a sua formação é mais recente. Assim se explicará ainda por que razão pertencem a Aveiro os públicos mais assíduos de concertos de música clássica. O universo da música clássica está aí profundamente associado ao tecido associativo do concelho – são importantes não só as bandas filarmónicas, como também as escolas de música – e à actividade do conservatório regional. À vitalidade destes agentes locais junta-se o facto de se encontrar sediada nesta cidade uma das duas orquestras regionais existentes no País – a *Filarmonia das Beiras*.

Não obstante, a invocação das dinâmicas culturais locais parece não ajudar a resolver o aparente paradoxo de ser o Porto – a cidade que possui melhores infraestruturas e serviços culturais e manifesta uma maior dinâmica de produção e criação cultural – quem menos contribui, proporcionalmente, para a formação de públicos culturais. Às especificidades dos ambientes culturais locais haveria, talvez, que acrescentar elementos das condições de vida urbana de cada uma das cidades. A extensão, densidade e organização da cidade do Porto, e os ritmos quotidianos da vida dos portuenses poderão ser factores desse défice de representação. Como a centralidade geográfica da cidade de Coimbra, quase a meio caminho entre Lisboa e Porto, poderá explicar os índices de prática cultural manifestados pelos seus habitantes. Mas uma análise mais segura tem de ficar dependente de informação adicional, relativa às características da oferta e do ambiente cultural urbano, assim como de investigação mais intensiva sobre as formas do consumo cultural regular – dois planos que a nossa pesquisa sociológica considera, mas nos quais estamos ainda em fases recuadas de trabalho.

A introdução de vectores explicativos associados às dinâmicas culturais locais e às características do espaço urbano ajuda a esclarecer alguns contornos da distribuição urbana dos públicos culturais, mas não dilui a importância dos efeitos estruturais relativos à escolaridade, qualificação profissional, idade e sexo. Por isso, as tendências observadas para o conjunto da amostra reflectem-se, com pequenas *nuances*, no interior das amostras de cada uma das cidades.

3.

Se deixarmos, agora, a referência às taxas de frequência de cada uma das actividades e considerarmos, em seu lugar, a *acumulação* da frequência das diferentes práticas no último ano (com excepção da leitura de livros, que não é tomada em linha de conta), poderemos não só confirmar quão reduzidos são os públicos destas actividades, como também constatar a existência de uma elevada proporção de inquiridos que se encontra afastada de qualquer das actividades culturais. De facto, como mostra o Quadro 35, 45% dos inquiridos declararam *não* ter praticado, no último ano, qualquer destas actividades: visitas a museus, exposições de artes plásticas e de fotografia, frequência de concertos de música clássica, de *jazz*, de *rock/pop* e de música ligeira e espectáculos de teatro. E apenas 1% declarou ter frequentado *todas* elas.

O nível de instrução continua a ser um bom revelador. A proporção dos que não praticaram qualquer das actividades culturais consideradas vai diminuindo à medida que subimos na escala dos níveis de instrução. No entanto, mesmo entre os detentores de um nível superior encontramos 16% de não praticantes e o desempenho “total” (isto é, a acumulação de todos os tipos) apenas caracteriza 4% deles.

QUADRO Nº 35
NÚMERO DE ACTIVIDADES CULTURAIS REALIZADAS PELOS INQUIRIDOS,
SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)²⁰

Ao longo do último ano:	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Realizaram todos os tipos de actividades	2,4	,9	,5	,8	,1	3,7	1,4
Realizaram sete tipos de actividades			,4	1,0	4,0	1,8	1,0
Realizaram seis tipos de actividades			1,8	1,8	3,6	10,2	2,7
Realizaram cinco tipos de actividades		,7	3,2	6,3	10,9	13,9	5,3
Realizaram quatro tipos de actividades	1,3	2,5	7,4	7,9	10,1	14,1	6,8
Realizaram três tipos de actividades	1,4	4,9	6,2	9,9	13,3	17,8	8,8
Realizaram dois tipos de actividades	6,9	9,4	15,7	16,8	15,2	12,7	12,6
Realizaram um tipo de actividades	12,1	17,5	22,1	19,3	14,0	9,6	16,3
Não realizaram qualquer tipo de actividades	76,0	64,0	42,8	36,2	28,7	16,2	45,2
(N, ponderado)	(440)	(1540)	(759)	(811)	(539)	(848)	(4937)

²⁰ As actividades consideradas para a construção deste índice são aquelas que temos vindo a analisar, isto é, frequência de museus, de exposições de artes plásticas, de fotografia, de concertos de música clássica, de *jazz*, de *rock/pop*, de música ligeira e de espectáculos de teatro.

QUADRO N° 36
 NÚMERO DE ACTIVIDADES CULTURAIS REALIZADAS PELOS INQUIRIDOS,
 SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL (% EM COLUNA)

	Dignítes e liberais	Quadros intelectuais e científicos	Quadros médios	Pequenos independentes	Empregados	Operários industriais	Reformados	Domésticas	Estudantes	Outros, sem informação	Total
Ao longo do último ano:											
Realizaram todos os tipos de actividades	2,7	3,5	1,0	1,7			3,2	,3		,9	1,4
Realizaram sete tipos de actividades	,7	1,0	,3	,1	,5		,3			4,8	1,0
Realizaram seis tipos de actividades	13,8	8,9	2,0	1,4	1,5	,7	1,2	1,6		3,6	2,7
Realizaram cinco tipos de actividades	24,0	14,9	8,2	2,6	5,1	1,5	,2			10,0	5,3
Realizaram quatro tipos de actividades	8,5	12,0	12,6	6,2	6,4	3,9	3,0	4,3		12,3	6,8
Realizaram três tipos de actividades	8,9	21,6	13,6	11,4	4,2	5,4	3,9	5,9		16,3	8,8
Realizaram dois tipos de actividades	6,0	13,0	21,4	12,9	12,6	16,3	9,3	11,1		17,7	12,6
Realizaram um tipo de actividade	15,0	7,5	15,0	19,5	18,2	26,9	13,4	13,8		15,7	16,3
Não realizaram qualquer tipo de actividade	20,4	17,8	26,1	44,3	51,5	45,3	65,3	62,9		18,6	45,2
(N, ponderado)	(167)	(410)	(245)	(510)	(974)	(471)	(856)	(351)	(483)	(469)	(4937)

Trata-se de uma distribuição diferencial de não praticantes que é igualmente visível quando temos em consideração a classificação socioprofissional (Quadro nº 36). São os grupos mais qualificados os que apresentam menores taxas de ausência de prática no último ano: 18% dos quadros intelectuais e científicos e 20% dos dirigentes e profissionais liberais declararam não ter frequentado qualquer das actividades mencionadas; e, em simultâneo, são estes mesmos grupos quem apresenta os maiores volumes de prática cumulativa de diferentes tipos de práticas.

Os estudantes, que acumulam não só efeitos de competência escolar como também maiores disponibilidades temporais, estão-lhes muito próximos em ambos os indicadores, mas são ultrapassados pelo grupo dos reformados na prática “compulsiva” de diferentes tipos de actividades. Um resultado compreensível tendo em consideração que o índice de acumulação de práticas associa todas as práticas, nomeadamente aquelas que, como observámos anteriormente, têm um cariz menos juvenil.

Simultaneamente, é entre os reformados e também as domésticas que encontramos o maior volume de não praticantes, logo seguidos pelos empregados e pelos operários industriais. Destacando-se pelos valores aparentemente contraditórios da maior taxa de não praticantes e da mais elevada taxa de práticas acumuladas, o grupo dos reformados deixa antever o carácter compósito de uma categoria definida, antes de mais, pela negativa (aqueles que já não são activos) e agregadora de indivíduos com recursos escolares e profissionais diferenciados; mas é também quase certo que neles se concentrarão os respondentes que se terão limitado a uma concordância mecânica com todos os *itens* propostos por entrevistadores mais apressados (e de que constituem sinal evidente os 2% de analfabetos registados, no Quadro nº 35, como praticantes omnipresentes).

O Quadro nº 37 dá conta da evolução do índice de acumulação de práticas em função da escala dos grupos etários, revelando, por um lado, a importância das práticas juvenis na configuração do universo das saídas culturais e, por outro lado, dando conta do efeito penalizador da idade sobre a acumulação diversificada de práticas culturais. É ainda possível observar como a cultura de saídas de que nos falam Olivier Donnat e Denis Cogneau, e que se caracteriza pela acumulação de práticas culturais diversas, é sobretudo um traço característico dos jovens-adultos.

QUADRO Nº 37
NÚMERO DE ACTIVIDADES CULTURAIS REALIZADAS PELOS INQUIRIDOS,
SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

Ao longo do último ano:	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65 e -	Total
Realizaram todos os tipos de actividades	1,1	,9	2,1		1,1	3,3	1,4
Realizaram sete tipos de actividades	1,9	2,9	,6	1,3	,1	,5	1,0
Realizaram seis tipos de actividades	2,9	4,9	5,2	2,4	1,4		2,7
Realizaram cinco tipos de actividades	7,3	10,3	7,7	5,7	2,2	2,4	5,3
Realizaram quatro tipos de actividades	12,7	8,5	6,1	10,8	3,1	5,7	6,8
Realizaram três tipos de actividades	11,4	7,7	10,1	10,5	7,9	5,5	8,8
Realizaram dois tipos de actividades	20,7	12,9	15,5	13,4	10,1	6,1	12,6
Realizaram um tipo de actividade	19,9	19,6	14,2	16,9	15,9	13,9	16,3
Não realizaram qualquer tipo de actividade	22,1	32,2	38,5	39,0	58,2	62,6	45,2
(N, ponderado)	(452)	(597)	(987)	(813)	(1481)	(608)	(4937)

A distribuição entre os sexos põe em relevo, mais uma vez, a distância do índice de práticas culturais das mulheres relativamente ao dos homens (Quadro nº 38). São elas que estão mais afastadas de qualquer tipo de prática e são também elas quem revela menores capacidades de acumulação e diversificação de actividades culturais.

QUADRO Nº 38
NÚMERO DE ACTIVIDADES CULTURAIS REALIZADAS PELOS INQUIRIDOS,
SEGUNDO O SEXO (% EM COLUNA)

Ao longo do último ano	H	M	Total
Realizaram todos os tipos de actividades	2,2	,7	1,4
Realizaram sete tipos de actividades	1,7	,4	1,0
Realizaram seis tipos de actividades	4,0	1,6	2,7
Realizaram cinco tipos de actividades	8,4	2,8	5,3
Realizaram quatro tipos de actividades	8,7	5,2	6,8
Realizaram três tipos de actividades	10,2	7,5	8,8
Realizaram dois tipos de actividades	13,7	11,6	12,6
Realizaram um tipo de actividade	16,5	16,0	16,3
Não realizaram qualquer tipo de actividade	34,5	54,1	45,2
(N, ponderado)	(2242)	(2696)	(4937)

O Quadro 39 apresenta-nos, por último, a ventilação dos índices de acumulação de práticas segundo as cidades de residência dos inquiridos. Nele se observa que, entre os residentes das cinco cidades, são os portuenses quem revela uma maior taxa de ausência de práticas acumuladas, corroborando os dados já observados quando analisámos os contributos das cidades para a estrutura global dos públicos culturais. Nesse sentido apontam também os valores que identificam as mais baixas taxas de ausência de práticas entre os aveirenses e os conimbricenses e o maior número de praticantes “compulsivos” entre estes últimos.

QUADRO Nº 39
 NÚMERO DE ACTIVIDADES CULTURAIS REALIZADAS PELOS INQUIRIDOS,
 SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM COLUNA)

Ao longo do último ano	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Realizaram todos os tipos de actividades	,9	1,9	3,5	,4	,8	1,4
Realizaram sete tipos de actividades	2,2	2,0	,8	,8	,6	1,0
Realizaram seis tipos de actividades	3,6	3,0	3,8	1,6	2,4	2,7
Realizaram cinco tipos de actividades	3,8	4,3	7,7	7,4	4,7	5,3
Realizaram quatro tipos de actividades	7,4	8,7	8,6	5,8	5,8	6,8
Realizaram três tipos de actividades	12,3	6,8	13,5	10,2	7,0	8,8
Realizaram dois tipos de actividades	16,7	16,4	11,6	14,7	10,7	12,6
Realizaram um tipo de actividades	20,6	14,7	13,5	21,4	16,0	16,3
Não realizaram qualquer tipo de actividades	32,5	42,3	37,0	37,6	52,1	45,2
(N, ponderado)	(370)	(743)	(818)	(494)	(2512)	(4937)

Evidenciam-se assim, sucessivamente, as duas grandes barreiras que a análise sociológica deve destacar. A primeira é, digamos, uma selectividade global. Em qualquer condição, o universo dos públicos culturais, mesmo que ocasionais ou fugidios, é claramente minoritário. A segunda é o peso avassalador das determinações ligadas à condição e à posição social. O público cultural é profundamente limitado, do ponto de vista da sua composição social, às classes médias escolarizadas e com boa qualificação e estatuto profissional e, dentro delas, acrescidamente circunscrito a quantos, por idade, género ou outra condição, manifestam maior disponibilidade e capacidade de mobilidade pessoal e intensidade relacional. Para além destas duas barreiras gerais, os resultados deste inquérito comparativo de consumos em cinco das nossas cidades fazem ressaltar configurações específicas de procuras culturais, as quais tendem a seguir três patamares decrescentes de intensidade e densidade de consumos: no primeiro estará Coimbra, no segundo Aveiro e Braga, no terceiro Guimarães e o Porto.

4.

Não se devem, porém, forçar os números, na interpretação dos resultados de um inquérito por questionário. Eles indicam quase sempre ordens de grandeza que não-de ser consideradas tendo sempre por pano de fundo o que a metodologia nos ensina sobre a influência das condições e modos de administração da técnica sobre a informação produzida. Particular cuidado teremos, então, quando as perguntas colocadas propõem

uma avaliação subjectiva, por parte dos inquiridos, sobre a sua frequência, ao longo de um ano, de actividades em relação às quais eles não dispõem de nenhum registo, a não ser uma memória que constroem e actualizam, no decurso da entrevista, com maior ou menor empenho, e as quais possuem um estatuto de reconhecimento e distância social que tanto pode induzir uma reacção mais conforme ao que se julga ser uma norma de conduta do que à real prática pessoal (levando, portanto, a que os valores apurados sejam exagerados face à realidade concreta das práticas), como pode induzir o efeito contrário da interiorização agravada de uma auto-exclusão desse mundo nobre e distante da Cultura com C grande (levando, até, a que os valores apurados sejam mais baixos do que a realidade concreta das práticas).

Vale a pena, pensamos, seguir a linha analítica da especificação dos públicos, fazendo pelo menos esta distinção básica entre públicos ocasionais e públicos regulares. Por isso se perguntava, no questionário, se, face aos oito tipos de instituições ou acontecimentos propostos (descontando, pois, a leitura), o entrevistado tinha ido uma ou várias vezes. Sem, todavia, pedir aos dados aquilo que eles não podem oferecer, ou seja, medições precisas sobre a intensidade das práticas e radiografias certas da estrutura do universo de consumidores regulares. O Quadro nº 40 sistematiza informação sobre a prática regular, ventilada por nível de instrução – a variável que, como já se tornou claro, serve de indicador de posição social e, ao mesmo tempo, condensa os efeitos próprios da dotação pessoal em capital cultural sobre os consumos. Se o leitor se der ao incómodo de confrontar a última coluna deste quadro com a última coluna do quadro equivalente, para a soma de todos os públicos (o Quadro nº 30), verificará rapidamente quão pronunciada é a descida das taxas de prática. A frequência de exposições de artes plásticas cai de 26 para 12%; a frequência de concertos de música ligeira cai de 23 para 11%; a frequência de museus de arte cai de 23 para 9%; a frequência de espectáculos de teatro cai de 22 para 11%; a frequência de concertos de rock ou pop cai de 22 para 13%; a frequência de exposições de fotografia cai de 19 para 8%; a frequência de concertos de música clássica cai de 11 para 4%; a frequência de concertos de jazz cai de 5 para 3%. Em consequência, as exposições de artes plásticas, os concertos de *rock* e música ligeira e o teatro são as únicas actividades culturais, de entre as retidas como ilustração no nosso inquérito, a ultrapassar o limiar do décimo da população da nossa amostra, no que toca a contacto regular.

QUADRO Nº 40
 PRATICANTES REGULARES DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Foi várias vezes, no último ano, a um museu de arte	1,5	4,5	5,9	7,0	7,5	26,2	8,9
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	1,5	3,4	8,1	12,9	13,7	36,2	12,3
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	1,4	2,1	4,4	8,3	10,7	25,2	8,3
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	0,2	0,9	3,5	2,1	4,0	15,0	4,2
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	0,2	1,0	0,1	0,3	7,8	7,2	2,5
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	1,8	2,5	14,0	19,4	24,5	20,4	12,5
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	5,0	6,7	12,9	13,1	14,6	13,9	10,7
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	3,8	6,6	9,3	10,6	15,6	21,6	11,0
Prefere a programação da RTP2		0,8	2,8	2,9	9,5	18,4	5,4
(N, ponderado)	(440)	(1540)	(759)	(811)	(539)	(848)	(4937)

Este quadro deve ser lido em coluna: 1,5% dos (440) inquiridos com menos do que o 1º ciclo foram várias vezes, no último ano, a um museu de arte, etc.

Esta queda é independente do nível de instrução considerado. Notámos já que só as exposições de pintura e os museus recolham a indicação de frequência por parte de mais de metade dos inquiridos com instrução superior, merecendo as exposições de fotografia, os espectáculos de teatro e a leitura as indicações de mais de um terço. Ora se afastarmos os praticantes ocasionais, e ficarmos só com tantos quantos declararam ter uma prática regular, apenas as exposições de pintura e escultura superam o patamar do terço de inquiridos. Acima de um quinto dos inquiridos (mas abaixo do terço) ficam o museu, a exposição de fotografia, o teatro e, sobre o quinto, os concertos *rock*. E o *jazz* nem o limiar dos 10% atinge.

Quanto aos restantes níveis de instrução, temos de nos referir ao quarto de inquiridos com um nível de estudos secundários que declara a frequência regular de concertos *rock*, reforçando mais uma vez a especificidade juvenil desta prática. No intervalo entre os 10% e os 20% de inquiridos afirmando uma actividade regular, no ano anterior, encontramos, ainda, entre os que possuem estudos secundários, as exposições de artes plásticas, de fotografia, a música ligeira e o teatro; entre os que têm o 3º ciclo do ensino básico, o *rock*, a música ligeira, as exposições de artes plásticas e o teatro; e entre os que têm o 2º ciclo do ensino básico, encontramos os concertos *rock* e de música ligeira.

Quer isto dizer que a passagem do público em geral para o público regular reduz os níveis de prática, mas não altera a estrutura da prática. A música ligeira continua a parecer ser a actividade, de entre as escolhidas, menos associada à hierarquia das posições socioculturais – e sinal disso mesmo é o facto de a mais alta taxa de frequência regular dos seus concertos se encontrar entre os titulares de estudos secundários e não entre os mais instruídos. O *rock* continua a singularizar-se pelo peso específico da idade, o qual juveniliza a frequência – fazendo com que sejam os possuidores dos estudos secundários, e não os mais instruídos, os seus maiores consumidores, e sejam os dois grupos seguidos pelos inquiridos com estudos terminais do ensino básico.

QUADRO Nº 41
ESTRUTURA DO PÚBLICO REGULAR DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM LINHA)

	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Foi várias vezes, no último ano, a um museu de arte	1,5	15,8	10,2	12,9	9,1	50,4	100,0
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	1,1	8,7	10,1	17,3	12,1	50,7	100,0
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	1,5	7,8	8,2	16,4	14,0	52,1	100,0
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	0,5	6,9	12,9	8,1	10,5	61,1	100,0
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	0,9	13,0	0,9	1,7	34,2	49,3	100,0
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	1,3	6,3	17,3	25,6	21,5	28,1	100,0
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançõesistas)	4,2	19,6	18,6	20,1	14,9	22,5	100,0
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	3,1	18,7	13,0	15,9	15,5	33,7	100,0
Prefere a programação da RTP2		4,7	7,9	9,0	18,8	59,6	100,0
Total	8,9	31,2	15,4	16,4	10,9	17,2	100,0

Se olharmos do lado da estrutura dos públicos (e, agora, o termo de comparação do Quadro nº 41 será o Quadro nº 25), o que se observa é também a intensificação quantitativa das ligações entre condição e frequência, e não qualquer alteração notável da qualidade dessas ligações.

O peso do ensino superior na composição do público impõe-se, pois, ainda mais, quando isolamos o público regular: “vale” 17% do total de inquiridos, mas “vale” 61% dos cultores dos concertos de música clássica, 52% dos visitantes de exposições de fotografia, 51% dos visitantes de exposições de pintura ou escultura, 50% dos frequentadores de museus e por aí adiante. Se lhe agregarmos o nível imediatamente inferior na escala das habilitações – o ensino secundário – o peso conjunto aumenta também, tornando esmagadora a sua presença nas audiências dos concertos de *jazz* e de música clássica (respectivamente com 84% e 72% do total de frequentadores).

Com uma clara excepção, que tem a ver, novamente, com a específica tonalidade da assistência regular ao espectáculos de música ligeira, quando comparada com as condições e posições sociais dos inquiridos (para informações mais sistemáticas sobre a variação dos públicos regulares segundo a categoria socioprofissional e a idade, cf., no Anexo II, Quadros XXXI a XXXIV).

No que às cidades diz respeito, a redução do objecto de análise ao círculo dos que declararam ter um contacto regular com actividades culturais introduz algumas variações que revelam a volatilidade dos públicos culturais formados em torno de algumas dessas actividades, em certas cidades. Os Quadros nº 42 e 43 sugerem que as oscilações mais importantes se observam em Aveiro e Guimarães.

QUADRO Nº 42
PRATICANTES REGULARES DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM COLUNA)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Foi várias vezes, no último ano, a um museu de arte	10,7	10,7	9,3	12,1	7,4	8,9
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	17,1	15,7	17,6	12,7	8,8	12,3
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	8,7	9,6	16,3	7,7	5,4	8,3
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	4,0	3,8	4,7	5,2	4,0	4,2
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	2,5	2,3	3,8	3,0	2,1	2,5
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	11,7	17,4	26,7	13,7	6,2	12,5
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	12,2	15,6	10,6	9,2	9,3	10,7
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	5,9	6,8	17,5	5,5	12,0	11,0
Prefere a programação da RTP2	6,9	8,1	8,0	5,3	3,5	5,4
(N, ponderado)	(370)	(743)	(818)	(494)	(2512)	(4937)

Este quadro deve ser lido em coluna: 10,7% dos (370) inquiridos residentes na cidade de Aveiro foram várias vezes, no último ano, a um museu de arte, etc.

QUADRO Nº 43
ESTRUTURA DO PÚBLICO REGULAR DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM LINHA)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total (N, ponderado)
Foi várias vezes, no último ano, a um museu de arte	9,0	18,0	17,2	13,6	42,3	100,0 (441)
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	10,4	19,2	23,7	10,4	36,3	100,0 (607)
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	7,8	17,3	32,5	9,3	33,1	100,0 (410)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	7,1	13,7	18,6	12,5	48,2	100,0 (208)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	7,4	13,6	25,0	12,1	42,0	100,0 (123)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	7,0	21,0	35,5	11,0	25,5	100,0 (615)
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	8,6	22,0	16,5	8,7	44,3	100,0 (526)
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	4,0	9,3	26,3	5,0	55,4	100,0 (543)
Prefere a programação da RTP2	9,6	22,8	24,8	10,0	32,8	100,0 (261)
Total	7,5	15,1	16,6	10,0	50,9	100,0 (4937)

4.

Não há grande espaço para expectativas irrealistas, quando se examinam sociologicamente os consumos culturais. Sendo como são fortemente dependentes de uma dotação em capital escolar e em estatuto socioprofissional que não prima pela disseminação, mostram-se, ainda assim, limitados quando se isolam os grupos mais favorecidos nessa dotação.

Mas o que acontece se ensaiarmos outros ângulos de observação? Se procurarmos, de algum modo, “materializar” a relação das pessoas com a cultura, propondo-lhes equipamentos e criadores concretos, da cidade onde vivem, em vez de ficarmos apenas pela designação formal e abstracta de tipologias? Não há nenhuma alteração substancial da estrutura dos condicionamentos. Usando exemplos de instituições, eventos e criadores – existentes nas cidades de residência dos inquiridos e suficientemente contrastados, quer em termos de géneros, quer em termos de estilos e audiências – torna-se evidente a determinação forte do capital escolar, quando passamos do conhecimento à frequência e da frequência ocasional à fruição habitual, e quando caminhamos para mais perto dos círculos reservados da cultura. Confirma-se, ainda, que, mesmo entre os mais habilitados do ponto de vista académico, o contacto regular se circunscreve a uma pequena minoria (cf. Quadros XXXV a XXXIX, no Anexo II).

Por sua vez, corrobora-se a exclusão que marca o segmento mais idoso e relembram-se especificidades juvenis, simbolizadas, por exemplo, na adesão dos grupos mais jovens ao *Fantasporto*, festival cinema fantástico que se realiza anualmente no Porto, ou às emissões das *Rádios Universitárias*, em Coimbra e em Braga (cf. Quadros XL a XLIV, em anexo).

Creemos, não obstante, poder identificar algumas linhas de abertura. Os equipamentos públicos, sejam eles estatais ou privados, têm uma visibilidade física na paisagem urbana e uma presença contínua na memória cívica que os inquiridos reconhecem, no duplo sentido de registar e sancionar. Análoga pregnância detêm eventos periódicos de aproximação ao espaço urbano dos bens ordinariamente afastados em lugares reservados; e operadores culturais com propósitos e programas assumidos de encontro com os públicos. Falamos, no primeiro caso, das *Feiras do Livro*, no segundo, de criadores como a *Seiva Trupe*, no Porto, e também – no que toca agora à presença e fidelidade de uma audiência mais restrita – do *Teatro de Marionetas do Porto*, da *Companhia de Teatro de Braga* ou ainda da *Escola da Noite*, em Coimbra.

Contacto, apesar de tudo, por mais precário e formal que seja, como conhecimento de uma estrutura ou projecto que se não “habita”, ele pode ainda reforçar-se como familiarização e ligação afectiva – como bem se viu, a propósito do *Coliseu do Porto*, com o protesto popular contra o seu encerramento como sala de espectáculos, na prometida venda à Igreja Universal do Reino de Deus, em Agosto de 1995; ou ainda, na mobilização da opinião pública em torno do destino do *Teatro Aveirense*, recentemente adquirido pela Câmara Municipal.

Por outro lado, é muito difícil avançar com considerações seguras, partindo das indicações dos entrevistados sobre a sua participação cultural, por assim chamar, activa – ou seja, aquela que se não concretiza apenas na informação e no consumo. As perguntas formuladas sobre práticas amadoras e vinculações associativas, nem sempre são entendidas univocamente; e os valores apurados são diminutos. Mesmo assim, consultando o Quadro nº 44, notará o leitor interessado que a bem pequena fracção que declara praticar regularmente actividades culturais “amadoras” se recruta mais entre os titulares de habilitações, vamos dizer, intermédias (3º ciclo, ensino secundário); e que a participação regular em actividades de associações culturais (que tivemos o cuidado de separar de grupos folclóricos e de ilustrar com os grupos de teatro ou música) também não obedece à lógica da progressão segundo o nível do diploma, pautando-se antes por uma distribuição menos desigualitária, desde que seja passado o limiar dos primeiros seis anos de escolaridade.

QUADRO Nº 44
PRÁTICA AMADORA E O ASSOCIATIVISMO CULTURAL,
SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Pratica regularmente actividades culturais	0,4	2,4	4,3	11,1	14,3	9,0	6,4
Participa regularmente nas actividades de uma associação cultural	4,1	5,6	7,1	12,3	11,3	11,8	8,5
É sócio(a) de uma associação cultural	4,2	4,7	5,8	8,2	6,5	8,9	6,3
(N, ponderado)	(440)	(1540)	(759)	(811)	(539)	(848)	(4937)

A prática amadora, eis outro elemento característico do que os resultados do inquérito sugerem ser uma relação juvenil com o universo da cultura e do lazer (Quadro

nº 45). A qual pode incluir ainda formas de aproximação tais como a filiação e a actividade associativa.²¹

QUADRO Nº 45
A PRÁTICA AMADORA E O ASSOCIATIVISMO CULTURAL, SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total
Pratica regularmente actividades culturais	12,7	9,4	8,3	6,4	3,3	3,1	6,4
Participa regularmente nas actividades de uma associação cultural	12,4	10,3	7,8	8,5	8,2	5,6	8,5
É sócio(a) de uma associação cultural	5,1	5,3	6,3	9,9	6,0	4,0	6,3
(N, ponderado)	(452)	(597)	(987)	(813)	(1481)	(608)	(4937)

QUADRO Nº 46
A PRÁTICA AMADORA E O ASSOCIATIVISMO CULTURAL,
SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM COLUNA)

	Aveiro	Braga	Coimbra	Guimarães	Porto	Total
Pratica regularmente actividades culturais	10,1	9,3	3,8	8,2	5,5	6,4
Participa regularmente nas actividades de uma associação cultural	12,8	8,6	3,0	11,1	9,1	8,5
É sócio(a) de uma associação cultural	8,7	10,0	5,0	12,1	4,1	6,3
(N, ponderado)	(370)	(743)	(818)	(494)	(2512)	(4937)

Considerando, agora, cada uma das cidades (Quadro nº 46), destaca-se a maior importância do contexto associativo em Braga e Guimarães, medido pela pertença como sócio – a qual se traduz menos, no caso de Braga, na prática de actividades associativas. Esta última é significativa em Aveiro e, de novo, Guimarães; e as taxas de actividade “amadora” apresentam-se muito pouco relevantes em Coimbra e Porto. Quer, provavelmente, isto dizer que valerá a pena aprofundar o tipo de actividades e a capacidade de dinamização das associações existentes em cada cidade. Em Aveiro, Guimarães e Braga, a oferta de serviços culturais e a contribuição para a estrutura da oferta passa pelas associações, numa dimensão mais marcante do que no Porto e em Coimbra – sabendo-se, porém, que é elevado o número de associações culturais existentes na cidade do Porto²².

²¹ Ainda reportando-nos aos trabalhos realizados em França, os resultados de um estudo sobre as práticas amadoras apresentam duas importantes conclusões para o que discutimos aqui: a primeira engloba justamente a importância do ciclo de vida, mas mantém a relação positiva entre nível de instrução e prática de uma actividade artística amadora; a segunda chama a atenção para a não coincidência entre a prática amadora e a constituição dos praticantes em públicos culturais de espectáculos das respectivas actividades (queremos dizer espectáculos do domínio não amador, naturalmente) – cf. O. Donnat, 1996.

²² Segundo um levantamento realizado no início da década de noventa, esse número era de 758 (A. Teixeira Fernandes *et al.*, 1998: 20).

V. SÍNTESE DOS RESULTADOS

A informação apresentada neste relatório, recordemos, resulta da administração de um questionário, a uma amostra da população residente nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto. A dimensão da amostra é de 1 500 pessoas, maiores de 15 anos; e o método de amostragem seguido combinou quotas relativamente a freguesia de residência, idade, sexo, instrução e posição perante a actividade económica, em cada cidade. As entrevistas foram realizadas presencialmente, entre os meses de Maio e Agosto de 1997.

Os autores não desconhecem os limites da técnica que utilizaram. O inquérito dá conta de grandes regularidades; e as práticas reais a que nos faz aceder são caracteristicamente reconstruídas pela interpretação e o depoimento que os inquiridos elaboram, acerca delas. Não se peça, pois, ao inquérito a medição precisa de frequências, mas sim linhas de força dos comportamentos e das atitudes. Nem se esqueça que, dadas a composição da sociedade portuguesa e a selectividade social do acesso aos bens e actividades culturais, a minoria dos praticantes regulares fica quase sempre ofuscada pela determinação pesada dessas grandes regularidades. Por isso, a mesma equipa que conduziu este inquérito preparou um dispositivo de recolha de informação mais abrangente, que incluiu, quer 80 entrevistas em profundidade a consumidores culturais habituais das cinco cidades, quer um observatório pormenorizado, ao longo de um ano, dos eventos nelas ocorridos, quer um registo sistemático dos operadores culturais (equipamentos, instituições, criadores...) que nelas intervêm. Inclui ainda estudos parcelares e mais pormenorizados sobre algumas novas formas de produção e criação cultural urbanas, um trabalho monográfico sobre esse outro mega-acontecimento cultural de massas que foi a Expo'98 e uma análise detalhada sobre as imagens e os usos do património na cidade de Évora. Mais uma vez, portanto, as conclusões da análise parcial que este relatório divulga hão-de ser confrontadas e esclarecidas com o estudo global empreendido.

O inquérito não foi conduzido pelo entendimento amplo, antropológico de cultura, como o conjunto de maneiras de ser, pensar e agir de um dado ambiente social; nem estava focalizado nas questões da cultura popular, no que ela implica de criação ou produção cultural das classes populares. O povo, se está aqui presente, é do lado do consumo: falamos, portanto, de cultura *pop* e não de cultura *folk*.

Quer isto dizer que, do ponto de vista da tripartição convencional, o inquérito se debruçou sobre os dois grandes continentes da cultura erudita (ou “alta cultura”, ou “cultura legítima”, ou “cultura cultivada”) e da cultura de massas. Situando na primeira o domínio, decerto variável no tempo e no espaço, das obras, actividades e acontecimentos que, simultaneamente, são colocados nos lugares de topo da classificação social vigente dos bens culturais, e menor acessibilidade propiciam aos públicos gerais. Situando na segunda os produtos característicos das indústrias culturais dirigidas a segmentos volumosos das populações, ou à globalidade delas, e ainda as actividades de informação, relação, fruição lúdica, desenvolvidas no quadro dos lazeres. Não ignorando os múltiplos pontos de contacto e até mesclagem dos dois continentes, o inquérito organizou-se, ainda, segundo a sua separação; e foi a partir dela que procurou tomar o pulso à dimensão e à estrutura do consumo.

Ora, olhando a partir das nossas cinco cidades, não é só o continente erudito que surge envolto em distância e reserva. A televisão generalista e popular penetra virtualmente todo o universo social; e práticas de lazer e convivialidade centradas na família, e nesses marcadores da vida quotidiana que são a refeição fora de casa ou a deambulação pela cidade e o centro comercial, estão também quase omnipresentes. A rádio emerge, em seguida, como o suporte e emissor mais difundido. Porém, várias indústrias culturais viradas para o grande público enfrentam barreiras sociais muito importantes. A instrução, no que toca à leitura da imprensa diária; a instrução e a idade, no que toca à frequência do cinema e à relação com a indústria fonográfica; o género, no que toca à assistência ao grande espectáculo desportivo e ao consumo de imprensa desportiva. De tal modo que a própria expressão “cultura de massas”, quando aplicada ao universo das revistas ditas populares (“femininas”), dos jornais desportivos (“masculinos”), dos grandes jornais diários, dos filmes “de Hollywood” e dos sucessos musicais, parece um pouco forçada, quando observamos as regularidades cruas das práticas dos residentes em Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto.

Aliás, o jogo de determinações, pelo capital escolar, a inserção socioprofissional, a condição de idade e geração, o estado civil e o género, é, nas suas linhas gerais, quase idêntico, quando consideramos qualquer dos dois continentes, cultura de elites e cultura de massas, embora seja, evidentemente, menos restritivo nesta última. A relação entre nível de instrução e categoria socioprofissional; a relação entre idade e nível de instrução; a relação entre idade e género (e estado civil) – eis os grandes factores de barreira ou acesso, consoante as dotações e posições respectivas dos actores. Uma boa dotação na primeira traz o capital cultural e a desenvoltura económica e relacional essenciais para uma prática cultural informada e regular; a combinação de escolarização e juventude gera efeitos específicos de disponibilidade e mobilidade pessoal, e interiorização de gostos, hábitos e referências “modernas”; e uma persistente disparidade nas oportunidades de saída do espaço doméstico que se proporcionam a homens e a mulheres, sobretudo se estas não são jovens, não são instruídas e têm responsabilidades familiares, torna a terceira relação também ela crucial no acesso às ofertas culturais, designadamente quando estas envolvem deslocações extra-domiciliárias.

Nenhuma destas relações se pauta, contudo, por si mesma, pela lógica da condição suficiente. Nada mais longe da realidade dos factos. Ser quadro e ter uma licenciatura, ou ser jovem estudante do ensino superior, para referir as duas grandes fontes de recrutamento de públicos culturais, não significa *automaticamente* sequer *predisposição* para o consumo. Ao contrário, basta rumar um pouco em direcção ao continente erudito, e interrogar os inquiridos sobre as suas práticas de leitura, as suas frequências de concertos, de exposições, de museus ou de teatros, para logo percebermos que os públicos culturais são minoritários, mesmo dentro dos grupos sociais mais favorecidos e qualificados, nos critérios sociológicos relevantes.

Por mais generoso que se seja na definição do que são tais públicos. É que basta estreitarmos os seus limites, circunscrevendo-os apenas aos que manifestam um contacto regular, minimamente assíduo, com o mundo mais enobrecido da cultura, para que as taxas de frequência caiam abruptamente, quer em termos médios (para o conjunto da amostra), quer nas categorias sociais mais fortes nos recursos e posições implicadas no consumo cultural.

Há, decerto, modulações que importa destacar, neste quadro geral de fortíssimas restrições à constituição de públicos culturais, quer entre o conjunto dos inquiridos, quer

entre os inquiridos mais bem posicionados na hierarquia social e cultural, quer, finalmente, entre as cidades. A modulação mais evidente tem a ver com as especificidades juvenis: maior prática desportiva, maior assistência ao cinema, maior adesão à música moderna e à dança; vantagens de disponibilidade e mobilidade, cruzadas com o facto de serem os jovens os mais notórios portadores da transformação geral dos consumos culturais e lúdicos, com a viragem para o audiovisual. Mas não devem também perder-se de vista outras modulações menos nítidas: as formas menos convencionais de relação com a cultura, materializadas no activismo associativo ou na prática amadora (nas quais o inquérito torna a vislumbrar alguma singularidade juvenil e a diversidade dos contextos urbanos); e a presença de equipamentos e instituições enraizadas nas cidades, como pólos, se não de irradiação, pelo menos de interpelação de públicos que, não sendo seus frequentadores habituais, conhecem-nos, todavia, e com eles eventualmente mantêm curiosidade e ligação sentimental.

Finalmente, a comparação entre as cidades onde foi aplicado o questionário revela diferenças significativas. Elas não dizem respeito à *estrutura* social do consumo, quer dizer, em nenhuma delas se altera o jogo das determinações entre capital escolar, condição socioprofissional, idade, geração e género, atrás evidenciado. Mas dizem respeito à *dimensão* e à *modalização* do consumo.

É possível, de facto, captar, quanto à modalização, diferenças e especificidades que estarão provavelmente ligadas às características locais das ofertas culturais e à densidade e configuração de ambientes locais – desde as condições de deslocação e aproximação física a equipamentos e eventos até à malha associativa disponível. Assim se mostraram sucessivas vantagens comparativas: de Aveiro no que toca à música clássica; de Braga e Guimarães na prática artística da fotografia; do Porto na frequência do cinema; de Coimbra nos concertos de música moderna ou na frequência de exposições; de Aveiro e Guimarães na participação associativa; etc..

Quando se consideram, depois, as variações da dimensão dos consumos, destaca-se Coimbra, como a cidade que apresenta os melhores indicadores. O que é congruente com o perfil de composição social que apresenta a amostra respectiva: médias mais altas de instrução e qualificação profissional. Mas terá também a ver, por hipótese a corroborar por outros meios, com a marcação do seu ambiente urbano por um elemento que sabemos contar bastante nestes consumos: a Universidade. No pólo oposto situa-se o Porto. Não só apresenta valores mais baixos do que Coimbra, na

generalidade dos critérios aqui retidos, como não consegue materializar, nesta área específica do consumo cultural, a sua centralidade e a melhor estrutura de composição social da população residente, não “descolando” (ou até, várias vezes, fazendo-o pela negativa, quer dizer, “atrasando-se”), face às outras cidades.

A natureza da amostragem empreendida e da amostra resultante – designadamente o facto de não terem sido cruzadas as variáveis seleccionadas e o facto de não se ter podido evitar distorções no preenchimento das quotas, na triangulação entre idade, instrução e género – não permite extrapolações seguras das diferenças ventiladas. São muito menos claros (do que quando está em causa a variação dos consumos pelas variáveis clássicas de condição social) o significado e a estrutura da variação segundo a cidade de residência. Mas as indicações que ficam deverão ser, certamente, incorporadas nas nossas próprias pesquisas sobre a relação entre dinâmicas urbanas e dinâmicas culturais, no Portugal de hoje.

ANEXO I:

DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA

QUADRO I
FREGUESIAS CONSIDERADAS PARA A CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA,
EM CADA CIDADE

CIDADES	CENTRO HISTÓRICO	RESTANTES FREGUESIAS
Aveiro	Glória Vera Cruz	Aradas Esgueira S. Bernardo Sta. Joana
Braga	Braga (S. Vicente) Braga (S. João do Couto) Braga (Cividade) Braga (Sé) Braga (Maximinos) Braga (S. Vítor) Braga (S. José de Lázaro)	Arcos Aveleda Celeirós Dume Espinho Ferreiros Fraião Frossos Gualtar Lamações Lomar Merelim (S. Pedro) Nogueira Nogueiró Real S. Pedro (Este) S. Vítor Semelhe Tenões
Coimbra	Almedina Eiras Sta. Clara Sta. Cruz Sto. António dos Olivais S. Bartolomeu S. Martinho do Bispo Sé Nova	Antuzede S. Paulo de Frades Torres do Mondego Troxemil
Guimarães	Azurém Creixomil Mascotelos Oliveira do Castelo S. Paio (Guimarães) S. Sebastião	Aldão Costa Fermentões Gondar Mesão Frio Nespereira Pencelo Polveira Candoso (Santiago) Selho (S. Cristovão) Selho (S. Jorge) S. Lourenço (Selho) S. Martinho (Candoso) Silvares Urgezes
Porto	Bonfim Cedofeita Massarelos Miragaia Sto. Ildefonso S. Nicolau Sé Vitória	Aldoar Campanhã Foz do Douro Lordelo do Ouro Nevogilde Paranhos Ramalde

QUADRO II
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO COM 15 E MAIS ANOS RESIDENTE NAS CIDADES, SEGUNDO A ZONA DE RESIDÊNCIA, O SEXO, A IDADE,
O NÍVEL DE INSTRUÇÃO E A CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO

	Pop. com 15 anos + V.A.	%	Sexo		Idade				Nível de Instrução			Condição Perante Trabalho					
			H	M	15--24	25--44	45+	<=2°CEB	3°CEB/Sec.	Superior	Activos	Estudantes	Domésticas	Outros não activos			
A VEIRO																	
Freg. Centro Histórico	13510	36,6	6065	7445	2759	4582	7197	5291	4640	3579	7748	1821	1088	2853			
Restantes freguesias	23452	63,4	11318	12134	5038	9530	7856	14933	6129	2390	14719	1883	2307	4543			
Total cidade	36962	100,0	17383	19579	7797	14112	15053	20224	10769	5969	22467	3704	3395	7396			
BRAGA																	
Freg. Centro Histórico	44896	60,4	20408	24488	10265	18714	15917	21073	14877	8946	27492	5379	2629	9396			
Restantes freguesias	29434	39,6	14264	15170	7861	11838	9735	20613	6727	2094	18574	2545	2009	6306			
Total cidade	74330	100,0	34672	39658	18126	30552	25652	41686	21604	11040	46066	7924	4638	15702			
COIMBRA																	
Freg. Centro Histórico	71918	87,9	32121	39797	14419	26248	31251	31489	21515	18914	41644	9430	4145	16699			
Restantes freguesias	9882	12,1	4734	5148	2077	3689	4116	7061	2275	546	5801	764	742	2575			
Total cidade	81800	100,0	36855	44945	16496	29937	35367	38550	23790	19460	47445	10194	4887	19274			
GUIMARÃES																	
Freg. Centro Histórico	20798	42,1	9645	11153	4882	8047	7869	12814	5640	2344	13180	1825	1107	4686			
Restantes freguesias	28647	57,9	13939	14708	7627	11490	9530	22432	5007	1208	19827	1448	1254	6118			
Total cidade	49445	100,0	23584	25861	12509	19537	17399	35246	10647	3552	33007	3273	2361	10804			
PORTO																	
Freg. Centro Histórico	93822	37,3	40015	53807	17647	30789	45386	49673	26430	17719	52492	8958	7222	25150			
Restantes freguesias	157378	62,7	71701	85677	32244	55068	70066	88599	41738	27041	90536	14312	12592	39938			
Total cidade	251200	100,0	111716	139484	49891	85857	115452	138272	68168	44760	143028	23270	19814	65088			

F. fonte: INE, *Recenseamento Geral da População, 1991*

ANEXO II:

ANEXO ESTATÍSTICO¹

¹ Os Quadros V a XLIV apresentam dados resultantes do nosso inquérito às práticas culturais dos residentes nas cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto. A fonte não se encontra, por isso, assinalada.

QUADRO I
GRUPOS SOCIOECONÓMICOS POR CONCELHO, SEGUNDO O RESENSEAMENTO DE 1991

	AVEIRO		BIAGÇA		COIMBRA		GUIMARAES		PORTO		TOTAL	
	V. A.	%	V. A.	%	V. A.	%	V. A.	%	V. A.	%	V. A.	%
Empresários	1157	3,6	2716	4,0	2172	3,3	2890	3,5	7724	5,4	16659	4,3
Pequenos patrões	1504	4,7	3004	4,5	2886	4,4	2477	3,0	7101	4,9	16972	4,3
Prof. liberais e técnicos intermédios independentes	238	0,7	417	0,6	582	0,9	309	0,4	1956	1,4	3502	0,9
Trab. da indústria, artesanato, comércio e serviços independentes	2434	7,6	3343	5,0	3480	5,3	3546	4,3	5288	3,7	18091	4,6
Agricultores independentes	996	3,1	757	1,1	866	1,3	1064	1,3	72	0,1	3755	1,0
Directores, quadros do Estado e empresas	353	1,1	839	1,2	664	1,0	761	0,9	3229	2,2	5846	1,5
Quadros superiores e intermédios	5040	15,8	9546	14,2	16157	24,7	4831	5,9	29080	20,2	64654	16,6
Encarregados e capatazes	266	0,8	453	0,7	366	0,6	1305	1,6	620	0,4	3010	0,8
Empregados administrativos	6792	21,3	12480	18,5	15161	23,2	10099	12,3	41477	28,9	86009	22,0
Operários	7838	24,5	23697	35,2	11451	17,5	43934	53,5	25123	17,5	112043	28,7
Assalariados agrícolas	264	0,8	542	0,8	364	0,6	881	1,1	271	0,2	2322	0,6
Trabalhadores não qualificados	4456	13,9	8159	12,1	9314	14,3	9120	11,1	18754	13,1	49803	12,8
Forças Armadas	256	0,8	485	0,7	628	1,0	315	0,4	916	0,6	2600	0,7
Outros Activos	356	1,1	923	1,4	1245	1,9	549	0,7	2012	1,4	5085	1,3
TOTAL	31950	100,0	67361	100,0	65336	100,0	82081	100,0	143623	100,0	390351	100,0

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 1991

QUADRO II
ALUNOS MATRICULADOS NO ENSINO SUPERIOR DE 1992/93 A 1995/96, POR CONCELHO

CONCELHOS	Ensino Superior Público						Ensino Superior Privado e Cooperativo ¹						Total					
	1992/1993 ²		1994/1995		1995/1996		1992/1993		1994/1995		1995/1996		1992/1993		1994/1995		1995/1996	
Aveiro	-	7131	7757	-	8318	-	-	265	354	441	-	-	7396	8111	8759	-	-	-
Braga	-	-	11742	-	12710 ³	-	-	-	1052	1180	-	-	10866	12774	13890	-	-	-
Coimbra	-	23348	24274	-	25997	-	1332	1474	-	1825	-	-	24680	25748	27822	-	-	-
Guimarães	-	-	-	-	-	-	-	-	-	47	-	44	36	-	47	-	-	-
Ponte	-	-	-	-	31374	-	-	26238	-	28706	-	42967	24667 ⁵	-	60080	-	-	-

Fonte: Ministério da Educação in INE, *Anuário Estatístico da Região Centro 1994, 1996 e 1997 e Anuário Estatístico da Região Norte 1993, 1994, 1995, 1996 e 1997.*

- ¹ Inclui a Universidade Católica.
² Para 1992/93 não existem dados para a Região Centro; e não há, para a Região Norte, desagregação entre o ensino superior público e o privado/cooperativo.
³ Refere-se, muito provavelmente, a todos os alunos da Universidade do Minho, o que explicará a ausência de alunos do pólo de Guimarães.
⁴ Não foram publicados dados do ensino público, no Porto, em 1994/95.
⁵ Para 1993/94, na Região Norte, os dados do ensino público e privado não estão desagregados. Este valor talvez corresponda apenas ao ensino público, pois é muito baixo.

QUADRO III

Nº DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR, NOS ANOS LECTIVOS DE 1992/93 A 1995/96, POR CONCELHO⁶

CONCELHOS	ESTABELECIMENTOS DE ENSINO									
	1993/1994			1994/1995			1995/1996			Total
	Público	Priv/UCP	Total	Público	Priv/UCP	Total	Público	Priv/UCP	Total	
Aveiro	2	2	4	2	2	4	2	2	4	
Braga	-	-	3	2	3	5	-	-	5	
Coimbra	15	3	18	15	3	18	15	3	18	
Guimarães	-	-	1	-	1	1	-	-	1	
Porto	-	-	44	23	22	45	24	23	47	

Fonte: Ministério da Educação
in INE, *Anuário Estatístico da Região Centro 1994; 1996 e 1997 e Anuário Estatístico da Região Norte 1993; 1994; 1995; 1996 e 1997.*

QUADRO IV

Nº DE PROFESSORES NO ENSINO SUPERIOR NOS ANOS LECTIVOS DE 1992/93 A 1995/96, POR CONCELHO⁷

CONCELHOS	PROFESSORES				
	1992/93 ⁸	1993/1994	1994/1995	1995/96 ⁹	Total
Aveiro	-	456	450 ⁹	-	484
Braga	673	112 ⁹	717 ⁹	-	725 ³
Coimbra	-	2673	1536 ⁹	-	1665
Guimarães	13	15 ⁸	-	-	-
Porto	3452	4500 ⁸	2554 ⁹	-	2564

Fonte: Ministério da Educação
in INE, *Anuário Estatístico da Região Centro 1994; 1996 e 1997 e Anuário Estatístico da Região Norte 1993; 1994; 1995; 1996 e 1997.*

⁶ Mantém-se as notas relativas ao Quadro II, relativamente à desagregação dos dados.

⁷ Não há desagregação entre o ensino público e o privado/cooperativo. Para a Região Centro, não existem dados relativos a 1992/93.

⁸ Ensino público e privado/cooperativo.

⁹ Só ensino público.

QUADRO V
CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL DOS INQUIRIDOS COM ACTIVIDADE ECONÓMICA, SEGUNDO A CIDADE

	AVEIRO		BRAGA		COIMBRA		GUIMARÃES		PORTO		TOTAL	
	(N. ponderado)	%	(N. ponderado)	%	(N. ponderado)	%	(N. ponderado)	%	(N. ponderado)	%	(N. ponderado)	%
Empresários	(3)	1,5			(5)	1,1	(3)	1,0	(35)	2,5	(47)	1,6
Dirigentes e liberais	(9)	4,2	(15)	3,3	(57)	12,4	(8)	2,5	(78)	5,6	(167)	5,9
Quadros intelectuais e científicos	(30)	14,2	(71)	15,5	(106)	23,4	(10)	3,2	(192)	13,8	(410)	14,4
Quadros médios	(20)	9,4	(55)	12,1	(42)	9,2	(14)	4,3	(114)	8,2	(245)	8,6
Pequenos independentes	(57)	26,9	(104)	22,8	(77)	17,0	(85)	26,1	(186)	13,4	(510)	17,9
Empregados	(52)	24,3	(136)	29,9	(105)	23,1	(89)	27,5	(591)	42,5	(974)	34,3
Operários industriais	(41)	19,4	(72)	15,7	(60)	13,3	(111)	34,3	(186)	13,4	(471)	16,6
Operários agrícolas			(3)	,7	(2)	,5	(3)	1,0	(9)	,7	(18)	,6
Total	(214)	100,0	(457)	100,0	(455)	100,0	(325)	100,0	(1392)	100,0	(2843)	100,0

QUADRO VI

GÊNEROS DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO MAIS APRECIADOS, SEGUNDO A INSTRUÇÃO E O SEXO
(% EM LINHA SOBRE OS INQUIRIDOS QUE DECLARAM VER TELEVISÃO)

	Despontivos	Filmes	Telenovelas	Infância e juvenis	Telejornais, informação diária	Séries	Concursos	Reportagens	Entrevistas, debates	Talk-shows	Educativos, científicos	Outros	(N, ponderado)
< 1º ciclo	H	70,6	19,1	35,1		84,7	6,7	11,7	8,2	15,3		9,7	(47)
	M	4,3	17,5	79,8	2,3	83,8	2,9	2,8	6,9	43,3	1,5	0,3	(382)
1º ciclo (completo)	HM	11,5	17,7	75,0	2,1	83,9	3,3	3,8	7,0	40,3	1,3	1,3	(429)
	H	76,4	37,9	16,6	3,9	85,6	3,8	14,8	19,3	10,3	6,4	4,3	(412)
2º ciclo	M	5,6	29,3	71,5	1,7	87,0	3,3	10,4	17,0	29,4	5,5	0,9	(1119)
	HM	24,6	31,6	56,8	2,3	86,6	3,4	11,6	17,6	24,2	5,7	1,8	(1531)
3º ciclo	H	81,2	59,9	10,6	1,2	74,8	8,6	13,4	15,6	6,2	10,9	3,3	(271)
	M	6,8	60,0	48,7	2,7	76,1	3,9	15,3	24,4	9,1	13,8	5,7	(478)
Secundário	HM	33,7	60,0	35,0	2,2	75,7	5,6	14,6	21,2	8,0	12,8	4,8	(748)
	H	64,6	59,1	7,3	8,6	68,4	8,5	20,2	14,2	2,2	18,8	7,5	(514)
Superior	M	13,8	59,4	40,7	2,6	72,7	12,1	12,1	32,9	7,6	13,0	4,4	(291)
	HM	46,2	59,2	19,4	6,4	70,0	9,8	17,3	21,0	4,1	16,7	6,4	(805)
Total H	H	63,9	67,1	4,3	1,9	82,6	6,8	27,0	23,5	18,7	1,2	3,1	(323)
	M	9,3	51,1	29,3	3,9	85,2	10,2	35,0	35,1	1,3	15,6	1,9	(192)
Total M	HM	43,6	61,1	13,6	2,6	83,6	8,0	30,0	27,8	1,3	17,6	2,2	(515)
	H	47,8	54,8	2,0	1,1	87,3	4,5	25,1	33,5	4,1	29,3	5,7	(640)
Total HM	M	3,9	50,2	17,5	7,8	86,2	3,8	21,4	38,2	1,9	47,9	3,0	(202)
	HM	37,3	53,7	5,7	2,7	87,0	4,4	24,2	34,6	1,9	33,7	3,0	(843)
Total H		64,0	54,3	8,1	3,5	80,3	6,2	20,6	22,1	3,9	18,1	4,0	(2206)
Total M		6,6	39,6	58,1	2,7	82,8	4,8	13,0	21,5	21,3	11,2	2,6	(2665)
Total HM		32,6	46,2	35,5	3,0	81,7	5,5	16,4	21,8	13,4	14,3	3,2	(4871)

QUADRO VIII
LEITURA DE IMPRENSA, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO
(% EM LINHA DOS QUE DECLARAM LER, EM CADA CATEGORIA)

	Jornais diários	Jornais semanários	Jornais desportivos	Revistas	(N. ponderado)
< 1º ciclo	26,7	0,8	7,1	15,3	(440)
1º ciclo (completo)	52,2	6,9	21,9	50,4	(1540)
2º ciclo	62,3	14,1	34,7	65,6	(759)
3º ciclo	67,5	16,4	44,6	61,1	(811)
Secundário	72,7	36,7	43,9	59,1	(539)
Superior	87,1	65,6	38,0	72,0	(848)
Total	62,2	22,4	31,4	56,0	(4937)

QUADRO IX
LEITURA DE IMPRENSA, SEGUNDO A IDADE E O SEXO
(% DOS INQUIRIDOS QUE DECLARAM LER)

		Jornais diários	Jornais semanários	Jornais desportivos	Revistas	(N. ponderado)
15-19	H	56,8	21,2	55,8	67,1	(293)
	M	51,7	9,9	36,1	83,3	(158)
	HM	55,1	17,2	48,9	72,8	(452)
20-24	H	65,3	32,1	58,4	52,9	(377)
	M	51,3	18,0	13,4	75,8	(219)
	HM	60,2	26,9	41,9	61,3	(597)
25-34	H	80,3	42,0	57,1	68,2	(557)
	M	59,3	29,9	12,3	75,0	(430)
	HM	71,1	36,7	37,6	71,2	(987)
35-44	H	95,2	41,0	61,8	44,0	(395)
	M	63,2	13,6	9,1	74,3	(417)
	HM	78,8	26,9	34,7	59,6	(813)
45-64	H	78,9	25,7	53,1	37,2	(478)
	M	47,6	10,1	10,6	50,2	(1003)
	HM	57,7	15,1	24,3	46,0	(1481)
65+	H	85,5	17,1	36,0	25,9	(141)
	M	31,5	7,6	3,6	35,8	(467)
	HM	44,0	9,8	11,1	33,5	(608)
Total H		77,4	32,4	55,8	51,9	(2242)
Total M		49,6	14,0	11,2	59,4	(2696)
Total HM		62,2	22,4	31,4	56,0	(4937)

QUADRO X
LEITORES DOS JORNAIS DIÁRIOS, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO
(% EM LINHA DOS QUE DECLARARAM LER, EM CADA CATEGORIA)

	J. de Notícias	Público	D. de Notícias	C. da Manhã	Capital	C. do Porto	D. do Minho	C. do Minho	D. de Coimbra	D. das Beiras	D. de Aveiro	Outros	Não responde	(N. ponderado)
< 1º ciclo	56,4	3,9	5,7			6,2	10,3	4,7	19,5	10,1	5,6	5,0		(118)
1º ciclo (completo)	65,2	3,8	3,0	2,0	,2	2,6	8,9	2,3	14,0	5,1	3,1	1,9	,3	(804)
2º ciclo	54,2	10,2	3,4	2,1		2,1	14,2	5,3	15,1	4,0	4,3	7,2		(473)
3º ciclo	59,2	5,9	3,8	3,0	1,2	4,4	9,8	4,6	17,9	5,0	6,3	1,6	,2	(547)
Secundário	64,9	17,0	5,9	,4	1,9	,4	6,7	2,8	11,1	5,8	2,6	1,7	,3	(392)
Superior	44,7	46,4	4,9	2,0	,8	1,4	5,5	4,5	15,3	6,2	3,7	1,8		(739)
Total	57,1	17,1	4,2	1,9	,7	2,4	8,8	3,9	15,0	5,5	4,0	2,7	,2	(3072)

QUADRO XI
LEITORES DOS JORNAIS SEMANÁRIOS, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO
(% EM LINHA DOS QUE DECLARARAM LER, EM CADA CATEGORIA)

	Expresso	Independente	Semanário	Com. de Guimarães	Outros	Não responde	(N, ponderado)
< 1º ciclo					100,0		(3)
1º ciclo completo	40,0	10,5	10,8	5,2	30,8	2,6	(106)
2º ciclo	29,1	17,6	11,6	10,1	31,6		(107)
3º ciclo	32,4	13,8	,4	6,7	44,1	8,5	(133)
Secundário	33,7	39,5	11,8	,9	17,5	5,9	(198)
Superior	79,9	19,4	3,4		8,4	1,5	(556)
Total	56,9	21,2	6,0	2,4	19,0	3,1	(1104)

QUADRO XII
REVISTAS LIDAS, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO
(% DOS QUE DECLARAM LER, EM CADA CATEGORIA DE LEITORES)

	Maria	TV Guia	Nova Gente	Visão	Caras	TV Mais	Exame	Outras	Não responde	(N, ponde- rado)
< 1º ciclo	67,1	28,0	17,8		9,0	7,0		22,4		(68)
1º ciclo (completo)	56,0	26,8	21,1	0,5	17,4	5,7	0,5	21,0	1,1	(777)
2º ciclo	51,5	26,8	23,4	4,2	21,2	6,8	0,3	27,7	0,1	(497)
3º ciclo	25,4	19,6	19,9	4,9	12,4	7,0	0,8	51,7	1,0	(495)
Secundário	8,3	22,5	18,5	5,4	18,2	7,1	1,7	58,3	1,9	(319)
Superior	1,1	12,4	8,5	23,1	15,3	5,3	12,5	57,1	3,1	(611)
Total	32,4	21,9	18,2	7,5	16,6	6,2	3,3	40,0	1,4	(2766)

QUADRO XIII
TEMPOS DE SAÍDA MAIS FREQUENTES, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA
(% EM LINHA, SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS)

	Tardes de domingo	Tardes de sábado	Noites do fim de semana	Noites dos dias de semana	Manhãs de domingo	Manhãs de sábado	Todos os dias	Todas as tardes	Outros períodos	Nunca sai	Não responde	(N, ponderado)
Aveiro	56,1	19,4	16,9	8,5	10,2	3,3	0,8	0,8	1,9	9,1	0,3	(370)
Braga	45,0	16,0	24,6	16,3	9,1	4,8	3,8	2,4	4,3	13,9		(743)
Coimbra	40,7	17,1	33,0	10,4	6,1	5,4			2,6	15,9		(818)
Cuimaraes	45,7	17,2	18,6	9,4	5,9	3,0	1,1	2,2	3,7	14,4	1,2	(494)
Porto	64,3	23,4	28,4	5,8	6,4	3,7	0,7	0,4	2,1	12,0	0,4	(2512)
Total	55,0	20,3	26,7	8,7	7,0	4,1	1,1	0,9	2,7	12,9	0,4	(4937)

QUADRO XIV
TEMPOS DE SAÍDA MAIS FREQUENTES, SEGUNDO O ESTADO CIVIL
(% EM LINHA, SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS)

	Tardes de domingo	Tardes de sábado	Noites do fim de semana	Noites dos dias de semana	Manhãs de domingo	Manhãs de sábado	Todos os dias	Todas as tardes	Outros períodos	Nunca sai	Não responde	(N, ponderado)
Casado(a)	64,1	21,0	13,5	5,1	8,5	4,4	0,7	1,0	2,1	14,4	0,4	(2719)
Solteiro(a)	42,1	21,3	53,0	17,3	5,3	4,6	1,0	0,4	2,5	6,5	0,1	(1663)
Divorciado(a)	50,8	16,9	26,3	2,7	3,2	0,3	2,4		2,0	16,7		(215)
Viuvo(a)	48,7	13,1	5,4		6,1	1,0	4,1	2,3	8,6	29,0	1,4	(329)
Não responde	39,3									60,7		(13)
Total	55,0	20,3	26,7	8,7	7,0	4,1	1,1	0,9	2,7	12,9	0,4	(4937)

QUADRO XV

TEMPOS DE SAÍDA MAIS FREQUENTES, SEGUNDO A IDADE E O SEXO (% EM LINHA, SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS)

	Tardes de domingo	Tardes de sábado	Noites do fim de semana	Noites dos dias de semana	Manhãs de domingo	Manhãs de sábado	Todos os dias	Todas as tardes	Outros períodos	Nunca sai	Não responde	(N. ponderado)
15-19	H 28,8	21,4	62,8	21,3	3,0	2,6	2,8		3,9			(293)
	M 68,5	25,1	37,0	15,7	1,8	2,8				5,4		(158)
	HIM 42,7	22,7	53,7	19,3	2,6	2,7	1,8		2,5	1,9		(452)
20-24	H 38,2	26,9	69,3	18,2	4,9	2,4		1,2	1,7	0,5		(377)
	M 55,9	9,6	35,6	17,4	2,5	4,5				12,2	0,9	(219)
	HIM 44,7	20,6	56,9	17,9	4,0	3,2		0,8	1,1	4,8	0,3	(597)
25-34	H 55,8	28,7	52,9	11,4	9,9	7,6		0,9	1,3	1,9		(557)
	M 56,0	12,1	33,4	14,9	6,4	2,8		0,1	2,6	7,0		(430)
	HIM 55,9	21,5	44,4	12,9	8,4	5,5		0,5	1,9	4,1		(987)
35-44	H 52,1	26,4	31,2	11,4	6,9	6,1		1,0	1,0	9,6	0,3	(395)
	M 68,1	16,2	9,1	2,8	6,4	2,2			0,1	14,6	0,4	(417)
	HIM 60,3	21,2	19,9	7,0	6,7	4,1		0,5	0,5	12,1	0,3	(813)
45-64	H 59,0	23,7	11,8	4,5	9,2	5,4	2,7	1,7	3,9	15,3		(478)
	M 64,1	17,7	6,8	2,1	6,5	2,5	1,4	0,5	2,9	20,6	0,6	(1003)
	HIM 62,5	19,6	8,4	2,9	7,4	3,5	1,8	0,9	3,2	18,9	0,4	(1481)
65+	H 43,3	25,5		4,1	15,4	13,4	7,2	9,3	7,9	19,6	1,6	(141)
	M 48,8	14,6	3,1	0,8	9,0	2,6	2,3	0,6	6,8	33,3	1,0	(467)
	HIM 47,5	17,1	2,4	1,6	10,5	5,1	3,4	2,7	7,1	30,1	1,1	(608)
Total H	48,6	25,8	41,0	11,9	7,8	5,7	1,4	1,5	2,6	6,7	0,1	(2242)
Total M	60,4	15,8	14,9	6,1	6,3	2,7	0,9	0,3	2,7	18,1	0,5	(2696)
Total HIM	55,0	20,3	26,7	8,7	7,0	4,1	1,1	0,9	2,7	12,9	0,4	(4937)

QUADRO XVI
 COM QUEM SAI, MAIS FREQUENTEMENTE, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA
 (% EM LINHA, SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS QUE DECLARAM SAIR)

	Com a família	Com amigos	Com o/a namorado/a	Sozinho	(N, ponderado)
Aveiro	61.9	30.7	8.1	10.0	(336)
Braga	55.4	34.5	14.3	12.4	(640)
Coimbra	51.1	39.9	13.4	6.8	(688)
Guimarães	61.1	26.6	8.8	6.9	(423)
Porto	70.0	27.2	12.6	4.3	(2212)
Total	63.3	30.5	12.2	6.6	(4298)

QUADRO XVII
 COM QUEM SAI, MAIS FREQUENTEMENTE, SEGUNDO O ESTADO CIVIL
 (% EM LINHA, SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS QUE DECLARAM SAIR)

	Com a família	Com amigos	Com o/a namorado/a	Sozinho	Com outros	Não responde	(N, ponderado)
Casado(a)	91.2	11.2	1.0	4.0	0,7	0,5	(2327)
Solteiro(a)	21.6	63,1	31,0	6,6	0,3	0,1	(1554)
Divorciado(a)	53.0	21,5	11,6	23,5			(179)
Viúvo(a)	72.0	13.2		17,3		2,0	(233)
Não responde				100,0			(5)
Total	63.3	30.5	12.2	6.6	0,5	0,5	(4298)

QUADRO XVIII

COM QUEM SAI MAIS FREQUENTEMENTE, SEGUNDO A IDADE E O SEXO
(% EM LINHA, SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS QUE DECLARAM SAIR)

		Com a família	Com amigos	Com o/a namorado/a	Sozinho	Com outros	Não responde	(N. ponderado)
15-19	H	17,0	76,3	18,0	2,2			(293)
	M	29,6	63,9	16,5	1,3			(150)
	HM	21,3	72,1	17,5	1,9			(443)
20-24	H	17,6	73,0	39,9	3,9			(375)
	M	39,8	36,1	40,1	2,3	2,0		(192)
	HM	25,1	60,5	40,0	3,4	0,7		(568)
25-34	H	51,0	43,7	23,3	2,6	1,1	0,3	(547)
	M	71,4	23,2	12,7	6,9			(400)
	HM	59,6	35,0	18,8	4,4	0,6	0,2	(947)
35-44	H	76,0	26,0	5,5	8,5		0,3	(357)
	M	91,8	11,3	4,7	0,4			(357)
	HM	83,9	18,7	5,1	4,5		0,2	(714)
45-64	H	69,4	20,6	1,8	18,6	0,2		(405)
	M	88,6	8,1		5,5	1,5	1,2	(796)
	HM	82,1	12,4	0,6	9,9	1,0	0,8	(1202)
65+	H	73,1	5,5		23,4			(113)
	M	80,4	9,4		11,8		2,3	(311)
	HM	78,5	8,4		14,9		1,7	(425)
	Total H	49,3	44,0	17,1	8,0	0,3	0,1	(2091)
	Total M	76,6	17,8	7,7	5,2	0,7	0,8	(2207)
	Total HM	63,3	30,5	12,2	6,6	0,5	0,5	(4298)

QUADRO XIX

PRÁTICA DE FOTOGRAFIA, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO
(% DOS QUE DECLARAM TIRAR FOTOGRAFIAS, EM CADA NÍVEL)

	%	(N, ponderado)
< 1º ciclo	18,9	(440)
1º ciclo (completo)	33,4	(1540)
2º ciclo	54,0	(759)
3º ciclo	51,4	(811)
Secundário	58,7	(539)
Superior	70,6	(848)
Total	47,4	(4937)

QUADRO XX

CONTEXTOS E OBJECTIVOS DA PRÁTICA DE FOTOGRAFIA, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO
(% EM LINHA, SOBRE OS PRATICANTES DE FOTOGRAFIA)

	Momentos familiares	Viagens e turismo	Festas e convívios	Actividade artística	(N, ponderado)
< 1º ciclo	65,4	69,6	65,5		(83)
1º ciclo (completo)	71,3	57,7	55,0	12,2	(515)
2º ciclo	67,1	71,7	61,6	16,9	(410)
3º ciclo	57,5	74,9	58,3	12,1	(417)
Secundário	58,6	82,4	69,7	11,7	(316)
Superior	55,9	82,3	59,5	11,3	(599)
Total	62,3	73,3	60,2	12,3	(2340)

QUADRO XXI
 MODALIDADES DE RELAÇÃO COM O DESPORTO, SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO
 (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secun- dário	Superior	Total
Assistiu pelo menos uma vez a jogos de futebol no último mês	12,4	16,4	29,2	42,6	32,8	30,2	26,5
Costuma ler um ou mais jornais desportivos	7,1	21,9	34,7	44,6	43,9	38,0	31,4
Os programas desportivos estão entre os três tipos de programas televisivos que mais aprecia	11,5	24,6	33,7	46,2	43,6	37,3	32,6
Pratica regularmente uma actividade física ou desportiva	2,3	6,7	27,8	34,6	33,7	32,8	21,6
(N. ponderado)	(440)	(1540)	(759)	(811)	(539)	(848)	(4937)

Este quadro e os dois seguintes devem ser lidos em coluna: 12,4% dos (440) inquiridos com menos do que o 1º ciclo assistiram pelo menos uma vez a jogos de futebol no último mês, etc.

QUADRO XXII
 MODALIDADES DE RELAÇÃO COM O DESPORTO, SEGUNDO A IDADE
 (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total
Assistiu pelo menos uma vez a jogos de futebol no último mês	50,4	31,6	33,7	26,1	19,5	9,5	26,5
Costuma ler um ou mais jornais desportivos	48,9	41,9	37,6	34,7	24,3	11,1	31,4
Os programas desportivos estão entre os três tipos de programas televisivos que mais aprecia	51,2	42,8	39,4	34,1	22,7	19,8	32,6
Pratica regularmente uma actividade física ou desportiva	49,5	37,0	29,5	16,9	10,8	5,5	21,6
(N. ponderado)	(452)	(597)	(987)	(813)	(1481)	(608)	(4937)

QUADRO XXIII
 MODALIDADES DE RELAÇÃO COM O DESPORTO, SEGUNDO O SEXO
 (% EM COLUNA)

	H	M	Total
Assistiu pelo menos uma vez a jogos de futebol no último mês	44,7	11,3	26,5
Costuma ler um ou mais jornais desportivos	55,8	11,2	31,4
Os programas desportivos estão entre os três tipos de programas televisivos que mais aprecia	64,0	6,6	32,6
Pratica regularmente uma actividade física ou desportiva	35,9	9,7	21,6
(N. ponderado)	(2242)	(2696)	(4937)

QUADRO XXIV
 MODALIDADES DE RELAÇÃO COM O DESPORTO, SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL (% EM COLUNA)

	Dirigentes e liberais	Quadros intelectuais e científicos	Quadros médios	Pequenos independentes	Emprega- dos	Operários industriais	Reforma- dos	Domésticas	Estudantes	Outros, sem infor- mação	Total
Assistiu pelo menos uma vez a jogos de futebol no último mês	28,0	25,4	27,3	40,4	20,3	40,7	13,2	9,4	49,6	23,0	26,5
Costuma ler um ou mais jornais desportivos	43,1	30,2	45,1	39,1	29,0	48,5	14,8	5,9	52,3	28,8	31,4
Os programas desportivos estão entre os três tipos de programas televisivos que mais aprecia	46,5	29,3	43,6	39,2	26,9	53,4	24,1	2,4	54,5	24,6	32,6
Pratica regularmente uma actividade física ou desportiva	24,2	33,7	30,7	21,1	17,2	25,6	6,8	4,9	54,4	16,5	21,6
(N. ponderado)	(167)	(410)	(245)	(510)	(974)	(471)	(856)	(351)	(483)	(469)	(4937)

QUADRO XXV
 IDA AO CINEMA, À DISCOTECA, A BARES COM MÚSICA, E COMPRA DE DISCOS,
 SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo (completo)	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Foi pelo menos uma vez ao cinema no último mês	3,2	9,5	29,0	48,3	46,8	55,3	30,3
Foi pelo menos uma vez à discoteca no último mês	1,6	5,7	31,8	41,2	48,2	38,4	25,4
Foi pelo menos uma vez a um bar com música ao vivo no último mês	10,1	8,6	28,9	38,6	55,4	58,9	30,6
Compra regularmente discos	5,1	11,8	28,5	44,5	34,9	55,3	29,1
(N, ponderado)	(440)	(1540)	(759)	(811)	(539)	(848)	(4937)

Este quadro e os três seguintes devem ser lidos em coluna: 3,2% dos (440) inquiridos com menos do que o 1º ciclo foram pelo menos uma vez ao cinema no último mês, etc.

QUADRO XXVI
 IDA AO CINEMA, À DISCOTECA, A BARES COM MÚSICA, E COMPRA DE DISCOS,
 SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total
Foi pelo menos uma vez ao cinema no último mês	61,4	60,0	41,8	24,5	13,4	8,0	30,3
Foi pelo menos uma vez à discoteca no último mês	56,9	65,0	40,8	16,2	5,2		25,4
Foi pelo menos uma vez a uma bar com música ao vivo no último mês	45,7	59,6	44,9	30,6	15,0	5,6	30,6
Compra regularmente discos	54,4	50,1	38,6	34,8	13,3	5,5	29,1
(N, ponderado)	(452)	(597)	(987)	(813)	(1481)	(608)	(4937)

QUADRO XXVII
 IDA AO CINEMA, À DISCOTECA, A BARES COM MÚSICA, E COMPRA DE DISCOS,
 SEGUNDO O SEXO (% EM COLUNA)

	H	M	Total
Foi pelo menos uma vez ao cinema no último mês	43,2	19,5	30,3
Foi pelo menos uma vez à discoteca no último mês	39,9	13,4	25,4
Foi pelo menos uma vez a uma bar com música ao vivo no último mês	44,7	18,8	30,6
Compra regularmente discos	42,7	17,9	29,1
(N, ponderado)	(2242)	(2696)	(4937)

QUADRO XXVIII
 IDA AO CINEMA, À DISCOTECA, A BARES COM MÚSICA, E COMPRA DE DISCOS,
 SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL (% EM COLUNA)

	Dirigentes e liberais	Quadros intelectuais e científicos	Quadros médios	Pequenos independentes	Empregados	Operários industriais	Reformados	Domésticas	Estudantes	Outros, sem informação	Total
Foi pelo menos uma vez ao cinema no último mês	47,6	56,2	32,2	24,6	27,7	32,9	9,4	10,7	63,3	28,1	30,3
Foi pelo menos uma vez à discoteca no último mês	41,6	39,2	35,0	27,8	22,3	37,2	0,5	1,0	60,4	22,4	25,4
Foi pelo menos uma vez a um bar com música ao vivo no último mês	56,2	57,8	48,3	36,3	26,8	35,9	5,5	8,0	48,5	28,6	30,6
Compra regularmente discos	48,4	66,3	36,1	26,0	27,2	28,8	7,5	7,3	55,6	22,6	29,1
(N, ponderado)	(167)	(410)	(245)	(510)	(974)	(471)	(856)	(351)	(483)	(469)	(4937)

QUADRO XXIX

IDA AO CINEMA, À DISCOTECA, A BARES COM MÚSICA AO VIVO E COMPRA DE DISCOS,
SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO E A IDADE (% EM LINHA)

	Foi pelo menos uma vez ao cinema no último mês	Foi pelo menos uma vez à discoteca no último mês	Foi pelo menos uma vez a um bar com música ao vivo no último mês	Compra regularmente discos	Total	(N, ponderado)
< 1º ciclo	15-24				100,0	(10)
	25-44		13,2	13,2	100,0	(21)
	45-64	4,0	1,9	11,0	100,0	(229)
	65+	2,7		9,1	100,0	(180)
Total	3,2	1,6	10,1	5,1	100,0	(440)
1º ciclo (completo)	15-24	15,3	46,5	24,9	100,0	(45)
	25-44	11,5	11,1	12,5	100,0	(431)
	45-64	10,6	2,4	8,1	100,0	(758)
	65+	3,1		2,1	100,0	(306)
Total	9,5	5,7	8,6	11,8	100,0	(1540)
2º ciclo	15-24	54,2	62,3	44,8	100,0	(227)
	25-44	21,0	23,9	24,5	100,0	(334)
	45-64	9,6	13,2	23,2	100,0	(153)
	65+	27,1		14,0	100,0	(45)
Total	29,0	31,8	28,9	28,5	100,0	(759)
3º ciclo	15-24	64,8	53,4	48,2	100,0	(398)
	25-44	38,3	40,0	40,1	100,0	(261)
	45-64	20,7	14,1	10,9	100,0	(120)
	65+	27,9		11,4	100,0	(32)
Total	48,3	41,2	38,6	44,5	100,0	(811)
Secundário	15-24	58,6	68,0	63,5	100,0	(281)
	25-44	40,9	38,0	56,6	100,0	(181)
	45-64	11,2		25,5	100,0	(72)
	65+	100,0			100,0	(6)
Total	46,8	48,2	55,4	34,9	100,0	(539)
Superior	15-24	94,2	89,9	89,6	100,0	(88)
	25-44	55,6	40,4	60,5	100,0	(572)
	45-64	41,1	10,9	45,3	100,0	(150)
	65+	18,2		18,9	100,0	(39)
Total	55,3	38,4	58,9	55,3	100,0	(848)
Total	15-24	60,6	61,5	53,6	100,0	(1048)
	25-44	34,0	29,7	38,4	100,0	(1800)
	45-64	13,4	5,2	15,0	100,0	(1481)
	65+	8,0		5,6	100,0	(608)
Total	30,3	25,4	30,6	29,1	100,0	(4937)

QUADRO XXX
PRATICANTES DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO O SEXO,
POR CIDADE DE RESIDÊNCIA (% EM COLUNA)

		Masculino	Feminino	Total
AVEIRO	Foi uma ou várias vezes a um Museu de Arte	33,7	24,2	28,6
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Pintura ou Escultura	46,9	27,6	36,7
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Fotografia	24,2	21,4	22,7
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Clássica	18,3	11,9	14,9
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Jazz	9,3	4,3	6,7
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Rock/Pop	37,3	18,0	27,0
	Foi uma ou várias vezes a um Espectáculo de Música ligeira	25,4	21,3	23,2
	Foi uma ou várias vezes a uma Espectáculo de Teatro	24,8	16,4	20,3
	No último mês leu livros	29,5	26,5	27,9
	(N. ponderado)	(173)	(196)	(370)
BRAGA	Foi uma ou várias vezes a um Museu de Arte	31,1	22,8	26,7
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Pintura ou Escultura	36,3	26,4	31,0
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Fotografia	31,0	16,7	23,4
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Clássica	13,8	4,6	8,9
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Jazz	9,4	3,5	6,3
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Rock/Pop	36,4	16,4	25,7
	Foi uma ou várias vezes a um Espectáculo de Música ligeira	31,2	21,2	25,9
	Foi uma ou várias vezes a uma Espectáculo de Teatro	21,8	11,3	16,2
	No último mês leu livros	21,9	19,7	20,8
	(N. ponderado)	(347)	(397)	(743)
COIMBRA	Foi uma ou várias vezes a um Museu de Arte	31,8	22,1	26,5
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Pintura ou Escultura	45,5	28,2	36,0
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Fotografia	41,6	21,4	30,5
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Clássica	9,8	13,0	11,5
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Jazz	10,8	5,3	7,8
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Rock/Pop	47,6	22,4	33,8
	Foi uma ou várias vezes a um Espectáculo de Música ligeira	30,1	20,5	24,9
	Foi uma ou várias vezes a uma Espectáculo de Teatro	45,4	22,3	32,7
	No último mês leu livros	31,1	23,1	26,7
	(N. ponderado)	(369)	(449)	(818)
GUIMARÃES	Foi uma ou várias vezes a um Museu de Arte	25,9	18,6	22,0
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Pintura ou Escultura	25,6	26,5	26,1
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Fotografia	23,2	17,4	20,2
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Clássica	12,5	9,1	10,7
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Jazz	8,5	3,1	5,7
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Rock/Pop	29,6	20,7	25,0
	Foi uma ou várias vezes a um Espectáculo de Música ligeira	31,3	27,4	29,2
	Foi uma ou várias vezes a uma Espectáculo de Teatro	19,7	9,9	14,6
	No último mês leu livros	22,9	19,3	21,0
	(N. ponderado)	(236)	(259)	(494)
PORTO	Foi uma ou várias vezes a um Museu de Arte	30,0	13,7	20,9
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Pintura ou Escultura	27,5	12,4	19,1
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Fotografia	19,4	6,7	12,3
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Clássica	16,2	5,5	10,3
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Jazz	6,8	,6	3,4
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Rock/Pop	25,7	7,3	15,4
	Foi uma ou várias vezes a um Espectáculo de Música ligeira	23,7	18,7	20,9
	Foi uma ou várias vezes a uma Espectáculo de Teatro	27,2	17,5	21,8
	No último mês leu livros	19,9	14,8	17,1
	(N. ponderado)	(1117)	(1395)	(2512)
TOTAL	Foi uma ou várias vezes a um Museu de Arte	30,3	17,7	23,4
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Pintura ou Escultura	33,1	19,5	25,7
	Foi uma ou várias vezes a uma Exposição de Fotografia	25,6	12,7	18,6
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Clássica	14,6	7,4	10,7
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Jazz	8,2	2,3	5,0
	Foi uma ou várias vezes a um Concerto de Música Rock/Pop	32,3	13,2	21,9
	Foi uma ou várias vezes a um Espectáculo de Música ligeira	26,8	20,4	23,3
	Foi uma ou várias vezes a uma Espectáculo de Teatro	28,4	16,6	21,9
	No último mês leu livros	23,1	18,2	20,4
	(N. ponderado)	(2242)	(2696)	(4937)

QUADRO XXXI
ESTRUTURA DO PÚBLICO REGULAR DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL (% EM LINHA)

	Dirigentes e liberais	Quadros intelectuais e científicos	Quadros médicos	Pequenos independentes	Empre- gados	Operários industriais	Refor- mados	Domés- ticas	Estudan- tes	Outros, sem in- formação	Total	(N, ponderado)
Foi várias vezes, no último ano, a um museu de arte	8,9	28,1	3,9	6,6	15,4	3,4	10,0	3,7	13,1	6,9	100,0	(441)
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/cultura	9,0	27,4	8,1	7,4	11,3	3,5	9,5	4,9	11,7	7,3	100,0	(607)
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	11,1	25,0	8,5	6,7	11,2	3,6	12,1	2,7	13,6	5,5	100,0	(410)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	12,1	26,3	4,5	7,6	12,9	0,8	14,7	3,2	9,3	8,5	100,0	(208)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	7,1	28,3	6,7	5,1	12,1		14,3	0,9	24,1	1,4	100,0	(123)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	5,5	16,4	7,6	9,0	9,2	10,4	3,6	0,6	32,7	4,9	100,0	(615)
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	4,0	12,7	4,8	12,0	26,7	10,9	7,9	4,3	7,4	9,3	100,0	(526)
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	4,4	15,9	5,2	10,8	17,4	5,4	16,8	4,4	12,6	7,0	100,0	(543)
Prefere a programação da RTP2	13,5	36,7	5,7	9,2	7,9	0,8	5,4		14,5	6,2	100,0	(261)
Total	3,4	8,3	5,0	10,3	19,7	9,5	17,3	7,1	9,8	9,5	100,0	(4937)

QUADRO XXXII
PRATICANTES REGULARES DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A CATEGORIA SOCIOPROFISSIONAL (% EM COLUNA)

	Dirigentes e liberais	Quadros intelectuais e científicos	Quadros médicos	Pequenos independentes	Emprega- dos	Operários industriais	Reforma- dos	Domésti- cas	Estudan- tes	Outros, sem informa- ção	Total
Foi várias vezes, no último ano, a um museu de arte	23,4	30,2	7,1	5,7	7,0	3,2	5,2	4,6	12,0	6,5	8,9
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/cultura	32,5	40,5	20,1	8,8	7,1	4,5	6,7	8,5	14,6	9,4	12,3
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	27,3	25,0	14,3	5,3	4,7	3,1	5,8	3,1	11,6	4,8	8,3
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	15,1	13,3	3,8	3,1	2,8	0,4	3,6	1,9	4,0	3,8	4,2
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	5,2	8,5	3,4	1,3	1,5		2,1	0,3	6,1	0,4	2,5
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	20,3	24,6	19,1	10,8	5,8	13,6	2,6	1,1	41,6	6,5	12,5
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	12,6	16,3	10,3	12,3	14,5	12,1	4,9	6,4	8,1	10,4	10,7
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	14,3	21,1	11,6	11,5	9,7	6,2	10,7	6,8	14,1	8,1	11,0
Prefere a programação da RTP2	21,0	23,7	6,3	4,8	2,1	0,5	1,7		7,9	3,5	5,4
(N, ponderado)	(167)	(410)	(245)	(510)	(974)	(471)	(856)	(351)	(483)	(469)	(4937)

QUADRO XXXIII

ESTRUTURA DO PÚBLICO REGULAR DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A IDADE (% EM LINHA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total	(N, ponderado)
Foi várias vezes, no último ano, a um museu de arte	8,1	14,0	24,4	24,3	19,2	10,0	100,0	(441)
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	9,2	10,7	27,7	21,3	23,1	8,1	100,0	(607)
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	8,3	15,3	31,4	17,2	19,3	8,5	100,0	(410)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	4,5	8,9	25,6	23,0	21,0	16,9	100,0	(208)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	4,0	32,3	30,7	5,2	17,7	10,1	100,0	(123)
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	26,4	29,7	29,5	5,9	5,7	2,8	100,0	(615)
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	9,6	12,0	23,2	22,0	25,4	7,8	100,0	(526)
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	9,2	12,5	27,8	11,5	27,6	11,4	100,0	(543)
Preferiu a programação da RTP2	4,5	19,6	30,3	29,3	11,5	4,8	100,0	(261)
Total	9,1	12,1	20,0	16,5	30,0	12,3	100,0	(4937)

QUADRO XXXIV

PRATICANTES REGULARES DE ACTIVIDADES CULTURAIS, SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total
Foi várias vezes, no último ano, a um museu de arte	7,9	10,4	10,9	13,2	5,7	7,3	8,9
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de pintura/escultura	12,3	10,9	17,0	15,9	9,4	8,1	12,3
Foi várias vezes, no último ano, a uma exposição de fotografia	7,5	10,5	13,0	8,7	5,3	5,7	8,3
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música clássica	2,1	3,1	5,4	5,9	3,0	5,8	4,2
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de jazz	1,1	6,7	3,8	0,8	1,5	2,1	2,5
Foi várias vezes, no último ano, a um concerto de música moderna (rock/pop)	36,0	30,6	18,4	4,5	2,4	2,8	12,5
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de música ligeira (fado, cançonetas)	11,2	10,6	12,4	14,3	9,0	6,8	10,7
Foi várias vezes, no último ano, a um espectáculo de teatro	11,1	11,4	15,3	7,7	10,1	10,2	11,0
Preferiu a programação da RTP2	2,6	8,7	8,0	9,5	2,1	2,1	5,4
(N, ponderado)	(452)	(597)	(987)	(813)	(1481)	(608)	(4937)

QUADRO XXXV

RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS DE AVEIRO,
SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo completo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Conhece o <i>Teatro Aveirense</i>	100,0	96,8	94,7	97,9	100,0	100,0	97,8
Frequenta esporadicamente o <i>Teatro Aveirense</i>	74,0	92,6	85,0	88,3	91,6	89,1	87,6
Frequenta regularmente o <i>Teatro Aveirense</i>		4,2	9,6	5,7	8,4	9,1	6,2
Conhece o <i>Museu de Santa Joana</i>	92,3	98,5	94,7	97,9	94,4	96,3	96,3
Frequenta esporadicamente o <i>Museu de Santa Joana</i>	80,6	88,0	79,0	81,9	79,3	83,8	82,8
Frequenta regularmente o <i>Museu de Santa Joana</i>		7,5	15,7	2,9	11,9	7,9	7,7
Conhece o <i>Centro Cultural e de Congressos</i>	13,0	60,8	69,5	68,2	84,4	89,9	65,6
Frequenta esporadicamente o <i>Centro Cultural e de Congressos</i>		39,2	44,4	,4	6,1	58,9	40,2
Frequenta regularmente o <i>Centro Cultural e de Congressos</i>		2,7	4,2	,0	,1	2,4	10,9
Conhece a <i>Galeria Municipal</i>	17,1	56,9	71,9	75,7	72,4	87,8	65,7
Frequenta esporadicamente a <i>Galeria Municipal</i>	16,1	77,4	59,4	75,2	55,0	77,3	69,3
Frequenta regularmente a <i>Galeria Municipal</i>		1,7	17,1	19,9	22,3	18,3	14,8
Teve conhecimento da <i>FARAV</i>	84,3	83,7	94,7	87,6	96,8	95,0	89,6
Visitou a <i>FARAV</i>	28,6	46,3	66,9	60,9	69,2	71,8	57,4
Teve conhecimento da <i>Feira do Livro</i>	77,1	93,6	100,0	92,5	20,4	96,8	93,2
Visitou a <i>Feira do Livro</i>	9,5	34,4	47,4	58,3	76,5	74,4	49,2
Teve conhecimento dos <i>Encontros com Músicas</i>	20,8	37,4	60,3	42,0	70,1	69,3	48,9
Assistiu aos <i>Encontros com Músicas</i>		5,7	24,7	12,5	37,2	29,2	16,6
Conhece as actividades do <i>Teatro Efémero</i>	9,5	9,6	3,4	19,7	21,2	47,3	17,6
Conhece as actividades da <i>Companhia de Dança</i>	21,3	37,3	55,4	57,3	78,3	72,9	52,5
Conhece as actividades da <i>Orquestra de Câmara</i>	26,3	35,9	46,8	32,7	46,1	46,7	38,9
(N. ponderado)	(40)	(91)	(70)	(77)	(31)	(60)	(370)

Este quadro e os seguintes devem ser lidos em coluna: 100 % dos (40) inquiridos com menos do que o 1º ciclo conhecem o Teatro Aveirense, etc.

QUADRO XXXVI
 RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS DE BRAGA,
 SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo completo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Conhece o <i>Teatro Circo</i>	94,2	95,9	98,2	97,5	96,2	100,0	97,2
Frequenta esporadicamente o <i>Teatro Circo</i>	83,6	87,7	85,8	83,1	76,9	79,4	83,9
Frequenta regularmente o <i>Teatro Circo</i>		1,5	3,6	12,0	4,3	20,6	7,0
Conhece o <i>Museu dos Biscainhos</i>	83,6	90,0	96,4	93,8	90,7	96,0	92,7
Frequenta esporadicamente o <i>Museu dos Biscainhos</i>	46,5	64,2	68,2	77,6	77,5	73,1	69,1
Frequenta regularmente o <i>Museu dos Biscainhos</i>		3,0	1,8			12,0	3,0
Conhece a <i>Biblioteca Pública</i>	78,5	81,0	94,4	96,3	93,1	96,5	90,2
Frequenta esporadicamente <i>Biblioteca Pública</i>	34,9	54,7	71,6	86,0	78,2	66,5	67,1
Frequenta regularmente <i>Biblioteca Pública</i>			1,8	4,3		30,0	5,7
Conhece a <i>Casa dos Crivos</i>	51,5	77,2	76,7	75,1	79,1	96,0	77,9
Frequenta esporadicamente a <i>Casa dos Crivos</i>	24,5	47,2	46,5	57,5	45,0	80,8	52,3
Frequenta regularmente a <i>Casa dos Crivos</i>		3,7	13,5	9,7	2,7	15,2	8,3
Teve conhecimento dos <i>Encontros da Imagem</i>	15,7	27,6	43,3	46,1	54,5	79,0	44,0
Visitou os <i>Encontros da Imagem</i>		6,2	7,3	8,5	20,1	26,0	10,7
Teve conhecimento da <i>Feira do Livro</i>	57,1	73,5	79,7	87,5	91,7	100,0	82,1
Visitou a <i>Feira do Livro</i>		14,6	16,5	39,7	57,0	50,7	28,3
Teve conhecimento do <i>Festival de Teatro Amador</i>	21,9	36,6	41,5	52,2	54,3	66,7	45,9
Assistiu ao <i>Festival de Teatro Amador</i>		1,3		10,0	5,2	8,6	4,1
Conhece as actividades da <i>Companhia de Teatro de Braga</i>	5,1	21,1	36,8	44,4	53,3	65,8	37,7
Conhece as actividades da <i>Associação de Fotografia e Teatro Amador</i>		10,3	16,1	29,0	39,3	37,3	21,2
Conhece as actividades da <i>Rádio Universitária</i>		34,9	59,2	68,2	81,4	82,6	55,8
(N. ponderado)	(51)	(204)	(161)	(146)	(70)	(110)	(743)

QUADRO XXXVII
 RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS DE COIMBRA,
 SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo completo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Conhece o <i>Teatro Gil Vicente</i>	92,5	95,3	90,7	99,2	100,0	100,0	96,8
Frequenta esporadicamente o <i>Teatro Gil Vicente</i>	58,4	69,3	60,5	83,3	70,3	66,1	68,5
Frequenta regularmente o <i>Teatro Gil Vicente</i>		4,5	1,4	,4	26,3	33,9	12,9
Conhece o <i>Museu Machado de Castro</i>	78,5	85,0	83,9	83,3	91,1	95,2	87,1
Frequenta esporadicamente o <i>Museu Machado de Castro</i>	61,5	64,6	61,2	68,7	91,1	79,3	71,5
Frequenta regularmente o <i>Museu Machado de Castro</i>				,2		12,9	3,1
Conhece a <i>Casa da Cultura</i>	46,6	42,8	39,9	60,8	82,6	91,7	62,6
Frequenta esporadicamente a <i>Casa da Cultura</i>	9,9	18,5	16,2	32,2	71,0	62,2	36,8
Frequenta regularmente a <i>Casa da Cultura</i>			6,7	9,9	11,5	25,3	10,0
Conhece o <i>Círculo de Artes Plásticas</i>	1,8	5,5	5,0	8,7	23,3	37,6	15,5
Frequenta esporadicamente o <i>Círculo de Artes Plásticas</i>		3,1		8,7	10,3	23,5	9,0
Frequenta regularmente o <i>Círculo de Artes Plásticas</i>						6,9	1,6
Teve conhecimento dos <i>Encontros de Fotografia</i>	28,2	38,8	33,1	44,5	61,3	78,7	50,3
Visitou os <i>Encontros de Fotografia</i>	7,2	7,6		12,9	22,2	54,9	20,6
Teve conhecimento da <i>Feira do Livro</i>	80,8	84,8	85,1	74,0	95,4	100,0	87,7
Visitou a <i>Feira do Livro</i>	41,3	26,5	41,8	32,1	63,9	83,8	49,7
Teve conhecimento da <i>Semana Cultural da Queima</i>	86,5	91,8	96,0	89,9	100,0	99,8	94,4
Assistiu à <i>Semana Cultural da Queima</i>	54,2	31,4	34,8	48,4	90,4	67,3	53,5
Conhece as actividades da <i>Escola da Noite</i>	12,1	19,2	41,9	30,2	76,7	73,2	43,6
Conhece as actividades da <i>Rádio Universitária de Coimbra</i>	23,2	37,0	63,3	64,1	87,8	89,6	62,4
Conhece as actividades do <i>Centro de Estudos Fotográficos</i>	7,2	4,9	12,0	13,3	40,6	45,4	21,8
(N. ponderado)	(93)	(187)	(105)	(129)	(109)	(195)	(818)

QUADRO XXXVIII

RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS DE GUIMARÃES,
SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo completo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Conhece o <i>Paço Ducal</i>	82,2	80,1	69,1	87,9	93,8	100,0	81,0
Frequenta esporadicamente o <i>Paço Ducal</i>	69,2	73,0	64,8	82,1	84,3	73,2	72,5
Frequenta regularmente o <i>Paço Ducal</i>		3,0		3,9	9,5	26,8	4,2
Conhece o <i>Museu Alberto Sampaio</i>	86,5	81,3	88,0	96,1	100,0	100,0	88,4
Frequenta esporadicamente o <i>Museu Alberto Sampaio</i>	43,8	64,2	76,5	79,2	78,7	82,8	69,7
Frequenta regularmente o <i>Museu Alberto Sampaio</i>		2,7	5,9	11,2	12,7	17,2	6,2
Conhece a <i>Biblioteca Municipal Raúl Brandão</i>	50,3	67,4	91,6	91,8	100,0	94,1	79,6
Frequenta esporadicamente a <i>Biblioteca Municipal Raúl Brandão</i>	10,7	43,4	70,2	55,9	63,9	65,1	51,5
Frequenta regularmente a <i>Biblioteca Municipal Raúl Brandão</i>		1,7	7,9	19,4	28,1	29,0	9,5
Conhece a <i>Galeria Gomes Alves</i>	23,1	43,0	53,8	58,7	71,5	80,9	50,6
Frequenta esporadicamente a <i>Galeria Gomes Alves</i>	7,3	29,8	32,2	34,9	40,4	55,5	31,2
Frequenta regularmente a <i>Galeria Gomes Alves</i>		1,7	1,6	4,8	12,7	13,6	3,5
Teve conhecimento da <i>Marcha Gualteriana</i>	96,5	96,6	98,2	92,7	100,0	100,0	96,9
Assistiu à <i>Marcha Gualteriana</i>	44,5	71,4	75,7	77,7	70,6	33,1	67,6
Teve conhecimento do <i>Festival Gil Vicente</i>	51,4	69,1	70,0	73,7	89,3	95,9	71,4
Assistiu ao <i>Festival Gil Vicente</i>		14,6	9,8	16,9	27,3	46,6	15,2
Teve conhecimento do <i>Festival de Jazz</i>	19,9	58,5	61,7	77,6	86,6	92,2	62,2
Assistiu ao <i>Festival de Jazz</i>		1,7	3,7	9,7	19,2	21,6	5,9
Conhece as actividades da <i>Associação Cultural Convívio</i>	14,8	34,1	41,0	46,6	62,4	88,6	41,5
Conhece as actividades da <i>Sociedade Martins Sarmiento</i>	35,0	55,8	61,9	83,3	79,5	92,2	63,3
Conhece as actividades do <i>Teatro de Ensaio Raúl Brandão</i>	15,1	39,2	43,8	52,0	46,5	76,8	42,7
(N. ponderado)	(56)	(167)	(129)	(71)	(36)	(36)	(494)

QUADRO XXXIX

RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS DO PORTO,
SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO (% EM COLUNA)

	< 1º ciclo	1º ciclo completo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Superior	Total
Conhece o <i>Coliseu do Porto</i>	92,9	100,0	100,0	98,8	100,0	98,7	99,0
Frequenta esporadicamente o <i>Coliseu do Porto</i>	69,4	79,9	80,1	79,4	77,9	78,3	78,5
Frequenta regularmente o <i>Coliseu do Porto</i>	12,4	16,0	14,9	17,2	20,5	18,2	16,7
Conhece o <i>Museu Soares dos Reis</i>	45,5	66,2	75,1	73,6	85,7	86,3	72,6
Frequenta esporadicamente o <i>Museu Soares dos Reis</i>	22,4	41,1	43,5	56,0	60,3	61,3	48,0
Frequenta regularmente o <i>Museu Soares dos Reis</i>		4,8	3,5	3,4	8,0	16,5	6,5
Conhece a <i>Casa das Artes</i>	8,1	22,9	44,9	30,1	65,1	73,6	39,4
Frequenta esporadicamente a <i>Casa das Artes</i>	2,4	8,7	24,4	18,7	35,9	41,3	20,5
Frequenta regularmente a <i>Casa das Artes</i>		2,4	1,6	3,3	2,8	13,8	4,4
Conhece a <i>Cooperativa Árvore</i>	17,6	29,1	44,7	37,9	62,1	69,7	42,4
Frequenta esporadicamente a <i>Cooperativa Árvore</i>	2,4	13,5	27,6	21,1	33,5	43,6	23,2
Frequenta regularmente a <i>Cooperativa Árvore</i>		2,9	2,8	3,2	4,2	14,5	4,9
Teve conhecimento do <i>Fantasporto</i>	30,8	60,2	85,7	91,1	87,9	98,9	75,7
Assistiu ao <i>Fantasporto</i>		2,5	1,3	15,4	8,3	20,2	8,0
Teve conhecimento da <i>Feira do Livro</i>	70,7	86,4	98,1	98,5	91,4	98,9	91,2
Visitou a <i>Feira do Livro</i>	22,2	21,1	29,8	26,7	49,0	59,8	33,2
Teve conhecimento do <i>Festival Europeu de Jazz</i>	23,2	23,8	42,7	28,0	53,0	58,5	36,2
Assistiu ao <i>Festival Europeu de Jaz</i>		0,5		0,9	1,5	1,2	0,7
Conhece as actividades do <i>Teatro de Marionetas do Porto</i>	10,9	23,3	43,4	38,1	50,7	54,3	35,7
Conhece as actividades do <i>Canto Nono</i>	5,7	4,7	1,9	6,5	19,0	29,6	10,8
Conhece as actividades da <i>Seiva Trupe</i>	33,5	56,5	68,1	82,4	81,0	89,9	68,8
(N. ponderado)	(200)	(890)	(293)	(388)	(293)	(448)	(2512)

QUADRO XL

RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS EM AVEIRO,
SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65 e +	Total
Conhece o <i>Teatro Aveirense</i>	89,6	97,8	100,0	100,0	98,6	97,3	97,8
Frequenta esporadicamente o <i>Teatro Aveirense</i>	80,0	88,5	81,5	95,7	90,5	87,0	87,6
Frequenta regularmente o <i>Teatro Aveirense</i>	6,4		11,6	4,3	6,4	4,8	6,2
Conhece o <i>Museu de Santa Joana</i>	94,9	97,8	94,0	97,3	95,3	100,0	96,3
Frequenta esporadicamente o <i>Museu de Santa Joana</i>	88,1	81,9	75,1	81,6	86,9	84,1	82,8
Frequenta regularmente o <i>Museu de Santa Joana</i>		8,0	10,4	11,2	5,0	10,4	7,7
Conhece o <i>Centro Cultural e de Congressos</i>	78,8	61,2	71,2	74,7	66,6	38,4	65,6
Frequenta esporadicamente o <i>Centro Cultural e de Congressos</i>	45,2	51,3	41,6	49,1	37,1	22,7	40,2
Frequenta regularmente o <i>Centro Cultural e de Congressos</i>	18,3	4,3	21,0	5,5	9,0	5,4	10,9
Conhece a <i>Galeria Municipal</i>	55,5	73,6	82,9	73,9	63,6	39,8	65,7
Frequenta esporadicamente a <i>Galeria Municipal</i>	65,4	75,7	67,9	65,5	75,7	61,3	69,3
Frequenta regularmente a <i>Galeria Municipal</i>	28,6		21,5	10,4	10,9	16,9	14,8
Teve conhecimento da <i>FARAV</i>	78,9	84,4	88,1	91,3	98,8	86,0	89,6
Visitou a <i>FARAV</i>	52,4	45,9	64,3	70,5	62,3	36,2	57,4
Teve conhecimento da <i>Feira do Livro</i>	92,7	86,4	89,1	100,0	96,5	89,1	93,1
Visitou a <i>Feira do Livro</i>	59,1	47,9	61,3	52,2	41,2	35,9	49,2
Teve conhecimento dos <i>Encontros com Músicas</i>	53,3	63,5	49,7	46,2	50,6	35,8	48,9
Assistiu aos <i>Encontros com Músicas</i>	16,6	29,0	20,8	13,8	14,6	10,1	16,6
Conhece as actividades do <i>Teatro Efêmero</i>	15,8	8,7	36,6	14,7	9,4	15,9	17,6
Conhece as actividades da <i>Companhia de Dança</i>	58,9	41,5	59,2	66,7	46,8	38,1	52,5
Conhece as actividades da <i>Orquestra de Câmara</i>	34,4	28,7	47,6	27,5	40,3	47,6	38,9
(N, ponderado)	(44)	(34)	(76)	(65)	(93)	(57)	(370)

QUADRO XLI

RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS EM BRAGA,
SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65 e +	Total
Conhece o <i>Teatro Circo</i>	97,3	93,5	98,4	97,3	98,4	97,1	97,2
Frequenta esporadicamente o <i>Teatro Circo</i>	67,1	79,2	86,6	90,2	84,2	87,5	83,9
Frequenta regularmente o <i>Teatro Circo</i>	21,2	5,9	6,7	4,5	5,7	4,0	7,0
Conhece o <i>Museu dos Biscaínhos</i>	94,6	87,6	93,4	94,4	93,6	92,2	92,7
Frequenta esporadicamente o <i>Museu dos Biscaínhos</i>	86,8	70,8	64,9	76,1	63,1	64,3	69,1
Frequenta regularmente o <i>Museu dos Biscaínhos</i>		2,6	3,6		5,5	4,0	3,0
Conhece a <i>Biblioteca Pública</i>	97,3	89,3	89,0	90,9	94,7	80,7	90,2
Frequenta esporadicamente <i>Biblioteca Pública</i>	87,1	63,4	70,0	70,7	65,5	50,7	67,1
Frequenta regularmente <i>Biblioteca Pública</i>		8,5	7,4	8,1	3,4	4,0	5,7
Conhece a <i>Casa dos Crivos</i>	72,1	64,5	79,0	86,3	78,7	83,9	77,9
Frequenta esporadicamente a <i>Casa dos Crivos</i>	61,2	30,7	57,9	58,3	50,4	55,6	52,3
Frequenta regularmente a <i>Casa dos Crivos</i>		13,7	6,9	8,8	9,8	8,3	8,3
Teve conhecimento dos <i>Encontros da Imagem</i>	61,5	31,1	54,3	50,0	39,9	26,4	44,0
Visitou os <i>Encontros da Imagem</i>	18,2	2,4	13,3	11,6	14,5	2,9	10,7
Teve conhecimento da <i>Feira do Livro</i>	76,6	94,3	84,8	80,6	84,7	64,9	82,1
Visitou a <i>Feira do Livro</i>	40,3	39,7	28,7	31,5	24,0	9,8	28,3
Teve conhecimento do <i>Festival de Teatro Amador</i>	53,8	44,5	42,0	53,3	56,1	25,4	45,9
Assistiu ao <i>Festival de Teatro Amador</i>	7,1	6,0	4,1		7,1		4,1
Conhece as actividades da <i>Companhia de Teatro de Braga</i>	52,8	44,2	30,3	53,0	37,9	16,5	37,7
Conhece as actividades da <i>Associação de Fotografia e Teatro Amador</i>	41,9	26,4	16,5	25,8	20,2	6,9	21,2
Conhece as actividades da <i>Rádio Universitária</i>	83,4	74,1	62,5	57,5	41,3	23,9	55,8
(N, ponderado)	(69)	(112)	(192)	(113)	(155)	(101)	(743)

QUADRO XLII

RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS EM COIMBRA, SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65 e +	Total
Conhece o <i>Teatro Gil Vicente</i>	99,6	98,2	96,4	98,9	95,9	94,5	96,8
Frequenta esporadicamente o <i>Teatro Gil Vicente</i>	66,0	68,8	66,9	84,4	60,6	76,8	68,5
Frequenta regularmente o <i>Teatro Gil Vicente</i>	,9	23,6	20,0	9,4	8,0	10,4	12,9
Conhece o <i>Museu Machado de Castro</i>	85,2	86,8	90,9	87,5	88,4	77,4	87,1
Frequenta esporadicamente o <i>Museu Machado de Castro</i>	56,1	80,3	88,3	69,8	66,2	53,1	71,5
Frequenta regularmente o <i>Museu Machado de Castro</i>	,4			4,9	3,9	10,4	3,1
Conhece a <i>Casa da Cultura</i>	94,3	81,5	67,7	73,5	41,5	56,3	62,6
Frequenta esporadicamente a <i>Casa da Cultura</i>	58,5	61,0	49,1	45,1	17,3	14,9	36,8
Frequenta regularmente a <i>Casa da Cultura</i>	7,6	14,1	9,6	9,9	4,4	21,8	10,0
Conhece o <i>Circulo de Artes Plásticas</i>	10,3	21,0	25,7	18,5	8,9	6,5	15,5
Frequenta esporadicamente o <i>Circulo de Artes Plásticas</i>		10,3	13,4	13,9	6,3	6,5	9,0
Frequenta regularmente o <i>Circulo de Artes Plásticas</i>			4,4	4,5			1,6
Teve conhecimento dos <i>Encontros de Fotografia</i>	44,2	62,2	62,5	61,7	37,0	39,8	50,3
Visitou os <i>Encontros de Fotografia</i>	1,7	22,2	42,2	18,8	11,5	11,7	20,6
Teve conhecimento da <i>Feira do Livro</i>	89,7	91,5	90,1	98,3	82,0	81,7	87,7
Visitou a <i>Feira do Livro</i>	50,0	58,7	54,7	57,6	46,3	31,0	49,7
Teve conhecimento da <i>Semana Cultural da Queima</i>	89,7	100,0	97,7	94,8	96,6	79,4	94,4
Assistiu à <i>Semana Cultural da Queima</i>	68,2	83,8	62,4	55,9	37,2	34,4	53,5
Conhece as actividades da <i>Escola da Noite</i>	49,6	73,8	62,2	42,8	23,4	23,1	43,6
Conhece as actividades da <i>Rádio Universitária de Coimbra</i>	90,2	87,3	88,5	49,8	36,6	44,8	62,4
Conhece as actividades do <i>Centro de Estudos Fotográficos</i>	10,3	43,4	41,2	14,3	4,5	18,2	21,8
(N. ponderado)	(60)	(105)	(201)	(99)	(252)	(102)	(818)

QUADRO XLIII

RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS EM GUIMARÃES, SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65 e +	Total
Conhece o <i>Paço Ducal</i>	56,2	90,2	81,7	84,0	84,4	88,0	81,0
Frequenta esporadicamente o <i>Paço Ducal</i>	52,6	84,5	78,0	73,1	77,0	61,4	72,5
Frequenta regularmente o <i>Paço Ducal</i>	3,6		2,2	5,7	2,0	17,6	4,2
Conhece o <i>Museu Alberto Sampaio</i>	79,0	80,5	89,8	98,4	91,1	79,0	88,4
Frequenta esporadicamente o <i>Museu Alberto Sampaio</i>	63,1	66,9	76,9	73,9	69,2	59,7	69,7
Frequenta regularmente o <i>Museu Alberto Sampaio</i>	9,8	6,5	5,3	5,7	4,9	7,6	6,2
Conhece a <i>Biblioteca Municipal Raúl Brandão</i>	88,8	77,0	89,4	76,6	75,1	69,0	79,6
Frequenta esporadicamente a <i>Biblioteca Municipal Raúl Brandão</i>	55,7	58,2	63,9	46,9	45,2	40,7	51,5
Frequenta regularmente a <i>Biblioteca Municipal Raúl Brandão</i>	29,7	13,0	7,2	4,0	4,2	7,6	9,5
Conhece a <i>Galeria Gomes Alves</i>	51,0	41,4	67,3	44,0	52,7	36,9	50,6
Frequenta esporadicamente a <i>Galeria Gomes Alves</i>	28,1	26,5	43,8	28,6	30,2	25,5	31,2
Frequenta regularmente a <i>Galeria Gomes Alves</i>	5,1	3,5	3,5	4,0	1,0	7,6	3,5
Teve conhecimento da <i>Marcha Gualteriana</i>	90,1	91,1	100,0	100,0	99,0	95,6	96,9
Assistiu à <i>Marcha Gualteriana</i>	71,7	74,9	76,7	73,8	48,6	74,2	67,6
Teve conhecimento do <i>Festival Gil Vicente</i>	62,6	66,0	78,4	71,5	79,1	54,2	71,4
Assistiu ao <i>Festival Gil Vicente</i>	8,9	20,4	17,5	11,9	12,8	28,9	15,2
Teve conhecimento do <i>Festival de Jazz</i>	63,3	62,8	71,5	65,5	62,2	32,2	62,2
Assistiu ao <i>Festival de Jazz</i>	7,8	8,5	12,5		3,1	7,7	5,9
Conhece as actividades da <i>Associação Cultural Convívio</i>	38,3	18,7	45,1	45,6	50,7	31,6	41,5
Conhece as actividades da <i>Sociedade Martins Sarmiento</i>	63,3	60,4	63,2	58,0	71,5	55,7	63,3
Conhece as actividades do <i>Teatro de Ensaio Raúl Brandão</i>	46,0	39,5	44,3	35,2	50,3	34,3	42,7
(N. ponderado)	(67)	(58)	(90)	(105)	(130)	(44)	(494)

QUADRO XLIV
 RELAÇÃO COM EQUIPAMENTOS, ACONTECIMENTOS E CRIADORES CULTURAIS DO PORTO,
 SEGUNDO A IDADE (% EM COLUNA)

	15-19	20-24	25-34	35-44	45-64	65+	Total
Conhece o <i>Coliseu do Porto</i>	97,9	100,0	98,7	100,0	98,9	98,4	99,0
Frequenta esporadicamente o <i>Coliseu do Porto</i>	81,2	84,2	74,5	83,0	73,6	84,4	78,5
Frequenta regularmente o <i>Coliseu do Porto</i>	10,3	13,3	20,1	14,6	21,5	9,3	16,7
Conhece o <i>Museu Soares dos Reis</i>	66,7	75,4	79,6	78,7	71,2	59,3	72,6
Frequenta esporadicamente o <i>Museu Soares dos Reis</i>	54,9	51,2	49,3	56,4	45,0	35,1	48,0
Frequenta regularmente o <i>Museu Soares dos Reis</i>		3,2	8,0	10,9	6,9	4,7	6,5
Conhece a <i>Casa das Artes</i>	41,1	47,2	41,1	57,6	31,4	24,7	39,4
Frequenta esporadicamente a <i>Casa das Artes</i>	29,1	15,4	21,7	32,5	14,9	16,6	20,5
Frequenta regularmente a <i>Casa das Artes</i>	3,8	5,0	5,6	4,5	4,1	2,8	4,4
Conhece a <i>Cooperativa Árvore</i>	27,8	38,9	45,8	61,1	41,0	28,9	42,4
Frequenta esporadicamente a <i>Cooperativa Árvore</i>	16,0	15,8	27,7	37,1	21,4	13,9	23,2
Frequenta regularmente a <i>Cooperativa Árvore</i>	1,7	4,7	4,7	5,7	5,6	4,4	4,9
Teve conhecimento do <i>Fantasporto</i>	83,9	91,0	89,9	82,5	66,1	53,1	75,7
Assistiu ao <i>Fantasporto</i>	15,3	14,9	15,1	7,6	1,8	4,5	8,0
Teve conhecimento da <i>Feira do Livro</i>	100,0	100,0	95,4	94,0	89,4	71,7	91,2
Visitou a <i>Feira do Livro</i>	32,9	40,9	39,9	38,6	30,9	15,2	33,2
Teve conhecimento do <i>Festival Europeu de Jazz</i>	25,1	36,8	45,0	47,6	31,7	27,5	36,2
Assistiu ao <i>Festival Europeu de Jaz</i>	1,7	3,4			0,6		0,7
Conhece as actividades do <i>Teatro de Marionetas do Porto</i>	50,2	37,9	41,7	39,5	30,7	23,7	35,7
Conhece as actividades do <i>Canto Nono</i>	6,3	8,3	11,0	23,1	7,7	7,6	10,8
Conhece as actividades da <i>Seiva Trupe</i>	78,8	74,3	75,9	78,9	66,7	38,5	68,8
(N. ponderado)	(211)	(288)	(428)	(431)	(851)	(304)	(2512)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONDE, Idalina, 1997: “Cenários culturais em Portugal (1979-1995)”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, 23: 117-188.

DONNAT, Olivier, 1994: *Les Français face à la Culture. De l'Exclusion à l'Eclectisme*, Paris, La Découverte, 369 pp.

DONNAT, Olivier, 1996: *Les Amateurs. Enquête sur les activités artistiques des Français*. Paris, Ministère de la Culture/ Direction de L'Administration Générale, 229 pp.

FERNANDES, António Teixeira *et al.*, 1998: *Práticas e Aspirações Culturais. Os Estudantes da Cidade do Porto*. Porto, Edições Afrontamento/Câmara Municipal do Porto, 266 pp.

PAIS, José Machado *et al.*, 1994: *Práticas Culturais dos Lisboetas. Resultados do Inquérito Realizado em 1994 aos Habitantes da Grande Lisboa*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 539 pp.

SANTOS, Helena; FARIA, Margarida Lima de; ABREU, Paula, 1998: *Hábitos Culturais e Práticas de Lazer da População do Concelho de Aveiro*, Centro de Estudos Sociais/Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 92 pp.

SILVA, Augusto Santos e SANTOS, Helena, 1995: *Prática e Representação das Culturas. Um Inquérito na Área Metropolitana do Porto*, Porto, Centro Regional de Artes Tradicionais, 122 pp.

SILVA, Augusto Santos; BABO, Elisa Pérez; SANTOS, Helena; GUERRA, Paula, 1998a: “Agentes culturais e públicos para a cultura: alguns casos ilustrativos de uma difícil relação”, *Cadernos de Ciências Sociais*, 18: 67-105.

SILVA, Augusto Santos, LUVUMBA, Felícia, SANTOS, Helena; ABREU, Paula, 1998b: *Públicos para a Cultura, na Cidade do Porto. Coimbra*, Centro de Estudos Sociais/Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 113 pp. [Porto, Edições Afrontamento/ Câmara Municipal do Porto (no prelo)]